

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Riquezas que se podem encontrar nos bolsos de um guarda-pó
– pensando o processo de formação de
professoras das séries iniciais

Autora: MARIANY ALMEIDA MONTINO

Orientador: PEDRO DA CUNHA PINTO NETO

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNI CAMP**

Montino, Mariany Almeida.
M767r Riquezas que se podem encontrar nos bolsos de um guarda-pó : pensando
a formação de professoras das séries iniciais / Mariany Almeida Montino. –
Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Pedro Cunha Pinto Neto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Professores – Formação. 2. História de vida. 3. Alfabetização.
4. Prática docente. I. Pinto Neto, Pedro Cunha . II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-29

POR TODAS AS MÃOS

Algumas de nossas experiências são tão valorosas e nos trazem tantos ganhos, que fazem despertar uma vontade gigante de compartilhar com os amigos, principalmente com aqueles que nos oferecem as mãos e nos acolhem nos momentos mais importantes. E é a isso que me proponho nestas poucas linhas.

Sem dúvida há que se empenhar grande força pessoal para desenvolver uma tarefa como esta, mas o apoio de todas as mãos que se erguem a nosso favor é imprescindível para a sua concretude. E é a essas mãos que dedico o resultado deste trabalho:

A Deus por me confiar esta tarefa, dando-me todas as condições para realizá-la;

À minha família, por serem todos quem são e por ajudarem a me tornar o que sou. Em especial a meu irmão André, ele sabe porque;

Ao querido orientador Prof.Dr. Pedro Cunha Pinto Neto, por acreditar em mim mais do que eu, desde o começo. Pelo comprometimento, pela paciência e por agir comigo, desde sempre, como o amigo que não solta a mão do outro, não importa o que aconteça;

À Prefeitura Municipal de Bragança Paulista, na gestão do exmo.sr. Prefeito Dr. Jesus Adib Abi Chedid, pelo consentimento de uma licença sem vencimentos nos últimos dez meses, que me permitiu, afastando-me das atividades docentes, dedicar-me integralmente à pesquisa;

Aos amigos e freqüentadores do Núcleo Assistencial Espírita “Casa do Pão”, por acompanharem minha luta, por compreenderem minha ausência nas atividades da casa e pelo carinho com que me acolheram na hora de retornar;

À prof^a Odete por me dizer a coisa certa, na hora certa; ao prof^o Dujardis por me mostrar o caminho; à Cátia, William e Miguel por estarem sempre por perto e comemorarem comigo cada uma de minhas conquistas;

Às queridas professoras Fátima, Estela, Edna e Ednéa, que se dispuseram carinhosamente a compartilhar comigo suas histórias de formação;

Às queridas colegas professoras da rede municipal de Bragança Paulista, com as quais pude, durante tempo precioso, compartilhar minhas idéias e meus ideais de educação e que, ainda que não saibam, colaboraram muito para o desenvolvimento deste trabalho;

A todos os que não foram citados, mas que de uma ou de outra forma deixaram suas marcas nas páginas deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão de bolsa para a realização de parte do Curso de Mestrado.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação, da Biblioteca Prof. Joel Martins e da Diretoria Acadêmica, pelo atendimento sempre cordial.

Ao Prof.Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite, por ter participado do exame de qualificação, oferecendo valiosas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa. À Profa.Dra. Eulina Pacheco Lutfi por fazer parte da banca examinadora de defesa, e à Profa.Dra. Roseli Aparecida Cação Fontana, por participar do exame de qualificação e da banca examinadora de defesa, pela leitura atenciosa que ambas dedicaram à dissertação e por suas significativas considerações.

SUMÁRIO

RESUMO	I
APRESENTAÇÃO	1
I. REENCONTROS AO CHÁ DAS CINCO	8
II. ENTRE CURVAS, LEMBRANÇAS E HIBISCOS	22
2.1. Minhas primeiras impressões	32
2.2. “Os fios” de Ariadne	34
2.2.1. Postura firme	34
2.2.2. As práticas	35
2.2.3. A auto-superação	36
2.2.4. Pesos e medidas	39
III. DO TIJOLO AO LÁPIS – AS MESMAS MÃOS	41
3.1. Cruzando caminhos	50
3.2. Sob “olhos de ver”- um dia como os outros	57
3.3. Tempos & tramas	59
3.3.1. A crença – “Todos podem aprender”	59
3.3.2. O trabalho diferenciado – Cada um é um	61
3.3.3. Fogueira para as cartilhas	62
3.3.4. Vivendo e aprendendo	63
3.3.5. Uma formando a outra	65
CONCLUSÃO – POR ALÉM DOS MUROS	68
REFERÊNCIAS	72
BIBLIOGRAFIA	75
ANEXOS	77

RESUMO

Esta pesquisa tem suas bases na abordagem (auto)biográfica, também conhecida como “histórias da vida” e tem por objetivo, buscar indícios que possam apontar para a constituição do processo de formação docente. Para tanto, além de descrever minha trajetória docente, busquei entrevistar duas outras professoras de séries iniciais do ensino fundamental. Os depoimentos dessas professoras apontavam, entre outros elementos, forte influência de outras professoras em seu processo de formação, o que me incentivou a também entrevistá-las. A fim de facilitar a leitura dos depoimentos, optei por transcrevê-los para a forma narrativa. A partir das narrativas, proponho um olhar mais acentuado sobre a origem de alguns elementos que possam ter contribuído no processo de formação dessas profissionais. Tal análise sugere que a professora como construtora de cultura e saberes, traz em sua formação princípios e valores, experiências diversas enquanto aluna, conhecimentos advindos de diferentes leituras e dos cursos de formação e capacitação, influências de outras profissionais, trocas de experiências com as colegas, bem como vivências do dia-a-dia na sala de aula, enfim, fatores que se entrecruzam e vão aos poucos construindo o ser professora.

ABSTRACT

This research has as its basis the (auto) biographic approach, also known as “life stories”. Its objective is to improve the understanding of teacher’s graduation process and the make up of his acting in classroom. For the development of this work, it was used as object of analysis, my own teaching experience together with two other teachers of the first grade of fundamental education. In this way, besides my own report, I present details of the education history of these teachers, added up to reports of those who have influenced their education. The testimonies of the interviewed teachers were transcribed in narrative form. From the reading of these narratives, I propose to consider more stressed view over the origin of some elements, which show up as important to the education of these professionals. Such an analysis show signs that teacher as a builder of culture and learning, brings in his education principles and values, various experiences while student, knowledge coming from multiple readings and from graduation and training courses, influence of other professionals, experiences exchange with colleagues, as well as every day experiences in classroom, in short, intercourse factors that go gradually building the being of a teacher and establishing his practices.

APRESENTAÇÃO

A profissionalização do professor tem sido um tema bastante discutido, principalmente nas duas últimas décadas. Vários trabalhos apontam para a necessidade de uma reflexão sobre os programas de formação inicial e continuada, buscando superar modelos de formação que concebem a atividade docente como sendo exclusivamente técnica e denunciando a impossibilidade de separar o *eu pessoal* do *eu profissional*, sobretudo numa profissão impregnada de valores e fortemente vinculada às relações inter-pessoais. Tais conclusões apontam, entre outras coisas, para a inviabilidade da construção de conhecimentos pedagógicos que ignorem as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente.

Para Nóvoa, essas discussões trazem algumas verdades “tão simples que pareciam não merecer atenção especial”:

No professor, não é possível separar as dimensões pessoais e profissionais; a forma como cada um vive a profissão de professor é tão (ou mais) importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite; os professores constroem a sua identidade por referência a saberes (práticos e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores etc. Donde a afirmação radical de que não há dois professores iguais e de que a identidade que cada um de nós constrói como educador baseia-se num equilíbrio único entre as características pessoais e os percursos profissionais. (NÓVOA, 1995a, p.33)

Tais orientações provêm de uma concepção que destaca o professor como um profissional capaz de refletir sobre o seu trabalho e sobre o contexto em que este ocorre, que toma decisões, emite juízos e que possui, desenvolve e cria conhecimentos. Na visão de Silva, R.C. (2000), o professor aparece como:

... um ser social, constituído e constituinte de seu meio. Como pessoa, age e sofre as ações de sua sociedade: ele constrói e é construído por ela. A sociedade é feita por ele e ele é feito por ela; portanto, o professor é um construtor da cultura e de saberes e, ao mesmo tempo, é construído por eles. (p.25)

Em contato com trabalhos que trazem reflexões sobre a formação docente, despertou-me curiosidade diante do especial interesse que, segundo Nóvoa (1995a), a ciência pós-moderna vem revelando pelo dito *senso comum* aparentemente presente no processo de formação dos

professores, “não para com ele se confundir, mas para se aproximar das realidades terrenas contra as quais, em tempos, o discurso científico procurou edificar-se” (p.32).

Com isso, optei por avançar no conhecimento e nas atuais discussões sobre esta profissão, que é a minha, buscando garimpar prováveis riquezas que eventualmente se escondam por trás de um avental ou guarda pó, como queiram os mais antigos.

Isto me levou ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa, pelo qual busco através da análise da trajetória de professoras das séries iniciais do ensino fundamental, compreender o processo de formação dessas profissionais. Considerando processo de formação, como apresentado por Moita (1995), como a “dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma, em interação.” (p.115)

Para desenvolver o trabalho, optei pela abordagem (auto) biográfica, conhecida também como “histórias da vida”, pela pertinência diante do objeto de pesquisa, que me permite lidar de forma mais flexível com a subjetividade do tema, e ainda, por concordar com Moita (1995), no sentido de que “Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos.” (p.116)

Segundo Moraes (2004), o método biográfico para estudos sobre a formação de professores, tem sido usado mais recentemente a partir da década de 90. Para Nóvoa (1988) a utilização do método biográfico ou histórias de vida, pode favorecer, em muito, a busca de um novo conceito de formação docente.

Na definição de Queiroz (1988), história de vida aparece como “o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu.” (p.20)

Autores como Nóvoa (1995b), Goodson (1995), Moita (1995), Huberman (1995), Kramer (1998), Tardif (2000), Dominicé (1988), Chené (1988), Larrosa (1996), entre outros, afirmam que ouvir as narrativas das histórias de vida dos professores pode oportunizar momentos de reflexão, revelando alternativas que podem ajudar na sua formação e na de outros docentes.

No primeiro capítulo, intitulado “Reencontros ao chá das cinco”, descrevo minha trajetória como educadora, desde a época da adolescência, quando fiz a opção pelo magistério e posteriormente pela Pedagogia. Relato minha experiência com a pré-escola e as séries iniciais do

ensino fundamental, onde atuei também como alfabetizadora e descrevo a atuação em cargos comissionados de direção, coordenação pedagógica e supervisão escolar na Secretaria Municipal de Educação de Bragança Paulista, provavelmente onde começou a despertar meu interesse pelo tema.

Não que houvesse premeditado expor e descrever minhas vivências, contudo, no decorrer da pesquisa, os relatos de minhas colegas foram me soando bastante *familiares* e suas reflexões despertaram também as minhas, e aos poucos fui percebendo que pensar sobre meu próprio processo de formação ajudava-me a compreender também os seus. Entendendo, conforme Dominicé (1990), que “o saber sobre a formação provém da própria reflexão daqueles que se formam”. (p.24)

Os cargos comissionados me permitiram um contato maior com as professoras da rede municipal e um certo conhecimento de suas posturas e práticas pedagógicas. Tal conhecimento me permitiu fazer as escolhas no momento de desenvolver minha pesquisa.

As professoras¹ Ana² e Helena³ pareciam despertar a estima e admiração das colegas por motivos diferentes que me chamaram especialmente a atenção. O primeiro a fazer, seria entrevistá-las, afinal ninguém melhor do que elas para falar sobre elas mesmas, sobre as situações com as quais se defrontaram, os desafios do início da carreira, as dúvidas, as escolhas das metodologias, as expectativas e frustrações, ainda que, para Huberman (1995), uma narração seja, em grande parte, mais uma reinterpretação do que um relato, e que a recordação do passado seja mais criação que reprodução, “o resultado de uma tentativa de pôr ordem em acontecimentos que tinham outra ordem no momento em que foram vividos”. (p.58)

Antes das entrevistas porém, tomei permissão para uma visita às suas classes. Queria, antes de mais nada, construir minha própria representação sobre elas, observar seu relacionamento com os alunos, a maneira como propõem e desenvolvem as atividades, como corrigem as tarefas, como são os cadernos dos alunos, enfim, procurava indícios que me ajudassem a compreender *de onde* elas estariam falando comigo.

¹ Para preservar a identidade das professoras entrevistadas, bem como das instituições às quais se referem, os nomes são fictícios.

² Ana, 46, formada em 1975 no curso normal do Instituto Educacional Sagrado Coração de Jesus, um tradicional colégio de freiras, no município de Bragança Paulista, começou a lecionar em 1977. A época da entrevista, trabalhava com uma turma de CI-2ª etapa (2ª série do ensino fundamental).

³ Helena, 38, formada em 1985, no curso de magistério de uma escola estadual no município de Bragança Paulista, começou a trabalhar em 1986 com uma turma de educação infantil. Lecionou cerca de dez anos na zona rural, com

As impressões advindas dessas visitas são apresentadas em breves relatos que antecedem as narrativas, intitulados – “Minhas primeiras impressões” e “Sob olhos de ver – um dia como os outros”.

A professora Ana sempre foi tida entre as colegas em alto conceito. “- Como ela podia conseguir aquele silêncio na sala, ainda que o resto da escola estivesse desabando?”; “- Como podia se ausentar da sala e ao retornar encontrar os alunos concentrados em seus afazeres, como se nunca tivesse saído?”

Um certo ar de deboche, fala firme e gestos expressivos, principalmente ao falar de suas certezas, entre elas, a própria profissão. Alegre, segura de si, a professora Ana dava a impressão de que tinha muito o que contar. Acertei!

Sua fala me soava aos ouvidos impregnada de detalhes que aos poucos iam se juntando e desenhando a imagem viva e marcante de outra personagem – tia Sofia⁴. Resolvi então, me aventurar na estreita e sinuosa estrada de Joanópolis para ouvi-la de perto. De tão parecidas, permitiram-me juntar as duas numa só história, dando-me, e certamente dará ao leitor a impressão de que a sua formação e aquilo que levam para a sala de aula, estão muito além do que absorveram nos bancos dos cursos de magistério ou cursos de complementação. Somam-se num amontoado de saberes que vão sendo construídos no percurso das vivências, nas relações com a família, nas experiências como aluna, nas rotinas de trabalho e que vão, aos poucos, dando sentido ao seu modo de ser professora.

A observação da sala da professora Ana e os textos produzidos a partir das entrevistas Ana/Sofia, bem como a análise de alguns trechos, irão compor o segundo capítulo da dissertação – “Entre curvas, lembranças e hibiscos”.

A segunda entrevistada foi a professora Helena, conhecida entre as colegas da E.M. Vila Buarque como uma das melhores professoras de primeira série, a ponto de seus alunos despertarem a preferência das colegas para os anos posteriores. Ouve-se dizer que dificilmente um aluno que passa por ela não aprende. É possível ouvi-la falar em tom emocionado sobre

classes multisseriadas do ensino fundamental. A época da entrevista trabalhava com uma turma de CI-1ª etapa (1ª série o ensino fundamental) em uma das escolas da rede municipal de ensino.

⁴ Sofia, 61, formada em 1960 no curso normal do Instituto Educacional Sagrado Coração de Jesus, começou a lecionar aos dezesseis anos. Graduou-se em Pedagogia e durante a carreira ocupou diversos cargos administrativos. A época da entrevista, ocupava provisoriamente o cargo de Secretária de Educação do Município de Joanópolis no interior de São Paulo.

algumas de suas vitórias e ainda da admiração pelo trabalho de algumas professoras que a influenciaram diretamente, entre elas, a professora Carmem⁵, a quem também fui entrevistar.

A observação da sala da professora Helena, os textos produzidos a partir das entrevistas Helena/Carmem, bem como a análise de alguns trechos compõem o terceiro capítulo do trabalho ao qual nomeei “Do tijolo ao lápis, as mesmas mãos”.

Para favorecer a leitura, optei predominantemente pela forma narrativa, por observar, pela convivência com as diferentes idades, o fascínio que tal gênero exerce sobre ouvintes e leitores. Referindo-me em especial às colegas professoras, com as quais tive oportunidade de estar em diversos cursos, reuniões e palestras e onde pude perceber especialmente uma melhor acomodação nas cadeiras, além de gestos expressivos de grande interesse e atenção ao ouvir dizer algum expositor: “Isso me faz lembrar uma história que agora vou contar a vocês” ou “Por falar nisso, lembro-me de uma vez em que...”. E ainda, por considerar que a forma narrativa possa promover uma melhor comunicação, principalmente com as professoras das séries iniciais, entre as quais, em sua maioria, observo pouca afinidade com os textos acadêmicos tradicionais, e a quem eu desejo especial acesso a esta pesquisa.

A forma narrativa, do ponto de vista estrutural, segundo estudos de Silva, A.C.B. (2000) é considerada por Labov e Waletzky (1967) como uma “técnica verbal para recapitular experiências na qual a seqüência dos eventos narrados deve reproduzir a seqüência dos eventos supostamente ocorridos” (p.65). A autora apresenta ainda a tradução de um trecho escrito por Ochs (1997) que expõe de forma quase poética, a importância da narrativa em nossas vidas, hipotetizando um mundo sem ela. Propondo pensar como poderia ser “passar pela vida sem contar a outro o que aconteceu a você ou a outra pessoa e não recontar o que você leu em um livro ou viu em um filme”. Traduz tal universo como inimaginável, “porque isto significaria um mundo sem história... e vidas sem reminiscências e revisão interpretativa”. (p.61)

Dessa forma, pretendo não simplesmente tomar a palavra e dirigir-me ao leitor, antes ambiciono partilhar uma experiência que me é nova e que possibilita re-significar minha história

⁵ Carmem, 43, concluiu o magistério na E.E. Cásper Líbero em 1978. Assumiu sua primeira turma na APAE em 1979, onde permaneceu por cerca de sete anos. Em 1987, passou a lecionar em séries do 1º grau de escolas estaduais. Adepta da psicogênese da língua escrita, atuou como formadora do programa “Teoria e Prática”, a convite da Diretoria de Ensino do município de Bragança Paulista, em 1990. A época da entrevista, atuava como multiplicadora do PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores).

e a de algumas colegas, rememorando indícios que acabaram por se perder na dimensão do tempo e que, contados, podem ir se juntando e refazendo nossa própria imagem.

Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. (NÓVOA, 1995b, p.10)

A partir das narrativas, proponho um olhar mais acentuado sobre alguns pontos, a meu ver, mais significativos que podem levar a algumas conclusões ou simplesmente levantar outras dúvidas.

O contato com os estudos de Ginzburg (1989) sobre o “paradigma indiciário” de Giovanni Morelli, permitiu-me também estabelecer algumas aproximações.

Tendo surgido ao final do século XIX, o paradigma indiciário propunha um novo modo de olhar quadros antigos que não tivessem identificação para que pudessem ser atribuídos a seus próprios autores, além do reconhecimento de elementos que pudessem distinguir obras originais de cópias. Segundo Ginzburg, na fala de Morelli:

“é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés.” (p.144)

Ainda segundo o autor, com esse método Morelli propôs dezenas e dezenas de novas e surpreendentes atribuições de obras não identificadas em alguns dos principais museus da Europa.

Esses indícios aparentemente tão desprezíveis e ao mesmo tempo tão especialmente valorizados por Morelli e ainda por ele, tão comprovadamente significativos, seduziram-me a uma inevitável comparação diante das abordagens (auto) biográficas.

Da mesma forma como o contorno das pontas dos dedos ou os lóbulos das orelhas destacam-se como tão peculiares de cada autor, inimitáveis, únicos e pessoais, existem indícios no processo de formação das professoras que, se observados com atenção, podem também fazer

emergir essa unicidade e nos ajudar a compreender as prováveis origens da diversidade existente entre seus modos de ser, suas posturas e práticas.

Finalmente, pretendo tecer algumas considerações a partir das análises dos depoimentos das professoras entrevistadas.

Esse trabalho, portanto, se apresenta como um estudo que pretende contribuir no sentido de dimensionar a imagem desse professor construtor e construído de cultura e de saberes, buscando indícios que, se respeitados e valorizados podem servir para compreender o seu processo de formação, oferecendo pistas a quem deseje, arriscando-se na busca dessa compreensão, deparar-se com uma subjetividade rica e complexa.

I - REENCONTROS AO CHÁ DAS CINCO

Cinco horas de uma tarde de final de julho, que deveria ser muito fria, como eram as tardes de julho de antigamente. Não se fazem mais tardes de julho como antigamente. Sobre a mesa uma velha luminária contrasta com um *laptop* e alguns disquetes. O chá e os *cookies* de chocolate já se foram e a caneca de porcelana azul, de minhas preferidas, aguarda pacientemente até que se resolva tomar mais chá.

Inquietas e remexidas, as lembranças tentam buscar... Onde mesmo teria começado o interesse por tudo isso? Dizer que teria sido desde o início da carreira, não seria verdadeiro. Como professora sempre estive dentro da sala de aula, como fazem todas as professoras.

Não sobra tempo para as leituras e as grandes obras acadêmicas parecem estar muito longe de nós, quando estamos em sala, cercadas por nossos trinta ou quarenta alunos. Estamos sempre pensando nas próximas atividades, sempre planejando a aula de amanhã e de depois de amanhã. Minhas melhores aulas foram programadas debaixo do chuveiro, pois adquiri junto com muitas de minhas colegas o péssimo hábito de trabalhar principalmente quando estou descansando.

É verdade que nossos alunos se tornam nossos filhos de passagem e que queremos controlar suas vidas, encaminhá-los para um futuro melhor, sabe-los tornarem-se homens de bem e etc., etc.

É também assim que a professora se torna no exercício de sua profissão: a missionária dedicada a seus alunos, a mulher professora que se transveste de mãe e tia e se desdobra em carinho para seus alunos-filhos, sobrinhos e com eles se preocupa e supre as suas necessidades mais primárias. (PEREIRA, 1996, p.52)

Muito do que se tem escrito academicamente sobre nós, parece *bater*. A influência das mães na escolha do magistério, por exemplo, certamente é mesmo um ponto em comum.

Toda a trajetória das mulheres entrevistadas, seja acadêmica ou pessoal, até o momento em que se tornaram mulheres-professoras, mostra a dimensão simbólica e subjetiva atuante em suas “escolhas” e posteriores práticas pedagógicas. A “escolha” da profissão além de contar com a inevitabilidade da classe e do gênero, apresenta outro desdobramento que é o da influência da mãe. (ASSUNÇÃO, 1996, p.84)

Lembro-me aos quinze anos, no distante ano de 1984, confusa e nervosamente sentada no sofá da sala, a ouvir os conselhos firmes e insistentes que me encaminhavam para um curso que ao final oferecia a garantia de uma profissão estável em qualquer escola pública, caso não fosse possível prosseguir com os estudos.

No magistério aprendi de tudo, inclusive confeccionar flanelógrafos, dicionários ilustrados e livrinhos de música para datas comemorativas. Só não aprendi a ser professora. E quando me formei, em 1988, ainda queria trabalhar fazendo qualquer coisa, apenas não queria ser professora.

Durante os quatro anos do curso trabalhei na secretaria e na biblioteca do mesmo colégio onde estudava, um colégio particular bem conceituado, num bairro próximo onde morava. Nem assim consegui me afeiçoar pela carreira docente.

Em 1989, empregada temporariamente através de uma agência em uma empresa de grande porte na zona sul de São Paulo, exerci funções de atendente, telefonista, digitadora de dados em setores diversos de compra, venda e contas a pagar. Ainda no início do mesmo ano matriculei-me num curso intensivo de inglês e sem mais nem meio mais, ingressei num curso noturno de estilista de moda, próximo à estação Vila Mariana do metrô, tendo-o frequentado por dois anos. Na verdade nunca quis passar meus dias desenhando vestidos para madames. Talvez apenas fossem tentativas vãs de lutar para fazer desviar o curso do destino, que talvez já tivesse sido definido por alguém que não eu.

Os lugares sociais e históricos que ocupamos é que nos tornam reais, determinando o conteúdo de nossa criação pessoal e cultural. Essa determinação tanto ‘delineia’ quanto ‘delimita’ as possibilidades entre as quais escolhemos. Assim, no processo de escolha, no jogo entre as influências, imposições, adesões e resistências, escolhemos e somos também escolhidos. (FONTANA, 2000, p.101)

Ao final de 1990, metade de minha família estaria de mudança para Bragança Paulista, cidade do interior à 80 km de São Paulo.

Aos vinte e um anos, preocupada em definir uma profissão, decidi prosseguir com os estudos, inscrevendo-me no vestibular da Universidade São Francisco. Ficha de inscrição preenchida, apenas um item em branco, o principal: Curso pretendido. Como podia alguém se inscrever para fazer algo sem sequer saber o que?

Lembro-me novamente confusa, ficha na mão e olhos fixos por instantes intermináveis. Parecia ter meu futuro nas mãos, parecia mesmo estar decidindo minha profissão afinal. Só parecia.

Certamente perderia o ônibus de volta para São Paulo caso me demorasse mais. Ainda suspirando entre dúvidas, fiz minha *opção*: PEDAGOGIA.

Exatamente o que me fez assinalar aquele pequeno quadrinho eu não sei dizer. Talvez o medo de ousar algo desconhecido. Talvez as disciplinas do curso de magistério não tivessem me preparado para arriscar mais do que isso. Talvez por ser um dos cursos mais baratos. Ou talvez fosse mesmo destino. Talvez... Talvez... Talvez os pesquisadores possam explicar melhor do que eu.

Por outro lado, reconhece-se que a escolha de uma profissão e a trajetória de trabalho de um indivíduo resultam de múltiplos factores: implicam redes de relações sociais e culturais tecidas a diversos níveis e atravessadas por lógicas próprias, feitas de acasos e circunstâncias, de aspirações e de constrangimentos, de coincidências e de decisões. (NÓVOA, s/d., p.178)

Mil novecentos e noventa e um. Caminhão de mudança, matrícula feita... Começava uma outra história. O primeiro a fazer certamente seria arranjar um emprego, o que não foi nem de longe uma tarefa fácil. Após muita procura, um serviço de atendente, quarenta e quatro horas semanais e um salário bem pequeno. Enfim, era um trabalho, já em tempos difíceis para o país. Meu pequeno salário mal dava para minhas pequenas despesas. No entanto, não precisava dele para a faculdade, pois meus pais arcavam com todas as despesas do curso.

Três meses depois de empregada, uma novidade: A prefeitura municipal de Bragança Paulista abria centenas de vagas para professores de educação infantil, com carga horária de vinte horas semanais e um salário três vezes maior que o meu.

Não era meu sonho de infância, mas certamente a melhor opção naquele momento. Talvez desse certo. Talvez pudesse me entrosar bem com os pirralhos. Talvez fosse só por uns tempos. Talvez não.

Com relação à escolha e à permanência no magistério, os professores estudados revelaram comportamentos de conformação e de resistência, na medida em que uma opção inicial relacionada à garantia de sobrevivência e à permanência, também inicial, produzida pela falta de outras possibilidades de trabalho, contrapunham uma identificação com a atividade profissional baseada no prazer encontrado diante das potencialidades de transformação e formação cultural das novas gerações. (FONTANA, 2000, p.41)

Concurso feito, boa classificação, não demoraram a chamar e em julho de 1991, acharam que eu fosse professora e me deram uma classe de pré-escola com vinte e três crianças, com idade entre cinco e seis anos.

Não fosse a natureza compreensiva da querida diretora Vânia Mendes, certamente minha carreira docente teria terminado ali mesmo.

Os primeiros seis meses foram o caos. É certo que minha inexperiência pesou bastante, mas a mim dava a impressão de, em comparação com as outras turmas, ter escolhido uma das classes mais difíceis. As crianças permaneciam na escola por nove horas diariamente. Geralmente apresentavam-se agitadas e agressivas.

Outras professoras haviam passado pela sala durante o primeiro semestre do ano, uma vez que a classe ainda não havia sido oficialmente atribuída. E havia, entre as colegas, comentários do tipo: “Não se desespere. O problema não é com você. Eles estão aqui há tempo demais e pensam ser os donos da escola. Este ano eles se formam e vão embora. O ano que vem será bem mais tranquilo, você vai ver”.

Estranhamente já havia me apaixonado pelas crianças logo na primeira semana, mas não sabia o que fazer com elas. “Quando não se sabe o que fazer, ama-se. Este seria o princípio norteador do senso comum e da prática do magistério, ainda que o bom senso nele esteja incluído.” (MELLO, 1981, p.117)

É claro que percebiam meu carinho e minha fraqueza e durante alguns meses minha primeira sala de aula foi palco de uma relação extremista de amor e ódio.

Foi um semestre bastante tumultuado, para não classificá-lo como enlouquecedor. No extremo, lembro-me de alguns hematomas nas canelas, causados pelos pequenos mais descontrolados.

Com o tempo as coisas foram se ajeitando. Muitos conselhos, muitas orientações, muitas leituras e muito, muito choro.

Ao final do ano, não poderia dizer que haviam absorvido algum conteúdo e isso me agoniava, mas suas carinhas eram outras. Pareciam mais amigos, mais sorridentes e mais comportados. Agora, Nóvoa (1995a) me conforta sobre essa minha parcial satisfação: “Hoje sabemos que a vida, em toda a sua complexidade, reintroduz-se sempre nos lugares humanos, sobretudo nas escolas, já que grande parte dos actores educativos encara a convivialidade como um valor essencial e rejeita uma centração exclusiva nas aprendizagens escolares”. (p.31)

Como já se esperava, foram embora e a última vez que estivemos juntos fora na festinha de formatura, regada a muitas lágrimas: minhas e deles.

Ano a ano, as turmas de pré chegavam e se iam. Dia a dia melhorava meu desempenho em sala de aula, mas sempre chegava ao final do ano insatisfeita e certa de que poderia ter feito muito mais pela turma.

Antes do início das aulas, ainda em julho, tivemos a oportunidade de freqüentar um curso intensivo com carga de quarenta horas semanais, orientado pela professora Orly Zuccato, intitulado Proepre⁶, tendo prosseguimento posteriormente ao longo dos anos de 1991 e 1992.

As informações e orientações que adquiria durante o curso certamente foram muito úteis, mas certamente também me foram grande motivo de ansiedade e insatisfação. Durante as leituras e as reflexões, tudo parecia muito certo e claro. Difícil porém, era transportar aqueles conhecimentos para o tumultuado dia a dia com os alunos.

Na solidão da sala de aula fluía ainda a errônea impressão de que tudo corria bem com todas as outras professoras e que só com a minha turma não funcionava. Se tudo aquilo já havia sido pesquisado e testado com grande eficácia, por que não dava certo comigo?

Hoje compreendo que diante da forma como cheguei à sala de aula, completamente desavisada, as coisas não poderiam ser diferentes, e que o problema não estava mesmo comigo, mas com um rançoso sistema de ensino que mantinha aquela situação. E ainda, que a aparência de que tudo fluía bem nas outras turmas, também era só aparência. Na época, no entanto, lembro-me da dificuldade de administrar toda aquela frustração e o grande sentimento de incapacidade que me atormentou por bastante tempo.

Concluído o curso de graduação na faculdade em fins de 1993, surgia a oportunidade de mais trabalho. Desta vez, a prefeitura municipal abria concurso para o ensino supletivo noturno, o antigo Mobral e hoje conhecido como educação de jovens e adultos (EJA). Estando agora com as noites livres, não recusei a oportunidade e já em março de 1994, via-me diante de outro desafio: uma turma de primeira série formada por cerca de vinte e cinco alunos não alfabetizados, com idades que variavam dos dezesseis aos setenta anos.

Novos cursos, novos grupos de estudo e muitas tentativas, algumas mais acertadas, outras menos.

⁶ Programa organizado com base nos fundamentos da teoria de Jean Piaget sobre a construção do desenvolvimento da criança em seus aspectos afetivo, social e cognitivo.

Se me perguntarem qual método de alfabetização foi utilizado com aquela primeira turma, talvez possa classificá-lo como uma *miscelânea* que juntava de forma desordenada o método de silabação ao qual fui submetida durante meu próprio processo de alfabetização, quando aluna de primeira série em 1976; as palavras-chave de Paulo Freire, que pude conhecer brevemente na faculdade e mais as recentes orientações nos cursos oferecidos, que pareciam indicar para uma proposta construtivista, além de muito boa vontade, a preocupação de que aquilo tudo funcionasse e a impressão dolorosa de estar fazendo como cobaias pessoas que permitiam a si talvez a última chance de aprender a ler e escrever, tentando desmistificar a própria incapacidade na qual lhes fizeram acreditar por tantos anos.

Assim, o nosso começo começa pelo ‘em se fazendo’, por entre múltiplos fios colocados juntos, enlaçados, entrelaçados, que em movimento compõem tramas diversas. Ninguém tece (ou destece) esperando tornar-se apta ... Aprende-se puxando um fio, trançando outros, em movimentos que ecoam por toda trama. (FONTANA, 2000, p.174)

Até ali não poderia classificar minha carreira docente como confortável. Muitas alegrias e muitos dissabores, muitos acertos e erros, mais aprender que ensinar. Certamente foi a somatória de todos esses conflitos que me fez desenvolver talentos que eu ou não tinha, ou não sabia que tinha. Dois deles foram, sem dúvida, persistência e criatividade. Havia me envolvido com a profissão de uma tal forma que todo o meu tempo, meus interesses e desejos se voltavam para o trabalho da sala de aula. Passava horas de meu tempo livre em casa ou na escola preparando aulas, programando atividades diferentes e confeccionando materiais. Queria fazer o melhor, queria ser diferente, queria que meus alunos se apaixonassem pelas aulas, como eu havia me apaixonado.

Recordemos a complexidade e as contradições vividas nos primeiros anos de trabalho, quando há que enfrentar dia a dia, no cenário da profissão, situações novas e imprevisíveis, obstáculos frequentes a exigir respostas rápidas, adequadas, convincentes. É o tempo da instabilidade, da insegurança, da sobrevivência, mas também da aceitação dos desafios, da criação de novas relações profissionais e da redefinição das de amizade e de amor, da construção de uniões familiares, da reestruturação do sonho de vida. Trata-se de um período de tensões, de desequilíbrios e de reorganizações frequentes, de ajustamentos progressivos das expectativas e aspirações ocupacionais ao universo profissional. É ainda, muitas vezes, uma época de desenvolvimento pessoal e social acelerado, mas que passa, no docente, por uma fase de acentuado egocentrismo. (NÓVOA, 1994, p.178)

Geralmente me satisfaziam os resultados, principalmente diante das turmas de pré. Meus alunos, no geral, costumavam se mostrar independentes, alegres, criativos e dinâmicos e sempre havia algo diferente e interessante acontecendo durante as aulas.

Talvez tenha sido esse perfil diferenciado o motivo de um convite em 1995, para assumir uma das quatro classes de primeiro grau da E.M. “Santa Rita”, organizadas pela Secretaria de Educação do município em caráter experimental (até então, as escolas municipais atendiam apenas alunos de educação infantil, de zero a seis anos e alunos de ensino supletivo).

Convite aceito, novo desafio: alfabetizar uma turma de primeira série de vinte e cinco alunos com idade de seis e sete anos.

Desta vez, me sentia menos só. Havia uma equipe de supervisoras empenhadas em realizar um trabalho pioneiro bastante sério. Entre elas, as professoras Vânia Mendes e Tânia Garcia, com quem aprendi muito ao longo desses muitos anos e de quem certamente *herdei* os ideais de educação que me estimularam a permanecer na carreira.

A proposta baseava-se em moldes construtivistas e tinha no trabalho com jogos em grupo seu principal elemento de formação. Tivemos várias reuniões antes de iniciar o trabalho, nas quais pudemos ler e discutir muito, além de preparar o material das primeiras aulas. Ainda durante o trabalho éramos orientadas e acompanhadas semanalmente em grupos de estudo voluntários e fizemos algumas visitas à instituições que já trabalhavam com esta proposta de ensino.

Apesar de todo o empenho da equipe, não fomos poupadas nem das alegrias e nem das frustrações advindas do audacioso projeto que, justamente por ser pioneiro na rede municipal, constituía uma grande experiência para todas nós.

Lembro-me dos detalhes como fosse hoje o primeiro dia de aula. Apesar de todas as leituras e reflexões que antecederam aquele momento, ali estava eu diante das carinhas expectadoras de meus novos alunos e um grande sentimento de impotência. Na verdade nunca tivera experiência com alfabetização, uma vez que não poderia considerar o método *miscelâneo* de meu primeiro contato com o ensino supletivo, como algo que pudesse ser utilizado naquele novo projeto em que todos estavam apostando alto. Então, simplesmente, não sabia o que fazer e meu ímpeto foi gritar por socorro.

Atravessei o corredor em direção à classe da professora Rita Deó, com quem nem tinha intimidade e que se mostrou terna e solidária diante de minha agonia. Aconselhou-me

primeiramente a avaliá-los com um ditado de palavras a fim de identificar os níveis de escrita em que se encontravam.

Ao perceber que eu não conhecia nada sobre esses tais níveis, após realizado o ditado, ali mesmo em pé, ela separou as atividades dos alunos, mostrando-me quem estava em que nível e dizendo o que deveria fazer para que eles avançassem em seu conhecimento.

Toda aquela batelada de orientações não durou mais que quinze minutos, mas foi como se eu tivesse encontrado a ilha desconhecida de Saramago (1998).

Com o tempo fui aprendendo muito com a professora Rita, nos tornamos grandes companheiras e ainda a considero carinhosamente como minha *guru*, dos tempos de iniciação.

Considero este um ponto marcante da minha carreira docente. A partir dali comecei a trabalhar seguindo aquelas orientações e dia a dia ia percebendo grandes resultados no processo de alfabetização dos alunos.

Então me dei conta de que havia ouvido falar sobre os tais níveis de escrita identificados por Emília Ferreiro⁷, durante os anos do curso de magistério, na faculdade e até em outros cursos de capacitação, mas só ali começava a entender o que de fato era aquilo tudo e o que é que se fazia com aquilo. Depois, ao longo dos anos, participei de alguns cursos sobre alfabetização, dentre eles, o PROFA⁸ em 2002, nos quais tive a oportunidade de conhecer mais a fundo todo esse processo de elaboração da escrita.

Ao final do ano, estavam todos *construtivamente* alfabetizados, apesar da apreensão de toda a equipe e do desespero dos pais que infernizavam diariamente a direção da escola, questionando aquele monte de jogos e o não uso de cartilhas e exigindo garantias de que seus filhos estariam realmente se alfabetizando.

⁷ Pesquisadora, colaboradora de Jean Piaget, desenvolveu a teoria da psicogênese da língua escrita, buscando definir a maneira como as crianças vão aos poucos se apropriando do conhecimento da língua escrita.

⁸ O PROFA (Programa de Formação de Alfabetizadores) apresenta-se como um curso de aprofundamento, direcionado especialmente a professores e formadores, tendo como objetivo principal “desenvolver as competências profissionais necessárias a todo professor que alfabetiza, abordando especificamente o ensino e a aprendizagem iniciais da leitura e da escrita”, apoiado num “princípio de articulação teoria-prática”. As atividades realizadas durante o curso propõem-se à ampliar o universo de conhecimento dos professores cursistas sobre a alfabetização, bem como sua capacidade de reflexão sobre a prática profissional. “Do ponto de vista metodológico, apoiam-se fundamentalmente em estratégias de resolução de situações-problema: análise de produções de alunos, simulação, planejamento de situações didáticas segundo orientações determinadas, análise de adequação de uma dada atividade considerando um grupo específico de alunos, comparação de atividades em relação aos objetivos previamente definidos e discussão das implicações pedagógicas dos textos teóricos estudados”. O programa começou a ser desenvolvido entre os professores da rede municipal de Bragança Paulista no ano de 2002.

Nos anos seguintes, permaneci com a mesma turma até que concluíssem a quarta série e fossem embora. Com a segunda série já me sentia mais à vontade e mais segura. O monstro da alfabetização já havia se afastado e o trabalho com os jogos já se tornava menos enigmático.

Em meados de 1997, no entanto, agora acompanhando a turma na terceira série, começava a perceber que aquele método de ensino, apesar de já apresentar bons resultados, apresentava também algumas falhas e talvez necessitasse de alguns reajustes para se tornar mais eficiente. O ano seguiu em constantes discussões entre as professoras e a equipe de supervisoras, que tentavam buscar respostas suficientes que dessem continuidade ao projeto.

Em 1998 o município começava a ser pressionado pela proposta de municipalização⁹ do ensino de primeiro grau, que até então era atendido pelas escolas estaduais. Apesar do aumento do número de classes, a equipe de supervisoras que acompanhava o projeto piloto desde 1995, não recebeu novos membros, ficando desta forma reduzida e insuficiente para acompanhar o trabalho em toda a sua extensão. Aos poucos, nosso projeto pioneiro foi ficando desgobernado e as visitas e orientações da equipe de supervisão, que agora tinha que se desdobrar, eram cada vez mais escassas. Restava-nos a nós professoras pioneiras, apenas nós mesmas em nossos angustiosos grupos de estudo. Todas já havíamos percebido que o trabalho apresentava falhas e precisava ser redirecionado. E por não ter a quem recorrer, passamos a fazer os reajustes cada uma à sua maneira.

Particularmente acreditava muito naquele trabalho. Dia após dia constatávamos os progressos dos alunos no seu processo de construção do conhecimento, cada um no seu ritmo. Inquietava-me porém, o fato de que dali a algum tempo meus alunos estariam ingressando na quinta série, num modelo de ensino muito diferente daquele e que talvez tivessem muita dificuldade em se adaptar. E então, quando dei por mim, estava novamente às mesclas, acrescentando ao trabalho anterior, atividades típicas do modelo tradicional de ensino, como *pontos* na lousa, questionários e provas bimestrais.

Corriam boatos de que o trabalho com jogos em grupo não havia vingado em nenhuma outra escola e que as professoras, saídas das classes de educação infantil, trabalhavam agora nas classes de primeiro grau, fazendo o que sabiam fazer, cada uma à sua maneira. E então, o projeto

⁹ A partir de 1998, em Bragança Paulista, a rede municipal passou a incorporar várias escolas estaduais de 1^o a 4^o séries.

piloto cujo objetivo era o de se estender por toda a rede municipal, acabou sendo extinto, sem que sequer seus resultados tivessem sido formalmente analisados.

A E.M. Santa Rita, agora recebia oficialmente o nome de E.M. Prof. Orlando Pinto de Oliveira e naquele ano eu completaria um ciclo de trabalho com aquela turma de alunos que finalmente chegava à quarta série.

Sentia-me satisfeita com os resultados. A turma estava ótima! Eram organizados, caprichosos, autônomos, solidários e participativos. Liam muito bem e produziam textos inteligentes e bem pontuados. Tinham ótimo raciocínio e faziam divisão com três ou quatro números na chave *com os pés nas costas*. Sabiam explicar todo o funcionamento do corpo humano e pareciam ter aproveitado muito as várias conversas que tivemos sobre comportamento sexual na adolescência; fazíamos gincanas culturais com o conteúdo do bimestre, valendo medalha e tudo. Cada ponto marcado era uma gritaria só. Organizamos campeonatos de queimada e futebol; produzimos peças de teatro e coreografias de dança; trabalhamos com projetos de arte, e fomos inclusive visitar a exposição de Claude Monet, no Museu de Arte de São Paulo (MASP). A propósito, para nossa satisfação, os monitores do evento ficaram impressionados diante do conhecimento que nossos alunos demonstravam diante da vida e obra do pintor.

O último dos projetos falava sobre os sentimentos, e teve como sua principal idealizadora, a querida diretora Martha Dumont, que hoje anda lá pelos lados do Ceará, a bordar livros de famosos, junto com as irmãs. O projeto foi encerrado com uma grande festa que teve como especial atração uma enorme colcha de retalhos, trazidos e costurados um a um por alunos, professores e funcionários.

Por iniciativa dos alunos, ao final do ano, organizamos uma pequena gincana de arrecadação de alimentos, com a qual montamos cerca de trinta cestas básicas, bem básicas. Quando me dei conta, minhas crianças haviam crescido e eram agora pequenos joventinhos com seus dez ou onze anos e uma das lembranças mais vivas que guardo é a de vê-los trazendo sacolas e mais sacolas dos alimentos que arrecadavam batendo nas portas das casas, contando exaltados as satisfações e frustrações daquela experiência e organizando listas entre as famílias mais desprovidas que conheciam na comunidade para distribuir as cestas de alimentos. Na época o saudoso projeto piloto já estava tão abandonado que não conseguimos sequer uma condução para entregar os alimentos. Para minha surpresa, no entanto, no dia da entrega, alguns alunos

apareceram com um carrinho-de-mão, destes que se usam em obras, que haviam emprestado não se sabe de quem, e lá se foram excitadíssimos com a energia própria da adolescência, empunhando aquele carrinho abarrotado de alimentos, em diversas e divertidas viagens.

Foi uma experiência e tanto.

No ano seguinte fui impedida por motivos burocráticos de permanecer no primeiro grau, agora chamado ensino fundamental, que passaria de uma carga horária de vinte para vinte e cinco horas semanais, o que me impossibilitaria assumir outro turno de aulas, caracterizando acúmulo de carga. E então voltei a assumir minhas classes de educação infantil e ensino supletivo, mas não por muito tempo.

Ainda no primeiro semestre de 1999, a convite da Secretaria de Educação do município, assumi em caráter comissionário, a direção de uma das escolas mantidas pela prefeitura que acabava de ser construída em um dos bairros de periferia da cidade e estava às vésperas da inauguração.

Era a primeira vez, em oito anos, que me via fora da sala de aula e agora, além das tarefas administrativas que naturalmente envolvem o funcionamento de uma escola, diante de um grupo de professoras que parecia depositar em mim todas as expectativas sobre a organização daquele trabalho, o que aliás era de se esperar. Depois, refletindo, pude perceber que fizera o mesmo durante meus anos de docência em que estivera fechada em meu reduto de sala de aula, como talvez façam muitas de minhas colegas. A porta da sala era o limite. Embora participasse dos problemas e decisões da escola, não era eu quem as encabeçava, e minhas atenções e responsabilidades se dirigiam e limitavam ao trabalho com meus alunos.

Estar do outro lado é muito diferente. “... que é necessário sair da ilha, para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós...” (SARAMAGO, 1998, p.41)

O contato com aquele grupo de professoras durante os HTPCs¹⁰, as reuniões pedagógicas e principalmente as conversas de corredor, me fizeram perceber o quão eram diversos os pensamentos, as crenças, as práticas, a própria formação de cada uma de nós.

No início de 2001, por questões políticas da nova administração, voltei para a sala de aula. Já não era nem de longe a mesma professora. Sentia-me mais confiante e segura e, posso dizer, foi meu ano de melhor atuação desde que iniciei a carreira docente.

¹⁰ Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo

Foram menos de dois anos, mas a experiência como diretora de escola, que de tão insana e simultaneamente boa e ruim mereceria um capítulo à parte neste trabalho, me fez amadurecer pelo menos uns vinte anos.

No início de 2002, um novo convite me levou a assumir, também em caráter comissionário, o cargo de assessoria de educação do município, com a tarefa de coordenar uma equipe montada especialmente para desenvolver um projeto de melhoria de qualidade de ensino, que incluía inicialmente um redirecionamento do trabalho das escolas de educação infantil; a organização de classes de apoio com o objetivo de zerar o índice de analfabetismo entre os muitos alunos das terceiras e quartas séries, além de projetos de incentivo à leitura para toda a rede municipal, que incluíam empréstimos de livros, recitais de poesia, concursos de histórias e exposições de livros confeccionados pelos alunos.

O audacioso projeto rendeu bons resultados, mas por motivos políticos não teve vida longa e ao final de 2003 acabou sendo engavetado.

Quanto a mim, fui remanejada para o CIEFEE¹¹, uma escola municipal de ensino fundamental com proposta de educação inclusiva inaugurada recentemente, a fim de coordenar o grupo de professoras.

O projeto, pioneiro no município, era sem dúvida novo para todas nós, principalmente para mim. Passei a emprestar vídeos e ler tudo o que podia sobre educação especial e processo de inclusão. Com algum tempo já me sentia bem entrosada com o projeto e dia a dia me afinizava mais com a equipe. Em poucos meses as coisas pareciam começar a caminhar, mas novamente por motivos políticos fui impedida de permanecer no cargo e em meados de 2004, voltei para a sala de aula.

Enfim, minhas lembranças trazem o que saíram a buscar. Foi ao sair da ilha e vê-la por fora, que passei a me inquietar e interessar em conhecê-la de fato. Estar fora da sala de aula, tendo a oportunidade de coordenar e orientar o trabalho de outras professoras certamente me fez analisar com mais cuidado o meu próprio.

Procurava entender suas angústias, expectativas, satisfações e insatisfações, afinal havia experimentado todas elas.

Observava com interesse o fato de, em reuniões de estudo, o mesmo texto apresentar tão diferentes interpretações, obviamente carregadas com as experiências, as crenças e os valores que

¹¹ Centro Integrado de Ensino Fundamental e Educação Especial

cada uma trazia, e quão diferentes eram essas experiências! O mesmo podia se observar durante palestras ou cursos de capacitação que envolviam diversos temas. Como variavam as expressões de umas e de outras! Como poderia haver tamanha diversidade de entendimento, criando adeptas, subversivas e expectadoras... Apaixonadas, revoltadas e indiferentes.

A prática docente reflete um complexo processo de apropriação, que envolve tanto a biografia individual de cada educadora como a história das práticas sociais e educativas. Ela não se reduz à mera reprodução passiva da formação profissional ou das normas oficiais. Trata-se de um processo de construção seletivo, onde se reproduzem, ratificam ou se rejeitam a tradição e as concepções anteriores e, individual ou coletivamente, se elaboram novas práticas. (ANDALÓ, 1995, p.189)

E nós, coordenadoras de projetos e mais projetos disso ou daquilo, o que de fato pretendíamos oferecendo cursos e mais cursos, apresentando novas leituras, propondo debates direcionados para questões *x* e *y*.

Aos poucos fui compreendendo que, por anos, estive submetida a um modelo de formação essencialmente técnico, baseado em conhecimentos superficiais sobre determinadas realidades da sala de aula, sobre o processo de aprendizagem dos alunos, formas de intervenções específicas, formas de aplicação e escolha de atividades adequadas, formas coerentes de avaliação. Um modelo que me estimulava a aprender como *fazer as coisas*, mas não a pensar sobre elas. E na época, com propósito de formadora, não podia ter feito mais do que reproduzir aquele modelo, que era o que eu conhecia. E era então o que fazíamos, eu e meu grupo de coordenadoras pedagógicas: desenvolvíamos bons projetos, que apresentavam resultados interessantes, mas que se deparavam com uma série de diferentes opiniões, recusas, adesões e interesses por parte das professoras. Com base nessas observações, naturalmente algumas questões foram surgindo.

Como propor um novo olhar sobre determinados assuntos diante de olhos tão subjetivamente diferentes?

Qual ilusão querer fazer caminhar na mesma direção um *rebanho* tão heterogêneo em termos de interesses, valores consumados, crenças e descrenças, querer e não querer?

Além das diferenças naturais existentes entre todas nós, que outros elementos compõem essa diversidade no processo de formação docente?

Tais reflexões me trouxeram às portas da Academia, não para simplesmente transpor os muros que separam por anos nossos conhecimentos, mas para vivenciar os “processos equilibrados de relacionamento com as comunidades científicas”, sugeridos por Nóvoa (1995a),

dispondo-me para uma cooperação que não me “confisque a experiência”, mas antes me “permita dizê-la por outras palavras e por outros conceitos”. (p.38)

As cortinas levemente entreabertas insinuam que já se faz tarde. Um desvio repentino de olhar ao relógio denuncia que já passam das dez. A noite agora se mostra mais fria do que se esperava... Hora de desacomodar a xícara e buscar mais chá.

II - ENTRE CURVAS, LEMBRANÇAS E HIBISCOS

Faltava ainda percorrer alguns quilômetros para chegar à casa da tia. Não era sua parente de sangue, mas era como se fosse. Era sua tia, porque casara-se com o irmão de sua mãe, mas o vínculo que havia entre elas parecia ser de muito antes. Fora sua madrinha de crisma e a única pessoa que ela quis perto de si no dia da morte do pai. Fora também sua professora no curso de magistério e mais tarde diretora e supervisora das escolas onde ela lecionava.

Indiscutivelmente, foi a pessoa com quem ela mais aprendeu.

Não era um exemplo de doçura, ao contrário, era bastante exigente e enérgica, mas dificilmente erguia o tom da voz. Aliás, fora uma das posturas que herdara da tia – falar baixinho com os alunos. Entendia que não havia motivo para gritar com eles e que a relação acabava se desgastando, pois a experiência já havia lhe mostrado que quando o professor grita, os alunos gritam mais alto e todos acabam ficando incomodados.

Percebia que eles se acostumavam ao silêncio para se concentrar e costumavam reclamar até do barulho que vinha das outras classes.

Lembrava também, com admiração das aulas de anatomia do professor Ercílio – Como podia falar tão baixo, numa sala de faculdade lotada e prender a atenção de todos! Aquilo a entusiasmava e ela percebeu a eficiência da proposta desde a primeira vez que experimentou. Todos ficavam atentos e de *orelha em pé* para ouvir aquilo que ela estava dizendo.

Talvez fosse esse um dos motivos que contribuíam para que, como a tia, ela pudesse dizer com orgulho – “Nunca tive problema de indisciplina! Em vinte e três anos de magistério... E olha que as turmas não eram nada fáceis”. Já haviam lhe dado a seu ver, as piores classes da escola, mas ela sempre colocava os alunos na linha.

Mesmo com aqueles que eram seus prediletos – nunca escondera que alguns alunos chamavam especialmente sua atenção, mas mesmo com eles era muito exigente. Sabia o momento de elogiá-los, mas não permitia nunca que passassem dos limites e costumava ficar atenta para que não abusassem dela.

Não se incomodava por ter fama de brava entre as crianças e jamais voltava atrás. Jamais agradaria um aluno depois de ter chamado sua atenção, pois aprendera que de nada adiantava ficar brava num instante e “passar a mão na cabeça” depois. Sobre isso também sempre ouviu a tia dizer que um professor só consegue trabalhar se tiver a liderança da classe e que os alunos costumam testá-lo constantemente para saber até onde podem chegar.

A tia lembrava também os conselhos da professora de Música madre Luci, por quem nutria sentimentos pouco recomendáveis, que costumava advertir as normalistas dizendo – “Não sejam professoras boazinhas. Boazinha na boca de aluno é sinônimo de tontinha!”

Na época não compreendia muito bem, mas com o tempo tia Sofia pôde constatar que a madre tinha mesmo razão. Havia percebido, principalmente no período em que ocupava o cargo de diretora de escola, que os alunos detestam professores exigentes, mas na verdade eles os respeitam muito.

Observava que os alunos eram muito inteligentes nesse aspecto, pois sabiam com quem podiam mexer e até onde podiam ir.

Uma única vez pode-se dizer que tenha *saído do sério*, chegando a expulsar uma aluna da sala. Fora desacatada com palavras de baixo calão e para não perder as estribeiras e partir pra cima dela, mandou que saísse da sala. Aquilo lhe frustrara a ponto de lhe tirar o sono daquela noite. Sentia-se honestamente frágil e fracassada, pois tinha para si que quando um professor põe um aluno para fora da sala ele atesta ao aluno que não pode mais com ele. E naquele dia havia assinado um atestado de incapacidade e aquela *filhinha de papai* havia ganho dela.

Sem perceber, lá estava ela, recordando e revivendo coisas que aparentemente não tinham mais nenhuma importância, na estreita e sinuosa estrada que a levaria a Joanópolis para tomar um chá e rever a tia querida.

Vinte e três anos de magistério... Nem mesmo ela poderia apostar que seguiria carreira e que poderia se realizar como professora. Aquela não era a profissão dos seus sonhos de menina. Na época teria optado por cursar o colegial, mas a mãe era contra e a convenceu a ingressar no magistério, pelo menos para ter um diploma que lhe desse uma profissão.

Mesmo depois de formada em 1975, no tradicional colégio das madres em Bragança Paulista, não havia se apaixonado pela profissão e ainda se recusava a exercê-la. No entanto, um ano depois, com dezoito para dezenove anos, aceitou o convite para lecionar no próprio colégio, as disciplinas de Matemática e Ciências.

Fora na verdade o contato com as outras professoras e suas práticas e experiências que a fizeram intimizar-se mais com o ofício de mestre.

Costumava se colocar no lugar das crianças e lembrar dos próprios professores que tivera tanto na infância quanto na adolescência, tentando puxar pela memória e trazer para a classe, as coisas que eles faziam e que chamavam sua atenção, despertando ainda mais o gosto pelas aulas.

O magistério, sem dúvida lhe serviu como forte base para a formação, mas foi com o tempo, com as próprias buscas, com a experiência do dia-a-dia e foi juntando tudo aquilo que ela acha que “resolveu”, que ela foi se fazendo professora.

E foi observando as colegas mais experientes, durante os estágios, que aprendeu a alfabetizar.

Lembrava com admiração das classes de primeira série da professora Isabel. Sua forma de trabalhar a impressionava! Dizia-se que em doze dias de aula ela alfabetizava todos os seus alunos. Utilizava a antiga cartilha “Caminho Suave”. Ela apresentava todas as famílias e depois voltava com elas. E quando ela voltava, os alunos já sabiam. E na seqüência ela iniciava o livro e conseguia vencê-lo também. E olha que eram classes lotadas, com mais de quarenta alunos! E não se via uma bagunça, nenhuma criança andando pela classe. Parece que esqueciam até de ir ao banheiro de tão envolvidos que estavam com as atividades – porque há muito já havia percebido que aluno quando não se interessa pela aula, toda hora quer ir ao banheiro, toda hora quer isso ou aquilo. As aulas da professora Isabel eram mesmo fantásticas. Nunca se havia visto coisa igual e apesar das tentativas, jamais conseguira fazer como ela.

As salas da professora Isa também eram organizadíssimas! Ela preparava muito bem as suas aulas, e também trabalhava com silabação. Ela também vencia tudo, terminava o livro, e os alunos chegavam na segunda em nível de terceira. Aliás, por falar em nível, não se conformava com a queda no nível das turmas, principalmente nas primeiras séries. “Antigamente a primeira série era espetacular, chegava dominando tudo! Claro que o probleminha de um e de outro sempre existe, sempre existiu. Alguns são mesmo mais lentos. Mas agora, as segundas séries é que estão no nível das primeiras”.

Nesse ano havia pego duas classes. Uma turma de segunda e uma de quarta série. Gostava das “pontas”. Preferia ter pego primeira ao invés de segunda. Achava que as “turmas do meio” (segundas e terceiras séries) traziam muitos vícios que são difíceis de consertar.

Gostava de trabalhar com as quartas séries, apesar do excesso de conteúdo. Os alunos já eram maiores. Gostava de ensiná-los a ter responsabilidade, a organizar os próprios trabalhos, a elaborar pesquisas. Sabia que precisavam de orientação para perceber que o tempo de brincar estava acabando e que já tinham idade para serem responsáveis. Queria mostrar-lhes que poderiam ser bons e capazes de conseguir chegar onde quisessem, bastava que acreditassem e que se esforçassem para isso.

Gostava mesmo de orientá-los, mas percebia que de uns anos pra cá, as coisas já não eram como antes. A quarta série do ano retrasado era fantástica, a do ano passado já não era tão boa, mas igual à desse ano, ainda não havia visto. Não se conformava ao perceber que eles não demonstravam interesse por nada. Procurava motivá-los de todas as maneiras, mas a apatia deles a frustrava. Se tirassem nota estava bom, mas se não tirassem estava bom também. Bem diferente de sua época. Não havia como não comparar.

Novamente lhe vinha à memória a imagem forte da tia Sofia, que contava com orgulho sua trajetória estudantil. Fazia parte de uma das turmas mais bem conceituadas do colégio, talvez a melhor de todas, onde as alunas seguiram juntas da oitava série ao terceiro colegial. Era considerada pela maioria dos professores como uma turma de crânios! A turma mais adiantada, a mais comportada, a mais comprometida com os estudos. E por conta disso faturavam todos os prêmios de viagens, excursões, medalhas disso ou daquilo, enfim. Era mesmo uma turma de vencedores. Porém ela se destacava. Chegava sempre na frente. Era interna no colégio e trazia sempre as melhores notas no final do mês, embora tivesse que ouvir por vezes na voz severa do pai – “Grande coisa! Por que não tirou dez em tudo? Não faz outra coisa além de estudar!”.

Segundo a tia, todas elas, as trinta e duas que se formaram em 1960, acabaram se dedicando à área da educação e se tornaram ótimas profissionais. São amigas e se reúnem até hoje. Quase não envelheceram e da turma toda, apenas três faleceram.

Esse comprometimento com os estudos ela certamente herdou da tia que, quando professora da turma, costumava dizer que as estava preparando para a vida, para serem responsáveis sem cobrança nenhuma dos outros, sem precisar de chefe. “Afinal, quem é bom não precisa de chefe”, concluía. Era mesmo muito exigente e rigorosa, mas também brincalhona e por vezes fora confidente e conselheira em seus piores momentos.

Outra influência marcante em sua vida escolar fora certamente a da mãe. Ao lembrar dela ficava ainda mais inconformada com a falta de valorização com que as famílias tratam hoje a escola e os professores. A diferença de valores... Agora parece que “tudo é mais importante que a escola”. Hoje os alunos vão para a escola quando querem. As próprias mães deixam para marcar médico ou dentista, ou qualquer outro compromisso no mesmo período de aula e sequer justificam-se. Por essa e por outras, sempre admirou a postura firme da mãe. A maneira como ela valorizava a escola e considerava os estudos como a aquisição mais importante e o bem mais precioso que poderia deixar para ela, a irmã e o irmão. E era rígida também em sua maneira de

pensar ao ponto de não deixá-los desempenhar qualquer dos afazeres domésticos, tanto que quando se casou, a professora Ana não sabia sequer passar um café.

A mãe lhes dizia que precisavam estudar, que essa era sua obrigação. Que o tempo de outras coisas iria chegar, mas isso eles aprenderiam com facilidade, porque não havia nenhum mistério. Além disso, com o diploma da profissão que escolhessem, poderiam ganhar o suficiente para pagar alguém para fazer essas coisas que qualquer um pode fazer.

Talvez só tenha feito o ginásio, mas lia muito e parecia sempre saber mais, porque estudava sobre tudo com os filhos, até quando estavam na faculdade. A mãe olhava os cadernos e tomava as lições para verificar se não haviam esquecido algum detalhe. E ela percebia que aquilo lhe causava uma certa dependência, pois sentia grande necessidade de falar para a mãe aquilo que havia estudado para certificar-se de que estava certo. Até depois de formada e trabalhando, costumava trazer algumas redações dos alunos e até alguns cadernos para ela encapar.

A mãe sempre a acompanhou, e as cobranças também. Como no dia em que recebeu o resultado de um dos concursos da prefeitura – havia passado em oitavo lugar. Entusiasmada ligou para a mãe e a ouviu dizer – “Mas por que não passou em primeiro? Isso prova que as outras estudaram mais que você. Se tivesse se esforçado, teria pego o primeiro lugar, não é?” Certamente aquele comentário a deixara indignada no momento, mas depois, pensando melhor, percebeu que a mãe tinha mesmo razão – devia ter se esforçado mais. Poderia conseguir um resultado melhor.

Acreditava que todos esses fatos contribuíram muito para que tivesse se tornado uma aluna exemplar. Uma das melhores do colégio. E na época, sua turma também se destacou bastante quanto à disciplina, o compromisso com os estudos, a conquista de diversos prêmios, enfim. E muito disso deviam certamente às cobranças e aos conselhos da professora Sofia, que costumava enfatizar – “Eu sei e sei ensinar. Ou vocês aprendem comigo ou esqueçam que vão aprender com alguém”.

Sem sombra de dúvida, a escola havia sido para ela uma experiência bastante positiva e agora diante das novas turmas que assumia ano após ano, procurava transmitir aos alunos todas as coisas que aprendera e que contribuíram para a sua formação pessoal, profissional e moral.

Logo no primeiro dia de aula, numa conversa franca com os alunos procura dizer às claras que suas turmas costumam ser brilhantes e que para isso é imprescindível que haja ordem na sala, que eles saibam se comportar, que sejam capazes de organizar as próprias carteiras, entre outras

coisas que ela vai ensinando ao longo do ano. Até que realmente terminam como as melhores turmas da escola. E às vezes até a surpreendem, como no ano em que uma das turmas ganhou todos os prêmios de redação.

E ela reconhece que é mesmo muito exigente, ao ponto de ter, aos olhos de todos, uma classe muito boa e mesmo assim achar que não é suficiente ou achar que só alguns alunos são realmente bons. Talvez seja o caso da sua atual sala de quarta série. Pode ser que o problema esteja com ela e não com os alunos. Pode ser que a cada ano ela esteja exigente demais. Mas o fato é que não se conforma mesmo. Acha que eles produzem muito pouco, não vê empenho nas tarefas e parece que quanto menos ela cobra, menos eles querem dar.

As colegas costumam admirar-se com os resultados que ela consegue com suas turmas e principalmente com a disciplina dos alunos e o silêncio da sala. Algumas chegam a pedir permissão para fazer estágio em sua classe, para tentar descobrir o segredo. E agora pensando em tudo isso, ela percebe que não existe nenhuma fórmula pronta, ela também nunca soube ao certo como deveria fazer. Talvez seja a capacidade que ela tem de inculcar-lhes que eles precisam ser os melhores, certamente porque ela também acredita nisso. Ela percebe que isso lhes ajuda a despertar um sentimento de responsabilidade que é bastante positivo e que aqueles alunos que acreditam neles mesmos, conseguem, eles realmente são bons e se tornam bons profissionais. Ela sabe porque continua os acompanhando.

Descobriu orgulhosa que alguns entraram em universidades federais, tornaram-se médicos, engenheiros, advogados bem conceituados. Ela sabia, bastava que acreditassem em si mesmos. Tinha consigo que transmitir essa força era seu papel, independente dos conteúdos que tivesse que passar. E era exatamente isso que ela não conseguia fazer pelos seus alunos deste ano. Realmente não conseguia ver neles interesse por coisa alguma. E a cada vez que pensava nisso, sofria mais.

Não admite ouvir o “eu não consigo”, pois acha que todos são inteligentes e capazes. Concorde que existam os bloqueios de um ou de outro, mas acredita que podem ser contados nos dedos. Nas suas próprias turmas desse ano podia verificar que existem, mas são poucos aqueles que “não vão”. Pensando nisso, lembrava também agora daqueles que não tiveram interesse em continuar os estudos. Que apesar de lhes ter dado o mesmo incentivo que deu aos demais, alguns alunos das suas turmas consideradas brilhantes não avançaram nos estudos e não progrediram na

vida. Foram até a oitava série e acharam que já estava bom. Algumas engravidaram, já tiveram suas crianças e vão conseguir ser no máximo “pilotos de fogão”.

E por falar nos sucessos e insucessos dos alunos, lembrava da história triste que a tia inconformada contava sobre o aluno Eliseu. Era uma de suas primeiras turmas em uma classe multisseriada numa fazenda na zona rural. Aquele fora o aluno mais inteligente que já havia passado por sua mão. Quando ela o conheceu, era analfabeto. As aulas começaram em fevereiro e em abril ele já sabia fazer a lição da terceira série. Ela passava problemas para os alunos de terceira, ele terminava num instante as tarefas da primeira, que era a sua turma, copiava e respondia os problemas. Fazia escondido, com medo de levar bronca. Era realmente uma inteligência fora do comum.

Ela o acompanhou até mais ou menos os doze anos de idade, depois não teve mais contato. Mais tarde ficou sabendo que ele havia se tornado um bandido e hoje trancafiado numa penitenciária, cumpre pena por assassinato.

Aquilo lhe era motivo de grande frustração e inconformidade. O seu melhor aluno, o mais inteligente de todos, havia transformado sua vida numa verdadeira desgraça. E às vezes a professora Sofia se perguntava se não teria sido a escola responsável por isso de alguma forma. Era um garoto pobre, um pé descalço. Não teria se deslumbrado com um mundo que não era o dele? Para ela, os alunos da zona rural não conseguem integrar-se com os da cidade e quando voltam para a zona rural, também não se sentem mais integrados. Talvez a escola o tenha desestruturado de tal forma que ele não soubesse mais achar o caminho de volta. Quem é que saberia responder...

De fato era bastante curioso o caso do aluno Eliseu – como podia ter aprendido tão depressa? Por outro lado talvez esses casos não fossem tão incomuns. A professora Ana lembrava, ainda que vagamente, ter aprendido a ler e escrever aos cinco anos, antes de entrar na escola. Lembrava apenas dos jornais que circulavam pela casa e das trocas que a irmã fazia com ela, por conta de seu estágio no colégio. Um esmalte velho, uma presilha de cabelo ou um resto de perfume a cada tarefa que ela realizava com a pressa de criança que quer sair logo para brincar. Aliás, que bela infância tivera. Não podia se conformar com as crianças de hoje, trancafiadas nas suas casas brigando e brincando virtualmente com tipos esquisitos.

Quando criança adorava se embranchar nas matas, subindo em árvores e fazendo cabanas e poderia passar assim horas a fio. No entanto, ao iniciar sua vida de estudante, viu o tempo das

brincadeiras diminuir consideravelmente. O colégio sempre fora bastante rigoroso e as tarefas de classe e de casa pareciam intermináveis. Tanto que ela precisou de uma professora particular para fazê-la sentar e concluir os deveres.

Mesmo assim, gostava da escola e de tudo o que ela representava. Gostava das colegas, gostava de aprender e ter boas notas. Algumas coisas porém nunca a encantaram, como a poesia e as artes. Gostava de ler sobre tudo, mas a poesia nunca a atraiu. Gostava de ler livros, jornais e outros textos que tivessem começo, meio e fim. Admirava as telas pintadas pela irmã. Sua sala de jantar exibe várias delas, porém nunca se deu bem com tintas e pincéis ou quaisquer outros materiais ligados à arte. De certa forma, isso a incomodava. Entendia que gosto é gosto, cada um tem o seu e ela não era obrigada a gostar disso tudo. Por outro lado, como professora de ensino fundamental, com classes multidisciplinares, esses temas faziam parte da grade curricular e ela era obrigada a dar conta deles, ainda que lhe pudesse parecer uma grande perda de tempo. Ossos do ofício.

Curiosamente, a tia também contava dos problemas da turma de 60 com as artes. Nos estudos elas sempre se saíram muito bem, mas reconheciam que tinham habilidades diferentes. Procuravam sempre ajudar-se umas às outras nas suas deficiências, e não eram raras as vezes em que o desespero lhes arrancava lágrimas. Umas por não saberem bordar, outras por não saberem desenhar e outras, em especial a própria tia Sofia, por não saberem cantar. O que aliás, apesar dos esforços, acabou lhe rendendo no diploma uma nota, a seu ver, bastante baixa na disciplina de música. Fato que inclusive possa parecer a alguns, um dos grandes motivos do desafeto que nutriu por anos pela madre Luci, sua professora de Música e Português e uma “demônia” no seu conceito. Costumava explicar que na concepção da madre, quem tirasse dez em Português se igualaria a ela e ninguém tirava dez, mas ela tirava e desbancava a madre. Inconformada, ela lhe “ferrava” na Música, que era o seu ponto fraco.

Por outro lado, tia Sofia expressava grande satisfação ao lembrar de outra personagem da época do colégio: madre Diná. Embora fosse freira, era moça, tinha praticamente a mesma idade das alunas. Era professora de Religião, mas suas aulas não eram doutrinárias. Pelo contrário, fazia questionamentos inteligentes e punha a turma toda para pensar sobre assuntos que não costumavam ser *pensados*. Talvez por isso tenha sido marcante na sua formação e “talvez tenha puxado alguma coisa dela”.

Lembranças à parte, a professora Ana sentia-se particularmente satisfeita com a turma da segunda série, que inclusive na sua opinião, estava muitas vezes melhor que a terceira. O ano letivo de 2003 avançava já para o quarto bimestre. Quando começou o ano eles apresentavam muita dificuldade, mas isso não a incomodava pois tinha com ela que na primeira série o professor procura ensinar o básico e é na segunda que se deve procurar sanar as dificuldades. Claro que às vezes o aluno não consegue mesmo e então é necessário reter.

Reprovar alunos é uma tarefa nada agradável, principalmente para ela que conhece de perto a realidade de cada um e que se envolve demais com suas histórias. Entretanto, sabia bem separar as coisas e não passaria “nada de ruim” para a próxima professora, assim como não gostaria que passassem para ela. Mas eles, na sua maioria estavam bem.

Acostumou-se a trabalhar com a silabação e os exercícios de psicomotricidade eram imprescindíveis pois ela não tolerava letra feia, mas costumava acrescentar novidades para deixar a aula mais atraente. Percebia que os pequenos se cansavam com o excesso de tarefas e procurava lhes proporcionar mais momentos para brincar. Gostava de ler para os alunos e procurava incentivá-los a ler cada vez mais, pois sabia que isso os ajudaria a sanar suas dificuldades de ortografia e pontuação. Observava que o fato de perceberem o quanto ela gostava de ler, os incentivava a ler também e ela sempre teve o cuidado de selecionar as leituras que indicaria para eles. Achava que as histórias, principalmente no início do processo de aprendizado da leitura precisavam ser atraentes, e que se os alunos comessem a ler coisas desinteressantes, podiam nunca mais querer saber de ler.

Na hora da história punha todo mundo sentado no chão e depois da leitura, costumava propor a eles que encenassem, e então cada um escolhia um personagem e era aquela festa, porque eles adoravam. Mas é claro que tinha dia e hora certos e os alunos já sabiam que a atividade só aconteceria se eles se comportassem, se fizessem toda a lição, se mostrassem interesse pela aula.

E agora repensando tudo isso, compreendia que estava, sem perceber, repetindo coisas que ela viu darem certo, como o esmalte velho que recebia da irmã em troca das atividades que fazia. Costumava inclusive usar essa tática quando decidiu implantar por conta própria, aulas de inglês básico para a quarta série às sextas feiras. Os alunos adoravam e costumavam se exibir para as outras classes, falando ou cantando musiquinhas em inglês. Notava que o desempenho e a disciplina durante a semana eram muito bons, pois ninguém queria perder as aulas da sexta.

Muitas mil coisas aconteceram durante esses vinte e três anos. Gostava mesmo muito do que fazia. Gostava de cultivar as relações com os alunos, realmente se envolvia com suas vidas e suas histórias e procurava acompanhá-los na sua trajetória posterior como se fossem seus filhos. Agora talvez não tivesse mais dúvidas de que aquela era a melhor profissão que poderia ter escolhido para si.

A tia, que na vida profissional ocupara mais cargos administrativos do que o de professora em sala de aula, costuma dizer – e é provável que tenha razão – que na educação, o melhor cargo é o de professora, apesar da frustrante experiência docente que teve na faculdade, no curso de Pedagogia. Ela conta que a primeira vez que entrou na sala de aula, era como se fosse nada, nem ninguém. Ninguém a havia visto, salvo uns dois ou três que sentavam na frente. Durante a aula, levantavam sem pedir licença, abriam a porta e iam embora. Ficava chocada. Sua formação não permitia que aceitasse aquilo. Havia aprendido com os pais a pedir licença para entrar nos lugares, a cumprimentar e despedir-se das pessoas. Começou então a fazê-los refletir sobre as próprias atitudes e sobre os valores que aparentemente não tinham. Aos poucos foi colocando o pessoal na linha e terminou o ano como paraninfa da turma.

Mas certamente, na sua opinião, o pior cargo que já havia assumido era o de supervisora de ensino, porque segundo ela, apesar da responsabilidade do cargo, ele não era reconhecido e por maior que fosse o seu trabalho, ele não aparecia e por vezes foi obrigada a ouvir comentários insinuando que ela ganhava demais pelo que fazia.

Como estaria agora? Havia alguns anos não se viam. Falaram algumas vezes por telefone e pelas últimas notícias tia Sofia havia ocupado provisoriamente a chefia do Departamento de Educação de Joanópolis. Estava ansiosa por revê-la e saber dos últimos acontecimentos. Tinham tanto para falar... Foram sempre tão próximas!

Endereço na mão, olhos atentos à numeração das casas. À distância de poucos metros, alguém aparava os hibiscos próximos ao muro. Ainda que de costas e com um imenso chapéu que a protegia do sol, não teve dúvidas. Ao se ouvir chamada pelo nome, abriu um grande sorriso, e entre abraços cruzaram o jardim e seguiram para dentro.

2.1 - MINHAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A sala da professora Ana é uma das classes da segunda etapa do primeiro ciclo (segunda série) do período da tarde da E.M. Comendador Gutierrez. Na sala, com cerca de vinte e cinco alunos, em sua maioria em idade escolar normal (sete ou oito anos), pode-se perceber o silêncio e o baixo tom de voz dos alunos. As carteiras impecavelmente dispostas em fileiras de duplas. Nas paredes alguns poucos enfeites e a porta da sala constantemente aberta durante o período de aula. A mesa da professora localizada no canto esquerdo, contrário ao da porta, junto ao quadro negro, onde ela permaneceu durante uma das atividades de leitura e interpretação de uma poesia que tive a oportunidade de acompanhar.

Inicialmente a professora pediu aos alunos que fizessem a leitura silenciosa do texto. Em seguida ela leu a poesia para eles. Após, solicitou que identificassem quais palavras rimavam entre si. E então passou a fazer alguns questionamentos do tipo: “O que achavam da poesia?; Quais acontecimentos deixam a poesia triste ou alegre?; O que o autor quis dizer com...?”

Durante minha breve passagem pela classe pude observar algumas situações que gostaria de destacar. Quando por exemplo um dos alunos, que estava sentado ao meu lado, no fundo da sala, durante os questionamentos da professora, respondia num tom tão baixo que somente eu, estando a seu lado podia ouvir. Uma das vezes, eu disse a ele que falasse mais alto, porque sua resposta estava correta, mas a professora não estava ouvindo. Ele o fez, mas depois de ouvi-lo, ela não emitiu nenhum parecer sobre a resposta estar certa ou não e continuou a interrogar à classe. Tive a impressão de que aquela era uma das respostas possíveis, mas existia uma resposta melhor. E parecia que era isso o que ela procurava entre os alunos: a melhor resposta.

Em seguida, a professora distribuiu uma segunda folha mimeografada, onde constavam algumas perguntas relacionadas à interpretação da poesia que deveriam ser lidas e respondidas pelos alunos que, apesar de estarem sentados em duplas, realizavam as tarefas individualmente. Alguns alunos se dirigiram à mesa da professora solicitando orientações, outros aparentemente não necessitavam delas, mas nesse meio, chamou-me a atenção a atividade de um dos alunos, sentado próximo a mim, cujas respostas eram a cópia das perguntas, ou seja, no espaço reservado para a resposta, ele transcrevia o enunciado das questões, o que me fez pensar que ele não conseguia compreender uma só palavra escrita naquele papel. Entretanto, em momento algum ele solicitou a ajuda da professora.

Por um momento ausentei-me da sala e no meu retorno, constatei que a professora não estava na classe e ainda assim os alunos permaneciam em silêncio e, concentrados, continuavam a realizar a atividade proposta.

Pude observar nos cadernos dos alunos, razoavelmente conservados, atividades como cópias de textos, exercícios de repetição de sílabas, operações armadas de adição e subtração, sequência de numerais, além de correções e lembretes escritos com caneta vermelha.

2.2 - “OS FIOS” DE ARIADNE

O texto baseado no depoimento da professora Ana aparece-me pontuado de elementos que vão se entrecruzando e desenhando a sua imagem de professora. Sugere algumas nascentes de certos valores e concepções aparentemente cristalizados que se misturam à vivências, observações e experimentações de acertos e erros e que encaixados apontam para um possível entendimento da sua formação docente.

O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar (o singular) não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois (o singular) é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos (e papéis) do nosso passado (e do nosso presente). (BOSI, 1987, p.335)

A seguir, são relacionados alguns itens destacados do texto, sobre os quais proponho um olhar mais atento e uma certa disposição para inter-conectá-los.

2.2.1. *Postura firme*

“- Não sejam professoras boazinhas. Boazinha na boca de aluno é sinônimo de tontinha!”

Certamente um dos pontos fortes de sua prática pedagógica, e a exemplo das próprias turmas e as da tia, que eram brilhantes e consideradas como as melhores e mais comportadas, a disciplina conseguiu sobreviver ao longo dos seus vinte e três anos de carreira e não se admira que levante elogios e uma ponta de inveja entre as colegas, afinal, atualmente, a disciplina na sala de aula tem sido objeto de preocupação entre vários autores, que procuram aviar receitas para as mais desoladas, cujo *objeto de desejo* tem sido nos últimos anos, obter silêncio na sala e conseguir *dar aula*. Não se pretendendo aqui, discutir o conceito de disciplina e suas diferentes interpretações.

Já havia pego as piores classes, mas sempre colocava os alunos na linha. Como? Mantendo postura firme e *nem aí* com a fama de brava! A tia já havia alertado, “os alunos detestam professores exigentes, mas os respeitam muito”. Além disso “testam os professores o tempo todo para saber até onde podem chegar”, por isso mesmo, jamais agradaria um aluno, depois de ter chamado sua atenção, pois aprendera que de nada adiantava ficar brava num instante e “passar a mão na cabeça depois”.

Mesmo com os alunos mais afetuosos era sempre muito exigente, “sabia o momento de elogiá-los, mas ficava atenta para que não abusassem dela”.

Falar baixo com os alunos, aparentemente também é uma das estratégias da professora Ana para manter a ordem na sala. Os exemplos que teve das classes da tia Sofia e do professor Ercílio e as próprias observações com seus alunos, a seu ver, lhe ajudaram a compor uma postura de autoridade entre eles, sem necessidade de apelações.

Sarmento (1994, p.56) lembra que os professores possuem modelos vivos de exercício da profissão desde o início do seu processo escolar, “quando o futuro professor ainda é aluno, e percebe de forma concreta o que é ser professor e o que é ensinar”.

Observar o envolvimento dos alunos da classe da professora Isabel, a ajudava confirmar, algo que já há muito havia percebido: aluno zanzando pela sala, inquieto, querendo “isso ou aquilo”, pedindo para ir ao banheiro toda hora, apresenta sintomas de desinteresse pela aula.

Em seus relatos, a professora Sofia narra um episódio que, numa certa noite, a fez perder o sono, além de lhe fazer sentir frágil e fracassada. Pela primeira vez havia quebrado uma espécie de código de ética próprio, e ainda que fosse capaz de reconhecer seus próprios motivos, não lhe diminuía a frustração. A seu ver, mandar um aluno ou aluna para fora da sala era como “assinar um atestado de incapacidade”, pois tinha para si que quando um professor põe um aluno para fora da sala, coloca em risco sua autoridade sobre ele. Portanto, seria a última coisa a fazer, não importava a situação.

Essa concepção chama-me a atenção em especial, por ter feito, e talvez ainda faça, parte de minha própria formação. Talvez tenha surgido da observação ou dos conselhos das mais experientes, mas o fato é que, como a professora Sofia, lembro-me de ter mandado um único aluno para fora da sala, se bem que mais de uma vez. Lembro-me ainda, quando no cargo de diretora, advertir minhas professoras quanto a este fato, utilizando um argumento ainda mais radical se comparado ao da professora Sofia: “quando um professor põe um aluno para fora da sala de aula, perde aquele aluno e o respeito dos outros.” Perguntem de onde eu tirei essa *verdade* e eu não sei dizer.

2.2.2. As práticas

“Um esmalte velho, uma presilha de cabelo ou um resto de perfume a cada tarefa que ela realizava com a pressa de criança que quer sair logo para brincar”.

Uma idéia que se transformou em uma de suas grandes estratégias e que ela vê funcionando até hoje. “Notava que o desempenho e a disciplina durante a semana eram muito bons, pois ninguém queria perder as aulas da sexta”. As aulas de inglês por sua conta, a hora da história e o espaço para encenações, as músicas, enfim, além de aumentar as oportunidades de conhecimento e desenvolvimento dos alunos, também contribuíam para manter a ordem e o comprometimento com as atividades. Uma tática que surgiu da idéia de que – dando ao outro algo que lhe agrada, pode-se obter dele, em troca, algo que se quer ou se precisa – experiência que ela teve ainda quando criança.

Um dos pontos fortes de sua prática é, sem dúvida, a disciplina dos alunos e o silêncio que ela mantém na sala de aula. Quando indagada sobre o segredo do que, para algumas pode ser considerado um grande sucesso, ela diz que nunca soube ao certo como fazer. As idéias vão surgindo das observações, das experiências, dos acertos e erros, das próprias concepções, dos valores dos outros que se tornam seus próprios, enfim, relações que se estabelecem no dia-a-dia da escola e da sala de aula e que vão produzindo um processo de permanência de pensamentos e de práticas tidas como funcionais e que ajudam a manter uma situação de controle.

Deste modo, tudo o que acontece com ele, suas experiências idiossincráticas se tornam o pano de fundo de seus pensamentos e ações. As suas crenças foram ao longo dessas experiências adquirindo significados, por isso ele muitas vezes faz como faz, acredita que deste modo é melhor, que é bom, porque aprendeu assim e porque pensa assim. Esse dado não pode ser esquecido: estudar as concepções do professor implica vê-lo nesse todo enquanto filho, aluno e cidadão. (SILVA, R.C., 2000, p.35)

Pode-se ouvi-la falar com grande entusiasmo sobre a infância feliz que tivera, encantada com a liberdade de se enfiar no mato, fazendo cabanas e subindo em árvores. Não fosse isso, talvez tivesse mais dificuldade em identificar a grande necessidade que os pequenos têm de brincar. Por outro lado, com os alunos maiores das quartas séries, com idade normal entre nove e onze anos, a professora Ana não demonstra a mesma tolerância em relação às brincadeiras e enfatiza a necessidade de ajudá-los a tornarem-se responsáveis.

2.2.3. A auto-superação

A professora Ana deixa explícita sua pouca afinidade com a poesia e as artes, o que talvez demonstre uma possível dificuldade em aceitar a ambigüidade artística, na qual não se pode

encontrar o certo ou o melhor. Ao mesmo tempo percebe-se também em sua fala a necessidade de auto-superação, a conquista de prêmios, as medalhas, o ser o primeiro e chegar na frente, que provavelmente tem suas raízes na severidade do pai de tia Sofia – “Grande coisa... Por que não tirou dez em tudo? Não faz outra coisa além de estudar!”, ou da própria mãe “Mas por que não passou em primeiro? Se tivesse se esforçado, teria pego o primeiro lugar, não é?”.

...o que o professor pensa sobre educação, sobre sucesso ou fracasso escolar, bem como as expectativas, as representações e os saberes construídos na prática diária, influenciam e determinam a sua conduta docente. As opções que ele faz, suas decisões e ações serão de acordo com os movimentos, seu e de seu grupo, de acordo com o que é válido para eles.

Enquanto existir validade para ele, um saber, uma crença pode permanecer, pode até ser polêmico, mas, por sua validade psicológica¹² ele não modifica, e cristaliza-se em sua prática. (SILVA, R.C., 2000, p.31)

Tanto a professora Ana, como a professora Sofia, demonstram construir sua imagem de alunas a partir de uma concepção de brilhantismo, das cobranças, da necessidade de reconhecimento, enfim. Suas falas casadas, demonstram ainda que trouxeram muito desses pensamentos para dentro de suas salas de aula. Como a tia que costumava aconselhar as normalistas dizendo que “as estava preparando para a vida, para serem responsáveis sem cobrança nenhuma dos outros”; e como a professora Ana que não admitia ouvir o “eu não consigo”, pois sabia que todos eram “inteligentes e capazes”, e ainda que “aqueles alunos que acreditam neles mesmos, conseguem, eles realmente são bons e se tornam bons profissionais”. Idéias que se subdividem e *abrem portas* para outras idéias, como a dos “alunos que se sobressaem” e aqueles que “não vão”.

As palavras “probleminha” e “bloqueio” aparecem na fala da professora Ana como a classificar alunos com mais e menos dificuldades em acompanhar ou realizar as atividades escolares. Interessante talvez seja buscar as prováveis origens desta crença que faz pensar que alguns alunos são *bloqueados* e outros não. Arrisco-me aqui propor uma relação entre essas concepções e as pesquisas realizadas e difundidas oficialmente por Manoel Bergström Lourenço

¹² Segundo Silva, R.C. (2000) “A validade psicológica é um termo Gramsciniano e está relacionada ao valor que damos a alguma coisa ou idéia para fazermos as escolhas que fazemos. Esta validade psicológica seria o componente afetivo do pensamento e do saber cotidiano.” (p.31)

Filho (1897-1970), a partir de 1928, sobre a existência de um nível de maturidade – passível de medida – como requisito para a aprendizagem da leitura e escrita – os testes ABC¹³.

“Como proposta já então em curso de solução para o “novo problema” e de acordo com os princípios da educação renovada, os testes ABC se apresentam como uma fórmula simples e de fácil aplicação, com fins de diagnóstico ou de prognóstico, e como critério seletivo seguro, para definição do perfil das classes e sua organização homogênea, assim como dos perfis individuais dos alunos, permitindo atendimento e encaminhamento adequados.” (MORTATTI, 2000, p.151)

...
“...essa circulação dos primeiros resultados inicia um processo de divulgação institucional entre aplicadores desses testes e de divulgação acadêmico-científica, entre “entendidos”, os quais geram uma série de apreciações elogiosas por parte de uns e outros. Essa divulgação, por sua vez, vai contribuindo para se formar e continuamente referendar uma opinião favorável a respeito do pioneirismo, rigor científico e aplicabilidade dos testes ABC e simultaneamente vai propiciando sua contínua divulgação no âmbito das escolas primárias, dos cursos de formação de professores e dos centros de investigação em psicologia escolar. (MORTATTI, 2000, p.157)

Lembre-se o leitor que a professora Ana formara-se no curso normal em 1975, década em que segundo Mortatti (2000), ainda circulam os exemplares dos testes ABC¹⁴, bem como certamente devam circular suas idéias de prontidão e classes homogêneas de onde talvez tenham surgido as fileiras de fortes e fracos e os atuais bloqueios ou problemas de aprendizagem, ou ainda “os alunos que não vão”.

Na fala da professora Ana, percebe-se ainda uma grande preocupação com a formação moral de seus alunos que supera a necessidade de transmissão dos conteúdos escolares. Certamente muitos desses valores ela herdou de seus tempos de filha e aluna. Segundo Fontana (2003), em suas pesquisas Souza, A.N.(1996), constatou ser comum entre os professores, uma postura comprometida com a formação das novas gerações.

¹³ Os testes ABC foram lançados na década de 30 por Lourenço Filho, tendo sido organizados com o objetivo de diagnosticar nas crianças que procuravam a escola primária, a presença ou ausência de um conjunto de capacidades necessárias à aprendizagem da leitura e da escrita. A soma dos pontos obtidos nos testes por cada criança tornava possível situá-la numa das faixas de frequência de uma determinada curva normal, o que possibilitava indicar quais eram os alunos *sem maiores problemas*, e quais os que exigiam *atenção especial*. À vista desses resultados globais, podiam-se organizar classes *seletivas* ou *diferenciais*, sob a alegação de que classes homogêneas “aumentam o rendimento do ensino, facilitam a disciplina e permitem mais razoável avaliação do trabalho de cada docente.” (LOURENÇO FILHO, 1967, p.143-145. **grifos do autor**)

¹⁴ A 2ª edição (3.000 exemplares) de Testes ABC é lançada em junho de 1937, e a última de que se teve notícia, a 12ª (3.000 exemplares), em 1974, tendo alcançado, no conjunto das 12 edições, uma tiragem total de 62.000 exemplares. (MORTATTI, 2000, p.160)

... independentemente de seu tempo de exercício no magistério, consideraram, em seus depoimentos, a docência como portadora de prazer e de vocação. Apesar de reconhecerem ser um trabalho árduo e desvalorizado socialmente, analisavam a docência a partir da possibilidade de mudança e de transformação social, como espaço de formação das novas gerações, e viam nessa possibilidade de contribuir para a construção de instrumentos para a cidadania ativa o fator determinante de sua identificação com o magistério e de sua permanência nele, embora nem sempre definissem claramente de que cidadania falavam e em nome de que/ de quem a defendiam. (p.131)

2.2.4. Pesos e medidas

“Gostava das ‘pontas’. Achava que as ‘turmas do meio’ (segundas e terceiras séries) traziam muitos vícios que são difíceis de consertar”.

Letra feia ou de traçado incorreto, problemas com a ortografia das palavras, uso inadequado do caderno, má fluência na leitura e até o manuseio não-convencional do lápis, entre outros, são alguns desses hábitos ou “vícios” a que se refere a professora Ana, segundo pude observar tanto pela minha própria prática como professora, quanto pela experiência como diretora, ao ouvir os comentários que se diluíam nas conversas entrecruzadas das salas de professores. Aliás, conforme pude observar, são também os grandes responsáveis pela formulação de uma pergunta comum entre as professoras mais indignadas: “Menino, quem foi tua professora o ano passado?”

Apesar da postura firme, no entanto, a reprovação dos alunos, aparece na fala da professora Ana como uma tarefa nada agradável, uma vez que ela permanece envolvida com suas realidades durante todo o ano. Mesmo assim, fala sobre a preocupação e o compromisso em não passar um aluno que não esteja pronto, certamente com base na sua concepção de ser o melhor e na preocupação com a auto imagem perante as colegas, que a vêm com determinados olhos e esperam dela determinadas atitudes.

“Se tirassem nota estava bom, mas se não tirassem estava bom também. Bem diferente de sua época... Não havia como não comparar”

Em suas reflexões a partir da definição de Alvin Toffler (1972) sobre o “choque do futuro”, Nóvoa (1995c) explica um certo desajustamento do indivíduo “ao descobrir que as coisas não funcionam como antes”:

Este mesmo sentimento de desencanto afecta hoje muitos professores, quando comparam a situação do ensino há alguns anos atrás com a realidade quotidiana das escolas em que trabalham.

O sentimento de insegurança está na origem do cepticismo e da recusa dos professores em relação às novas políticas de reforma educativa.” (NÓVOA, 1995c, p. 96)

Até pouco tempo atrás, as notas costumavam funcionar como mecanismo de controle tanto de aproveitamento quanto do comportamento dos alunos. No entanto, com a implantação do Ciclo Básico¹⁵ a partir de 1985, o sistema de notas foi substituído por relatórios de acompanhamento contínuo do rendimento e das dificuldades dos alunos, e é comum ouvir entre as professoras com mais tempo de carreira que a abolição do sistema de notas e reprovação tem contribuído para criar um certo *corpo mole* entre os alunos menos interessados.

Nesse momento, em que os professores da rede de ensino pública do Estado de São Paulo estão passando pelo impacto da progressão continuada, há que se pensar que, para interpretá-los e interpretar suas falas, precisamos lembrar que existe um conceito de ensino, de sociedade e de homem que faz com que o professor se recuse ou aceite esta medida administrativa imposta pela Secretaria de Educação, proposta como progressista e inspirada na psicologia psicogenética. No entanto, ela foi implantada na rede de ensino pública como obrigatória sem que a maioria dos professores e da escola discutissem seus fundamentos ou fossem preparados para as mudanças que ela exige, causando, assim, um grande impacto nas escolas do Estado de São Paulo, levando alguns dos professores a se revoltarem com essa medida. (SILVA, R.C., 2000, p.41)

¹⁵ Implantado no Estado de São Paulo, em 1985, com o objetivo de propiciar aos alunos um processo de aprendizagem contínuo e sem retrocessos, principalmente no que se refere à leitura e a escrita.

III - DO TIJOLO AO LÁPIS – AS MESMAS MÃOS

Estavam juntas outra vez, pelo mesmo motivo que as uniu por tanto tempo e que fez fortalecer entre elas uma grande amizade marcada por um misto de confiança e admiração pelo trabalho uma da outra.

A professora Carmem havia sido convidada pela Secretaria de Educação do município de Bragança Paulista no ano de 2002 para ser uma das formadoras do PROFA – um novo programa de alfabetização organizado pelo governo do estado de São Paulo. O programa seria desenvolvido em várias turmas de vinte e cinco professoras, com carga de oitocentas horas. Entusiasmada, a professora Helena foi uma das primeiras inscritas e por sorte havia sido selecionada para compor uma das primeiras turmas.

A alfabetização sempre a atraiu muito. O retorno que obtinha dos alunos nesta fase em relação à aquisição da escrita a encantava, por isso sempre preferiu trabalhar com as primeiras séries.

Formada em 1985 na escola estadual Cásper Líbero, começou a lecionar em 1986, na Comunidade Vitória, onde permaneceu por três anos trabalhando com crianças em idade pré-escolar. Lá conheceu a professora Carmem, alguém que ela *sugou* muito, principalmente no início da carreira, quando tinha acabado de sair do magistério e não trazia experiência nenhuma. Até então eram crianças menores e na época não havia tantas cobranças no trabalho com a educação infantil.

Em 1989 deixou a Comunidade Vitória para assumir uma substituição numa sala de primeira série na E.E. Profa. Jacyra Marcondes, onde coincidentemente a professora Carmem também lecionava, estando na época afastada, em licença gestante. Foi ali que sentiu as coisas começarem a apertar. Não tinha prática nenhuma em alfabetização. Não sabia nem por onde começar, se trabalharia com cartilha ou com o que. Até onde sabia, a professora da sala estava prestes a tirar licença e os alunos haviam sido agrupados propositadamente após uma avaliação, sendo colocados juntos todos aqueles que “não sabiam nada”. E foi esta a classe que lhe foi atribuída.

No início resolveu continuar seguindo uma tal cartilha que ela nem lembra o nome, e que já vinha sendo trabalhada pela professora com a turma. Após dois ou três meses de trabalho, no entanto, observava que não havia progresso algum. Apenas os alunos eram cada vez mais, ótimos

copistas. E ela cada vez mais angustiada – “Meu Deus por que isso não está dando certo? O que eu faço agora?” Foi então a hora de pedir socorro à professora Carmem que acabava de voltar da licença e que já trabalhava há algum tempo com a proposta construtivista de Emília Ferreiro. Ela a orientou a pôr de lado as cartilhas e iniciar o trabalho de alfabetização considerando os níveis de escrita dos alunos.

Quanto mais avançava na prática da nova proposta, mais sentia necessidade de aprender para entender melhor o que estava fazendo. Então passou a freqüentar todos os cursos oferecidos pela oficina pedagógica que tratavam principalmente de esmiuçar a teoria da psicogênese da língua escrita desenvolvida por Emília Ferreiro, os quais apresentavam uma nova proposta para alfabetização a partir do trabalho com textos da Literatura Infantil em substituição à silabação e aos textos sem contexto das antigas cartilhas; além de ler livros indicados nos cursos e pelas amigas, buscando entender através da teoria o que vinha fazendo até então na sala de aula.

Em 1990, encerrado o período de substituição, buscando pontuação como *professora de estado*, foi parar na zona rural, no bairro do Açude, onde lecionou por quase dez anos, ainda que tivesse assumido algumas turmas *na cidade* durante esse tempo.

A essas alturas, sentia-se verdadeiramente incorporando a nova proposta. Certamente não viu dificuldades em romper com a cartilha por nunca ter sido sua adepta e nunca ter confiado no processo de silabação. Já havia tempo vinha trabalhando com a construção e os níveis de escrita e agora conseguia vislumbrar no trabalho com textos uma grande possibilidade para alfabetizar os alunos dentro de um contexto que lhe parecia rico e interessante. E em meados de 1991 já havia acrescentado a Literatura Infantil à sua prática de alfabetização.

Em 1996 na E.E. Sergio de Almeida, assumiu uma terceira série cuja maioria dos alunos ainda não eram alfabetizados. Na mesma época, uma amiga de outros tempos, a professora Rita Deó assumiu uma classe de aceleração na mesma escola, onde permaneceram trabalhando juntas até 1998. Pela similaridade do trabalho e pelas dúvidas e dificuldades encontradas, houve grande troca de experiências entre as duas, o que fez crescer ainda mais a amizade entre elas.

Durante esses anos todos já havia visto quase tudo nas escolas. Já tivera turmas e mais turmas, cada qual do seu jeito. Da mesma forma que recebia alunos nas primeiras séries que já estavam alfabetizados, tinham boa leitura e poucos erros ortográficos, deparava-se também com aqueles que ainda não haviam sequer aprendido a escrever o próprio nome.

Observava a diferença em questões de aprendizagem dos alunos que haviam freqüentado a educação infantil e os que não freqüentaram. Além disso, havia aqueles a quem o ambiente familiar não favorecia, não oferecia estímulos para o desenvolvimento da leitura, como jornais, revistas, gibis, etc. Ambientes onde as preocupações dos pais são anteriores à da informação sobre os últimos acontecimentos, das grandes reportagens ou dos bons livros. Ambientes em que inclusive os pais também não tiveram acesso à alfabetização. E na sua opinião isso fazia toda a diferença.

Para ilustrar seus pensamentos, lembrava do episódio quando, ao trabalhar com uma das turmas sobre os consecutivos incidentes de vazamento de óleo no mar, um dos alunos lhe trouxe reportagens de jornais que eram lidos pelo pai, trazendo também, sobre o assunto, muitas explicações e informações que adquirira em conversas com ele. Ela observava a diferença de aproveitamento em relação aos demais e atribuía aos estímulos que certamente recebia em casa.

Sabia que a condição social das famílias refletia em seu trabalho com os alunos, mas ao mesmo tempo tinha para si que esse fator fazia aumentar ainda mais a responsabilidade do professor. Assim, por exemplo, se o seu aluno por estas ou outras razões não tivesse acesso ao conhecimento da função social da escrita através dos diferentes tipos de textos presentes no cotidiano, a sua obrigação era proporcionar-lhe o contato com a língua escrita em todas as suas formas. E era o que ela fazia. Procurava trazer para a classe jornais, revistas, gibis, receitas, livros, cartas, enfim, tudo para favorecer o processo de alfabetização dos alunos.

A experiência lhe ensinou que valia a pena acreditar no sucesso dos alunos e que essa história de que tem aluno que *não aprende de jeito nenhum* era pura conversa. Entendia que um aluno que apresenta dificuldades para aprender precisa geralmente de um tempo maior que os outros, e que se ele não tem o progresso que se espera no primeiro ano, é importante que tenha chance de prosseguir no segundo. Por isso era a favor do regime de ciclos e da progressão continuada. Como viu acontecer com aquela primeira turma que assumiu em 1989. Ela havia trabalhado o ano todo com os alunos e eles conseguiram avançar no processo de conhecimento da língua escrita, mas ao final do ano ainda não estavam alfabetizados. No ano seguinte, a professora Carmem assumiu a classe, deu continuidade ao trabalho e apesar de ser considerada uma turma de “aprendizagem difícil” como ela mesma costuma dizer, terminaram o ano, senão todos, mas a grande maioria, lendo e escrevendo.

Apesar de pensar que alguns alunos possam precisar de um tempo a mais que os outros, não se conforma com o fato de ainda haverem aqueles que reprovam as segundas séries por três, quatro e até cinco vezes. Na sua opinião podem até ser consideradas variáveis, onde determinada porcentagem de alunos possa apresentar deficiências cognitivas, mas considera o trabalho do professor como determinante no sucesso ou fracasso escolar dos alunos. Acredita ainda que se os professores investirem de fato no próprio trabalho, tendo a disposição de participar de cursos de capacitação, atualizando-se constantemente, em pouco tempo a escola pública pode ser capaz de reverter o quadro de fracasso em que se encontra atualmente.

Principalmente em relação à dificuldade no processo de alfabetização dos alunos, atribui grande parcela de responsabilidade ao uso das cartilhas e dos métodos de silabação. Se lhe perguntarem por que o uso da cartilha é considerado funcional para determinados grupos de alunos, principalmente das escolas particulares, ela não sabe dizer. Particularmente não é um instrumento que ela aprove, tendo utilizado apenas por dois ou três meses, quando da sua primeira experiência com alfabetização. Apesar do pouco contato porém, não acredita na cartilha. Acredita sim na dinâmica de um bom professor, que pode até usar a cartilha como apoio nas aulas, mas não consegue ver no trabalho apenas com famílias silábicas a eficiência para alfabetizar a maioria dos alunos. Pelo contrário, na trajetória docente, pôde presenciar alguns fracassos cometidos com a ajuda da silabação das cartilhas, como na primeira vez em que assumiu uma sala no sítio, na zona rural. Havia assumido uma classe de segunda série com vinte e oito alunos que acabavam de concluir a primeira. Para sua surpresa, no entanto, dos vinte e oito, apenas quatro estavam alfabetizados. Não costuma julgar o trabalho das colegas, mas atribui sem dúvida o fracasso dos outros vinte e quatro alunos à ineficiência da cartilha.

A própria alfabetização fora um processo muito sofrido. Conta que na idade de primeira série teve tudo quanto foi doença, inclusive sarampo e caxumba. Por conta disso, acabava faltando muito, ficando em defasagem em relação aos outros alunos da sala. Viu os colegas ganhando o segundo livro “Caminho Suave”, enquanto ela há dias se enroscava na lição do passarinho. Não conseguia compreender a história dos dois “ss” juntos de jeito nenhum. Como resultado acabou perdendo o ano e teve de fazer de novo a primeira série. Ainda assim, gostava de ir à escola. Era filha única e para ela a escola representava principalmente um lugar para fazer amigos e brincar muito na hora do recreio, momento que aliás, segundo ela, era um dos mais esperados por todos.

Por falar em fracassos, comparava as dificuldades do aluno Giovani. Havia sido aluno da professora Joana no ano anterior, ficando retido por excesso de faltas, sendo por isso, inclusive encaminhado ao Conselho Tutelar¹⁶. Nos poucos dias que ia à escola, costumava passar a maior parte do tempo, debaixo das carteiras, recusando-se a participar de qualquer atividade proposta para a sala.

No ano em curso, estaria portanto, freqüentando novamente a primeira série e *logo de cara*, a professora Helena resolveu ter uma conversa séria com ele. Deixou bem claro que não queria saber daquela história de ficar se enfiando debaixo das carteiras. Queria vê-lo trabalhando. Iria ajudá-lo nas dificuldades, mas ele precisaria colaborar. Que deveria acreditar na própria capacidade e ter em mente que se todos eram capazes, ele também era. E até então parecia estar funcionando – ele estava, como ela costuma dizer “uma belezinha”... Nunca mais fora visto debaixo da mesa, havia aprendido operações simples e já sabia somar, subtrair e multiplicar. Já com a leitura e escrita tinha mesmo muita dificuldade, mas depois de muito trabalho, parecia já reconhecer a maioria das letras e vinha avançando consideravelmente nos níveis de escrita. Ela conhecia as dificuldades econômicas da família do aluno e acredita que toda essa carência tenha certa influência em seu desempenho escolar, mas acredita também que o interesse do professor e uma proposta de trabalho adequada possam fazer toda a diferença. É certo que se trata de um aluno que requer toda uma atenção especial. Ela o tem como um desafio e costuma comemorar eufórica, cada um de seus progressos.

Sempre questionou também o trabalho nas pré-escolas da rede municipal e nunca entendeu por que nas escolas particulares os alunos terminam o nível de pré já estando alfabetizados e o mesmo não acontecia nas escolas municipais. Sempre achou que se podia fazer mais do que se fazia com os alunos menores.

Ultimamente, no entanto, havia percebido com entusiasmo, o investimento da atual administração municipal na qualidade do trabalho das escolas de educação infantil, o que já se podia ver refletido nas primeiras séries do ensino fundamental. Ano a ano comparava o aumento do nível de aprendizagem e o aproveitamento escolar dos alunos, o que só fazia confirmar sua teoria de que se investindo no trabalho de alfabetização nas pré-escolas, oferecendo cursos de capacitação aos professores e favorecendo a formação de grupos de estudo, seria possível

¹⁶ Órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes definidos em Lei. [Lei Federal (ECA) no. 8.069/90]

contribuir para a melhoria da qualidade do ensino público e, em breve, não seriam mais necessários investimentos em programas de correção e aceleração.

Tinha para si que a alfabetização era mesmo a base, o começo de tudo e o que faria realmente diferença nas séries posteriores. Além disso era, sem dúvida, a fase que ela mais gostava, por isso sempre escolheu trabalhar com as primeiras séries. A grande heterogeneidade das segundas a incomodava de certa maneira – ter na mesma classe metade dos alunos alfabetizados e a outra metade não, e ter de preparar tipos diferentes de atividades para cada grupo, por exemplo, na sua opinião era um trabalho possível, mas muito desgastante. Não que as classes de primeira série fossem homogêneas – nunca eram. Sempre havia aqueles três ou quatro que se destacavam por saber mais ou por saber menos, e que não podiam ficar como ela diz “a Deus dará”, necessitando, portanto, de um trabalho diferenciado, com atividades de acordo com o seu entendimento, preparadas previamente e intervenções mais específicas. A maioria da classe, porém, seguia junto, estando por assim dizer *no mesmo barco*. Daí então, a preferência e a razão pela qual sempre escolheu trabalhar com as primeiras séries, apesar de ter assumido em 1998 aquela turma de terceira, onde mais de noventa por cento da classe ainda não estava alfabetizada, o que no final das contas, dava no mesmo.

Atribui a facilidade que tem em trabalhar de forma diferenciada à dinâmica de trabalho da zona rural, com as classes multisseriadas, que a obrigava lecionar todas as disciplinas em quatro níveis diferentes, atendendo ainda uma clientela muito especial: “a criança mais carente, que fazia bico nas olarias batendo tijolo, que tinha a mãozinha dura, que não sabia sequer segurar o lápis” e que, para ela, fora uma experiência maravilhosa e apaixonante.

A proximidade com a natureza que lhe trazia paz ao espírito e favorecia principalmente os conteúdos das aulas de Ciências, a afetividade na relação com os alunos e o maior interesse deles nas aulas, eram entre outros, alguns dos fatores que contribuíam para que ela permanecesse na zona rural bem por uns dez anos, apesar dos muitos quilômetros que precisava percorrer para chegar à escola. Sentia que as crianças precisavam dela. Que seus olhos humildes buscavam seu carinho e atenção e ela é claro, acabava se envolvendo com os problemas de cada um, em especial com aqueles que devoravam dois ou três pratos na merenda de segunda feira, como se não tivessem nada com o que passar na casa aos sábados e domingos.

Talvez fosse toda essa carência dos alunos que a tivesse feito surpreender-se com eles. No início do ano, ao levantar o perfil da classe, um pensamento logo lhe vinha à mente – “Nossa,

mas esses alunos não vão aprender mesmo, já têm uma carinha de que não estão entendendo nada!”. E na verdade conseguia muita coisa com eles e terminava dezembro com a maioria lendo e escrevendo.

Observava que os alunos do sítio parecem ser mais acomodados e mais concentrados em comparação com os da cidade, que geralmente são agitados demais, precisam ser chamados à atenção constantemente, e vivem se batendo por qualquer motivo. Pensa que talvez o fato de terem mais liberdade de correr pelos campos e andar a cavalo, lhes permita gastar a energia que as crianças da cidade acumulam trancafiadas dentro de casa.

Em especial, sua turma de primeira série deste ano se destacava pelo excesso de agitação e agressividade. Ela própria se considera bastante agitada e supõe que isto se reflita no dia a dia dos alunos. Alguns lhe aporrinham do início ao término da aula.

Costuma fazer malabarismos com atividades de música, jogos e recreação, na tentativa de ajudá-los a gastar energia e conseguir um rendimento melhor dentro da sala de aula. Ainda assim precisou investir em muitas broncas e conversas desde o começo do ano para fazê-los se conscientizar de que poderiam resolver seus problemas conversando, ao invés de ficarem se batendo por qualquer motivo. Considera esta uma das partes mais cansativas do trabalho – parar a aula, explicar, repetir a mesma ladainha inúmeras vezes.

Apesar do cansaço, observa ter conseguido muito com a maioria, excetuando-se aqueles que pareciam não estar nem aí com ela nem com coisa alguma.

Pequenos dissabores à parte, considera ter sido iluminada por Deus quando aos dezoito anos, após concluir o primeiro colegial, arriscou ingressar no magistério, incentivada por uma amiga já formada, ainda com a intenção de apenas tentar - caso não desse certo, “largaria e começaria outra coisa”. Acabou gostando e afirma que até hoje faz o que faz com muito amor procurando deixar para fora da sala de aula questões de ordem pessoal e mesmo os problemas de sempre que envolvem a profissão como baixos salários, desvalorização da carreira, etc, etc.

Agora em 2003, após ter participado do PROFA, pôde perceber que muitas de suas dúvidas e ansiedades foram sendo eliminadas. Os vídeos, os textos, as discussões, tudo contribuía para entender melhor o que fizera até ali, e separar o útil do inútil, o que serve e o que não serve, o que funciona e o que não funciona. Não que fosse jogar pela janela toda a experiência de tantos anos e achar que tudo aquilo que tinha feito até ali estava errado. Tinha consciência de que se

havia errado muito, havia acertado muito também, e que sempre teria o que aprender, como todo mundo.

Pode-se ouvi-la falar com mistos de entusiasmo e satisfação sobre aquilo que ela chama “vitória profissional” – que traduz principalmente as experiências que coleciona sobre a conquista da alfabetização por parte de alunos quase desenganados e prováveis ingressantes do fracasso escolar.

Outra grande fonte de prazer profissional diz respeito ao ambiente de trabalho, ao entrosamento e à amizade das colegas na E.M. Vila Buarque, de onde ela espera não sair nunca mais. Fala com orgulho da cooperatividade do grupo, da liberdade e do respeito de umas pelas outras, o que costuma desencadear excelentes experiências coletivas na escola, apesar da resistência das profissionais mais antigas, que segundo ela, vão sendo carinhosamente e aos poucos “puxadas” pelas novas idéias.

As horas de trabalho pedagógico coletivo (HTPCs) lhe funcionam como uma terapia de grupo, um espaço para se discutir muita coisa útil, e também falar muita bobagem nos intervalos entre um assunto e outro. Na verdade, mais do que prazer, uma necessidade. Estar com as parceiras refletindo e discutindo, tentando juntas decifrar os novos textos das novas propostas. Ouvindo as agonias das companheiras e pondo as suas próprias para fora. Aprendendo com a experiência da outra, conhecendo através do conhecimento da outra. Concordando, discordando, experimentando, errando e acertando.

De todo o seu processo de capacitação, das leituras, dos cursos e palestras, sem dúvida nenhuma, o que mais contribuiu para sua formação profissional foram esses momentos de troca de experiências com as colegas. Ainda que os pensamentos divergissem, estavam todas buscando um rumo. Além do que, agradecia sempre por ter tido a sorte de encontrar pelo caminho professoras tão especiais como Carmem e Rita que lhe ajudaram a facilitar a nada fácil trajetória docente.

Um dos episódios marcantes, dos quais se lembra com saudades, foram os grupos de estudo que realizavam por conta própria aos sábados, nas casas de umas e de outras, para discutir teoria e prática pedagógica. Eram todas professoras, umas porém com mais conhecimento que as outras, por trabalharem há mais tempo e terem feito vários cursos, se dispunham a auxiliar nas dúvidas que as colegas traziam das aulas. Depois de muito trabalho, um gostoso café e é claro, muito bate papo.

Cursos de capacitação são sempre bem vindos, como este que se inicia hoje e lhe permite rever a *guru* e amiga de outros tempos. Trata-se de um mini curso de aprofundamento para as professoras que já concluíram o PROFA. Mais uma vez juntas para discutir pontos diferentes das mesmas idéias. Poder criar, inventar, experimentar e desexperimentar, aprender e desaprender, rir e desesperar por novos sucessos e novos fracassos.

Pausa para o café. Um abraço sinceramente amigo para cumprimentar especialmente uma das coordenadoras do curso. Hora de falar bobagem e colocar velhos assuntos em dia.

3.1. CRUZANDO CAMINHOS

Havia se formado em 1978 e em 1979 já assumiu sua primeira turma na APAE¹⁷, a convite da professora Egler que na época era a diretora da instituição em Bragança Paulista. Alguém com quem ela aprendeu muito e que teve grande influência em sua formação. A seriedade com a qual a professora Egler levava aquele trabalho a encantava. As reuniões de estudo, os planejamentos das aulas, tudo era feito como ela diz “quase que cientificamente” e certamente *herdou* dela a capacidade de “ir atrás, de estudar, de abrir os olhos pra outras coisas”.

Em certa ocasião pôde ouvi-la contar sobre as angústias e os conflitos que vivia já naquela época. Em meio às discussões e reflexões sobre o trabalho, levantavam-se questões que punham em dúvida a legitimidade do que se fazia até então em sala de aula. Estavam à procura de caminhos que trouxessem respostas, e tudo parecia cada vez menos claro, principalmente em relação à alfabetização. Não havia nada novo. Não surgiam idéias...

Lembra que começaram a estudar um pouco de Freinet¹⁸ e tentaram modificar algumas coisas. Nessa época, de 1981 para 1982, a professora Egler começava a trazer idéias construtivistas dos cursos que fazia na Unicamp, e aos poucos foram sendo substituídas as técnicas empiristas, baseadas nos treinos e exercícios de repetição.

Não fora, no entanto uma mudança muito tranqüila, era como se tirassem o seu chão e desmentissem tudo aquilo em que ela e as outras professoras sempre acreditaram.

Na mesma época, a professora Carmem teve acesso também ao Proepre – um programa organizado e difundido também pela universidade com base nos estudos feitos por Jean Piaget referentes à construção das estruturas da inteligência, voltado principalmente às crianças em idade pré-escolar. E então o trabalho anteriormente estruturado na APAE, acabou sendo modificado por completo, com a introdução dos cantinhos, das atividades coletivas, atividades individuais de conservação, seriação e tudo o mais. Porém, em termos de alfabetização, a seu ver, ainda não havia nada novo, e ela permaneceu trabalhando como sabia, com atividades baseadas em treinos, junção de letras e memorização de palavras simples.

¹⁷ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

¹⁸ A pedagogia do francês Célestin Freinet (1896-1966), sugere entre outras, a utilização de técnicas baseadas na livre expressão e nas descobertas feitas pelo tateamento experimental, em lugar da instrução passiva e formal.

Em 1984, ao prestar um concurso em Atibaia, conseguiu uma classe de pré-escola, onde permaneceu por dois anos em tempos de contradição. As idéias do Proepr realmente a agradavam e ela acreditava nelas, mas não podia aplicá-las num cenário onde ninguém ainda havia ouvido falar sobre elas. O trabalho em Atibaia estava organizado de outra maneira, as professoras já tinham seu próprio modo de trabalhar, a própria seqüência de atividades e não era da sua natureza impor seus pontos de vista, principalmente entre pessoas que ela mal conhecia. Por consequência, acabou se adaptando e moldando o próprio trabalho ao já existente na escola.

Considera ter sido uma boa experiência, pois teve a oportunidade de trabalhar com uma faixa etária que era novidade para ela. Não que tenha sido fácil trabalhar dois períodos, em municípios diferentes, com práticas pedagógicas completamente distintas. Ao final do dia estava exausta, esgotada física e espiritualmente. Não pretendia deixar nenhum dos dois empregos, pois além de gostar dos dois, não trabalhava *por hobby*, mas sentia falta do tempo em que lecionava meio período, ainda que estivesse em casa programando as próximas aulas, preparando atividades, lendo, estudando, participando de cursos ou simplesmente pensando no que ia fazer na aula do dia seguinte. Não tinha mais tempo para amadurecer as idéias. Quase não tinha tempo nem para pensar.

Em 1986, teve sérios problemas de saúde que a forçaram a uma licença de mais de seis meses. Ao retornar à APAE em 1987, tomou conhecimento de que todas as turmas já haviam sido atribuídas e que não havia nenhuma classe para ela. Percebeu que a equipe já havia se estruturado dentro da nova proposta e que, por ter se ausentado por um período relativamente longo, acabou sobrando e ficando de fora. Certamente o que sentiu na época não se pode descrever, mas ela mesma conta que o fato de sair de lá não a deprimiu, apesar de gostar muito do que fazia e que tinha uma relação muito positiva com as colegas, que deixaria saudades, não mágoas.

Logo em seguida, entrou para o “estado” e como todas as professoras que iniciam carreira, só sobravam aulas em outros municípios, e o mais próximo que conseguiu foi Nazaré Paulista. Tempos depois lhe sobraram aulas na zona rural em seu próprio município, uma classe de segunda série na fazenda Santa Esmeralda.

E os fantasmas da alfabetização a continuavam perseguindo. Não conseguia entender como poderia haver alunos na sua segunda série, aparentemente sem nenhum atraso cognitivo, que não aprendiam a ler e escrever de jeito nenhum. A proposta de silabação era a mais trabalhada na época, e se funcionava com uns, por que não funcionava com todos? Com a

experiência na APAE, aprendeu a utilizar textos e organizar atividades ligadas à vivências dos alunos, mas seu trabalho ainda tinha como base, a silabação.

E nesse momento de angústias e incertezas, passou a ter acesso ao material escrito por Emília Ferreiro, editado no Brasil em 1986, sobre a psicogênese da língua escrita, através de uma proposta vinda do Rio Grande do Sul. A proposta era uma grande novidade e parecia *dar nós* nas cabeças de todos como algo completamente desconectado de tudo o que se fazia anteriormente. Para ela, nem tanto. A base construtivista que construiu em tempos de APAE a fazia acreditar que as coisas poderiam acontecer de forma diferente e parecia ajudá-la a digerir tudo aquilo naquele momento de mudanças.

Percebendo a necessidade de auxiliar os profissionais na compreensão da nova proposta, a Delegacia de Ensino na época, passou a organizar grupos de estudo para tratar o assunto.

Não satisfeitas, em fins de 1987, algumas professoras, entre elas a professora Carmem, acabaram organizando um grupo de estudos aos sábados, na casa de uma delas em horário fixo, com a intenção de aprofundar as discussões sobre o assunto e entender a melhor forma de levar a proposta para dentro da sala de aula e trabalhar de fato com os alunos.

Em 1988 deixou a classe regular para assumir uma sala de pré-escola na Comunidade Vitória, onde sentiu-se à vontade para pôr em prática tudo o que havia aprendido com o Proepre, além da proposta de alfabetização baseada nos conceitos de Emília Ferreiro, permitindo-lhe experimentar um trabalho diferente da silabação, respeitando as fases de escrita e entendendo como as crianças utilizavam suas hipóteses de escrita, à medida em que adquiria novas informações e se faziam avançar os estudos de grupo.

Por serem alunos internos, que freqüentavam dois períodos de aula, em comum acordo com a professora do outro período, uma colega da época da APAE que também participou da implantação do Proepre, decidiu organizar as atividades diárias de modo a priorizar as de alfabetização no período da manhã, quando observava que os alunos apresentavam maior capacidade de concentração e as sugeridas pelo Proepre, que considerava mais dinâmicas e menos cansativas, no período da tarde. Para a época, tem para si como uma grande experiência razoavelmente bem sucedida, mas admite com olhos de hoje, os inumeráveis “erros”, se é que se podem ser chamados assim, cometidos principalmente pelos que arriscaram transformar sua prática.

Em 1989 pelo processo de remoção do estado, assumiu uma classe de primeira série na E.E. Profa. Jacyra Marcondes, onde lecionou por quase dez anos. Na época vigorava o regime de ciclo básico e as professoras permaneciam dois anos com a mesma turma, medida que ela aprovara de pronto, pois como pode-se ouvi-la dizer, ela “alfabetizava diferente” e se ficasse apenas com a turma no primeiro ano, nada garantia que a professora do segundo pudesse dar continuidade na mesma linha de trabalho.

E foi neste ano que ela passou a acompanhar mais de perto o trabalho da professora Helena, alguém que ela havia conhecido na Comunidade Vitória. Lembra com indignação da “limpeza” que haviam feito em uma das escolas estaduais próximas mandando para a E.E. Profa. Jacyra Marcondes, dezenas de alunos, em sua maioria com “histórico de fracasso escolar terrível”, e que acabaram ficando concentrados praticamente numa única sala. Na época, a professora efetiva desta sala *premiada*, havia entrado de licença e a classe acabou sendo atribuída em caráter de substituição para a professora Helena, que “começou tentando o que ela sabia fazer, que era a silabação”. Ao percebê-la desesperada e sem resultados, colocou-se à disposição para ajudá-la, caso ela quisesse mudar sua prática “da água para o vinho”. Ela topou e juntas levaram três anos para “cuidar” daquelas crianças que apresentavam realmente “muitas dificuldades”.

Foi por conta deste episódio que viram nascer entre si uma grande amizade, baseada na admiração do trabalho e da postura uma da outra. Helena passou a participar do grupo de estudos aos sábados, sempre levantando muitas discussões, sempre com muito afinho, sempre querendo acertar.

Por não ser efetiva na E.E. Profa. Jacyra Marcondes, a professora Helena acabou saindo para trabalhar em outras escolas. Depois de um tempo, voltaram a se encontrar na E.M. Vila Buarque, mas nunca perderam o contato, pois ela sempre telefonava e *virava e mexia* estava na casa da amiga Carmem, para trocar algumas idéias.

Os grupos de estudo continuavam e em 1991 o governo do estado de São Paulo passou a oferecer cursos específicos sobre a nova proposta de alfabetização que se tentava implantar, baseado na teoria da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro. Em Bragança Paulista os cursos estiveram sob a coordenação da professora Maria do Carmo Polimeno. A professora Carmem nunca fora assídua frequentadora dos cursos oferecidos na oficina pedagógica da Delegacia de Ensino. Estes porém, a interessavam em especial.

No mesmo ano, o governo elaborou um programa, com a proposta de aprofundar o tema teórica e praticamente, sob a supervisão da professora Telma Weiz. Algumas profissionais, entre elas a professora Carmem, que se sobressaíam como alfabetizadoras na nova proposta, foram convidadas a serem multiplicadoras do programa.

As idéias foram sendo disseminadas e em pouco tempo havia se formado na região um grupo de professoras que vinham de outros municípios e que defendiam aquela nova maneira de alfabetizar. Com isso a região acabou se destacando como uma das que apresentavam mais professoras trabalhando com a nova prática, o que acabou rendendo, na época, um prêmio num congresso internacional sobre o assunto, realizado no Uruguai.

No entanto, apesar de todo o *glamour*, não foram poupadas das críticas dos de pensamentos mais antigos, nem da costumeira ansiedade dos pais de alguns alunos, como o filho da própria amiga que em outubro ainda não lia e não escrevia – “Ai, Carmem, ele não vai aprender, não vai aprender!”.

Apesar de toda aquela ansiedade, a professora Carmem se mantinha confiante, pois lembrava que na sua primeira sala de primeira série em 1989, chegou ao final do ano com apenas um aluno não estando “alfabético”¹⁹. Sabia que como as outras professoras, estava aprendendo a trabalhar com a nova proposta e que era natural que se cometessem erros e acertos, mas o sucesso era garantido e não havia motivo para pânico.

Em 1995, com a mudança de governo, os cursos “Teoria e Prática” que até então eram trazidos e coordenados pela Delegacia de Ensino da região, foram extintos, e as professoras que antes reuniam-se constantemente em grupos de estudo sobre o tema, acabaram se isolando cada uma dentro de suas próprias salas de aula por vários anos.

Aquela foi uma época difícil de isolamento quase que total e “o grande problema”, segundo ela, “foi que nós não continuamos a pensar”. Praticamente não via mais as companheiras Telma e Luísa, com quem se afinizava muito nos estudos e nas trocas de experiências. A professora Maria do Carmo Polimeno, que era coordenadora pedagógica na época, chegou a pedir exoneração do estado, tamanha era a contestação das idéias construtivistas por parte da maioria do grupo de professoras.

¹⁹ “Alfabético” é uma forma de se referir ao aluno que, segundo os trabalhos de Emília Ferreiro, apresenta uma escrita alfabética, o que significa dizer que ele é capaz de compreender que a escrita representa a pauta sonora, entendendo a natureza dessa relação e, portanto, utiliza letras para representar os fonemas, apesar de ainda não escrever de forma convencional. Ex. Ao querer escrever a palavra “CACHORRO”, pode escrever “CAXORO”.

Apesar da falta de incentivo decorrente das mudanças político-educacionais, e do preconceito e das contestações das próprias colegas, aquele grupo de professoras, que já havia *incorporado* e se identificado com a nova proposta, permaneceu trabalhando e alfabetizando naquela *linha*. E suas classes continuavam apresentando resultados satisfatórios sob olhares críticos e suspeitosos, tanto que, curiosamente, vários setores da cidade passaram a encaminhar para seus cuidados, “crianças que não aprendiam” ou “crianças com algum problema mais específico”, que não se ajustavam às outras salas, o que fez com que a professora Carmem tivesse por alguns anos “uma ou outra criança com alguma questão a mais” para ser trabalhada dentro das suas classes de alfabetização “de crianças consideradas normais”. Até ali, problema nenhum, porque as professoras davam mesmo conta desses alunos de “aprendizagem mais difícil”. O que acabou se transformando numa questão complicada e aparentemente insolúvel fora a falta de continuidade no trabalho com aqueles alunos. Dessa forma, alguns alunos que estavam acompanhando bem as suas turmas, quando saíam para outras escolas, ou simplesmente trocavam de professora apresentavam grande queda de rendimento.

Devido a alterações de ordem funcional, a E.E. Jacyra Marcondes passou a atender apenas os alunos de terceiras e quartas séries, extinguindo as turmas de primeira e segunda, motivo pelo qual, a professora Carmem acabou se afastando das classes de alfabetização. Além disso “o estado não oferecia mais nada” em termos de cursos e aqueles dos quais ela participava, vinculados a outras instituições, pareciam não acrescentar coisa alguma – “A gente não conseguia respostas para o que a gente procurava”.

Grande parte das vezes, fazia o que fazia, porque havia aprendido assim e via aquilo tudo funcionar, mas na verdade não conseguia compreender o que estava por trás daquilo que havia tomado como sua linha de trabalho há muitos anos e também, por vezes se viu diante de situações nas quais não soube o que fazer.

As idéias estavam ali, vinham de toda parte, mas faltavam reflexões sobre elas. A própria implantação dos PCNs²⁰ fora tumultuada. O material era bom, mas de difícil entendimento. Ela já

²⁰Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram organizados a partir da necessidade de elaboração de parâmetros claros no campo curricular, capazes de orientar as ações educativas do ensino obrigatório, conforme o que estabelece o Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003, elaborado a partir da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, em 1990, convocada pela Unesco, Unicef, PNDU e Banco Mundial), e em consonância com Constituição de 1988. Sua função é a de “orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros,

havia lido o de Língua Portuguesa e ficou sem entender muitos de seus conceitos, pois na época estava sozinha e precisava de alguém para sentar e pensar sobre aquilo. Sentia-se presa a uma rotina *massante* e “parecia estar sendo levada”, como numa “espécie de bola de neve”.

Ainda assim não abandonou as idéias construtivistas e vez por outra esteve selecionando atividades e trocando idéias com outras professoras, inclusive a professora do pré de sua filha Marília, que decidiu por conta própria iniciar o processo de alfabetização da turma, isso por volta de 1996.

No ano de 2001, a professora Carmem começou a vislumbrar o fim daquele terrível marasmo de idéias. Com a chegada do PROFA em Bragança Paulista, ela e as colegas viram surgir uma nova esperança para as nebulosas questões da alfabetização.

Com satisfação ela aceitou o convite da Secretaria Municipal de Educação para, junto com a amiga Luísa, coordenar o curso que atenderia centenas de professoras da rede municipal de ensino, com o intuito de implantar, aos poucos, nas escolas mantidas pelo município, a nova proposta de alfabetização.

Apesar do preparo anterior ao início do curso, as duas multiplicadoras receberam os módulos das unidades aos poucos, o que fez com que fossem “descobrimdo coisas” junto com as professoras, na medida em que discutiam e refletiam sobre os temas durante as aulas.

Ah! As discussões... Como nos velhos tempos. Pensar, discutir, pensar, discutir... Como aquilo lhe havia feito falta durante todos aqueles anos de inércia intelectual. As coisas agora lhe apareciam com mais clareza e aos poucos ia transformando intuição em conhecimento.

principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual”, e intenta, entre outros, possibilitar aos professores rever objetivos, conteúdos, formas de encaminhamento das atividades, expectativas de aprendizagem e maneiras de avaliar. De acordo com a Secretaria de Educação Fundamental do MEC, os PCN foram elaborados “a partir do estudo de propostas curriculares de Estados e Municípios brasileiros, da análise realizada pela Fundação Carlos Chagas sobre os currículos oficiais e do contato com informações relativas a experiências de outros países. Foram analisados subsídios oriundos do Plano Decenal de Educação, de pesquisas nacionais e internacionais, dados estatísticos sobre desempenho de alunos do ensino fundamental, bem como experiências de sala de aula difundidas em encontros, seminários e publicações. Ainda segundo a SEF/MEC, fora apresentada uma versão preliminar do documento, que passou por um processo de discussão em âmbito nacional, em 1995 e 1996, do qual participaram professores de universidades públicas e particulares, técnicos de secretarias estaduais e municipais de educação, membros de conselhos estaduais de educação, especialistas, educadores, professores do ensino fundamental, representantes de sindicatos e entidades ligadas ao magistério, cujos pareceres serviram de referência para a sua reelaboração, sendo concluído, impresso e distribuído no ano de 1997.

3.2. SOB “OLHOS DE VER” – UM DIA COMO OS OUTROS

A sala de primeira série da professora Helena, é um dos espaços da Escola Municipal Vila Buarque, situada em um bairro de periferia do município de Bragança Paulista. Funciona no período da manhã e atende vinte e oito alunos, na sua maioria em idade escolar normal dos sete anos.

Na sala pequena e pouco ventilada pode-se observar o chão bem limpo e nas carteiras, dispostas em duplas ou trios, não se encontram quaisquer marcas ou rabiscos em seus tampos. Nas paredes da sala, estão dispostos dois calendários; um alfabeto na sequência; o texto “A casa” de Vinícius de Moraes, escrito em papel pardo; um mapa do Brasil e um mapa Mundi e alguns poucos enfeites, além de um cartaz com as regras da classe, afixado na parede do fundo da sala. No quadro negro, escrito com giz, uma espécie de cronograma das atividades que serão desenvolvidas no dia, que foi consultado e retomado pela professora com os alunos por algumas vezes durante a aula.

A professora introduz a atividade de Língua Portuguesa, recordando com os alunos a história de Rapunzel, contada no dia anterior e propondo que escrevam, em dupla, um bilhete com a intenção de avisar a personagem sobre os riscos que ela estava correndo e sugerir algumas formas de proteger-se desses perigos. Segundo a professora, essa atividade faz parte de uma sequência de atividades de escrita e leitura de bilhetes, que tem o objetivo de favorecer o conhecimento deste gênero textual e a diferenciação entre os demais gêneros. A proposta para as duplas era a seguinte: um deles deveria ditar e o outro escrever. Ao final decidiriam quem faria a ilustração do texto.

Durante a atividade pude observar o grande interesse e o envolvimento dos alunos com a tarefa. Demonstram interagir muito bem entre si, ajudando e ensinando uns aos outros, observando aquilo que o outro deixou escapar, corrigindo as palavras escritas de forma incorreta, dando diferentes sugestões, modificando a estrutura das frases, enfim. Para os alunos ainda não alfabetizados, também organizados em duplas, a professora solicitou que fizessem um ditado com palavras da história.

Observei que é em momentos como esse que ela aproveita para intervir com aqueles que precisam de mais atenção por apresentarem maior dificuldade.

A próxima atividade, agora de Matemática, se apresenta em uma folha mimeografada com operações de subtração, distribuídas em partes de um cogumelo que deveriam ser pintadas de acordo com o resultado das operações, orientados por uma legenda.

A professora procura acompanhar todos os alunos, circulando entre as carteiras, durante a atividade, priorizando o atendimento aos alunos que demonstram encontrar maior dificuldade. Percebo que alguns já fazem o exercício sozinhos e com segurança, outros necessitam utilizar material concreto para contagem, mas conseguem realizar a atividade sozinhos e alguns poucos, apesar da utilização do material concreto, necessitam auxílio da professora.

Em seguida, ainda dando continuidade à atividade de Matemática, a professora distribuiu entre os alunos peças de material dourado²¹ e propôs operações que ela colocava na lousa para que eles realizassem, sempre observando com o olhar atento e auxiliando os que apresentavam dificuldade.

Acompanhei a atividade da professora até o momento de intervalo, quando os alunos saem para o lanche.

Percebo a preocupação da professora em aproveitar cada minuto em que a turma realiza as tarefas propostas para intervir com aqueles que ainda não acompanham o desempenho do restante da turma.

Os alunos não ficam sem atividade em nenhum momento, mas observo que são muito agitados, que falam muito e ao mesmo tempo, levantam das cadeiras com frequência e necessitam ser chamados à atenção pela professora por repetidas vezes. Penso que o fato de a sala ser pequena e estar bastante abafada, apesar de funcionar no período da manhã, possa contribuir para a excessiva agitação dos alunos.

Observei o caderno dos alunos organizados com uma seqüência de atividades numa linha semelhante à que pude acompanhar na aula desse dia.

No diário de classe da professora, observei nas disciplinas de História, Geografia e Ciências, o registro de conteúdos ligados ao contexto social dos alunos, como: análise de carteira de identidade, semelhanças e diferenças da turma; mudanças de tempo; o bairro onde moram; palestra sobre trânsito; hábitos de higiene, etc. Os registros de Língua Portuguesa e Matemática também seguem a mesma linha de trabalho.

²¹ Conjunto de peças de madeira, divididos em diferentes quantidades de unidade, dezena, centena e milhar, comumente utilizado pelas professoras de séries iniciais para trabalhar o sistema decimal de numeração.

3.3. TEMPOS & TRAMAS

3.3.1. A crença – “*Todos podem aprender*”

“A alfabetização sempre a atraiu muito”.

Apesar das conturbações de sua primeira experiência como professora alfabetizadora, quando lhe atribuíram uma classe especialmente montada com alunos que “não sabiam nada” e apesar também das frustrações do próprio processo de alfabetização que a fizeram estacionar na “lição do passarinho” e reprovar na primeira série, a professora Helena aparentemente sempre que pode escolhe trabalhar com as séries iniciais de alfabetização.

Uma de suas falas, bastante presente em seus relatos aponta para a responsabilidade do trabalho do professor no processo de aprendizagem dos alunos. “Entende que um aluno que apresenta dificuldades para aprender precisa geralmente de um tempo maior que os outros”. E não acredita que existam alunos que “não aprendem de jeito nenhum”.

Em sua primeira experiência com a alfabetização, após três meses de trabalho, a professora Helena constatou que não havia tido nenhum progresso com a turma e resolveu pedir ajuda. A questão que coloco aqui é: Por que ela resolveu pedir ajuda? O que a fez pensar que havia soluções para o seu problema com aquela turma de alunos que “não sabiam nada”? Ela poderia ter se dirigido à direção ou coordenação da escola ao final do ano, ou do semestre com quilos de relatórios e boletins insuficientes, com declarações do tipo: “Tenho feito tudo quanto me é possível, mas de fato os alunos não tem condições sociais, cognitivas, emocionais, ou sejam lá quais forem, para aprender”.

Certamente ninguém a contestaria, afinal todos sabiam que aqueles alunos “não sabiam nada” mesmo, inclusive os próprios profissionais que organizaram a sala daquela maneira, colocando-os todos juntos.

Ao invés disso, no entanto, saiu a procurar ajuda e em momento algum sua fala demonstra ter colocado em dúvida a capacidade de aprendizagem dos alunos. Quando apavorada e em preces pergunta: “Meu Deus por que isso não está dando certo? O que é que eu faço agora?”, faz-nos pensar que existe um caminho para que ela os ajude a aprender, mas ainda não o conhece.

O que eu pergunto é: De onde ela tira essas certezas? Aquela era sua primeira experiência com alfabetização. Com o passar dos anos ela pôde ver alunos com as mais diferentes dificuldades, aprenderem e se alfabetizarem, e isso certamente a fez cada vez mais reforçar sua

hipótese de que não há aluno que não aprenda. Mas o que a fez trabalhar com esta hipótese naquele momento inicial de sua carreira? Ela era uma novata, ouvindo dizer por todos nas entrelinhas que não adiantava investir naqueles alunos. E uma prova disso era o próprio fato de terem sido colocados todos juntos, certamente para não atrapalharem o trabalho com os outros alunos que não apresentavam problema.

Diante da questão, aparentemente sem uma resposta óbvia, arrisco-me a relacioná-la às experiências que a professora Helena possa ter vivido no seu processo de alfabetização. Para Silva, R.C. (2000: 34), os professores antes de os serem, foram alunos e filhos e, “como tal, aprenderam a acreditar em algumas idéias e valores, também construíram as suas próprias, acerca da escola, do ensino, da aprendizagem e sobre como ser professor e como ensinar, sobre fazer e sobre como saber fazer”. Talvez a própria experiência com a alfabetização a tenha ajudado a construir uma idéia de prática oposta àquela que havia lhe causado tamanha frustração diante da repetência. Ainda conforme Silva, R.C. (2000: 34), alguns autores se referem a essa forma de ver o ensino a partir de suas experiências enquanto aluno como “pensamento espontâneo do professor”.

Talvez a própria experiência de reprovação escolar aos sete ou oito anos de idade a tenha ajudado a perceber que apesar das dificuldades era capaz de aprender, como de fato aprendeu, e que na época não precisaria rever todas as lições desde o início, apenas precisava de alguém que a fizesse compreender a enigmática situação dos “ss” juntos.

Ela viu acontecer consigo mesma, por isso acreditava firmemente que poderia acontecer também com seus alunos. O fato de ter sido reprovada na primeira série não a impediu de concluir os estudos e ainda tornar-se professora. É possível que essa observação a tenha ajudado a concluir que não existam alunos que “não aprendem de jeito nenhum”.

Ainda não sabia como poderia ajudá-los, assim como sua professora também não a soube ajudar a compreender os tais “ss” do passarinho. Mas ela aprendeu. Não sabia como, mas aprendeu. Então havia uma maneira e ela certamente não precisaria ter reprovado a primeira série e revisto todas as lições anteriores, apenas precisaria compreender os benditos “ss” juntos.

Talvez se a professora Helena não experimentasse as frustrações das dificuldades de aprendizagem no seu processo de alfabetização, não tivesse elementos para analisá-las como uma fase, um período e não como diagnóstico de incapacidade.

3.3.2. O trabalho diferenciado – Cada um é um

Durante minha breve visita à classe de primeira série da professora Helena, pude observar algumas das maneiras como conduz seu trabalho. Falo da forma como propõe atividades diferenciadas para alunos aparentemente com conhecimentos e dificuldades diferenciadas, orientando e acudindo cada um de seus vinte e oito alunos, além da forma como parece correr contra o tempo, procurando aproveitar cada minuto para intervir com os que apresentam maior dificuldade. Para entender como ela estabelece esta forma de trabalhar, é interessante considerar alguns fatores de sua trajetória profissional.

A professora Helena nos conta que após ter se formado em 1985, passou a lecionar numa escola de educação infantil em 1986 onde permaneceu por três anos. O fato de ela apenas citar esse período de sua carreira e não aprofundar-se em comentários como fez com os períodos posteriores, não me dá elementos para pensar que esta possa ter sido uma fase significativa para sua formação, apesar da aparente importância que ela atribui à fase pré-escolar no desenvolvimento dos alunos em outras falas. Na época ainda não havia nenhuma proposta de alfabetização para a fase pré-escolar nas escolas municipais de Bragança Paulista. Talvez por isso, não tenha muito a dizer de seu trabalho nesse período.

Em 1989, ao deixar a educação infantil e assumir pela primeira vez uma classe de alfabetização, em caráter de substituição, a professora Helena passa a idéia de ter nesse momento se defrontado com o “choque do real” ao qual se refere Huberman (1995:39), definindo-o como a confrontação inicial do professor com a complexidade da situação profissional, durante a fase de “sobrevivência” e “descoberta” do início da carreira.

Nesse momento de descobertas e experimentações ou mesmo para conseguir sobreviver àquela primeira experiência com a classe de alunos que “não sabiam nada”, a professora Helena sai em busca de respostas e soluções, apoiando-se inicialmente nos conselhos da professora Carmem. Além disso, as pesquisas de Emília Ferreiro sobre a psicogênese da língua escrita lhe ajudam a compreender melhor o processo de alfabetização dos alunos com base nos diferentes níveis de conhecimento da escrita.

Em 1990, a professora Helena se depara com uma nova situação, assumindo uma classe multisseriada (primeira a quarta série) na zona rural, onde além de trabalhar com a heterogeneidade natural entre alunos da mesma série, teria de aprender a tratar com alunos de

diversas idades, em séries diferentes, na mesma sala e ainda lecionar todas as disciplinas da grade curricular.

Conforme Nóvoa (1995a): “Todos sabemos que certas técnicas e certos modos ‘colam’ melhor com a nossa maneira de ser do que outros. Todos sabemos que o sucesso ou o insucesso de certas experiências ‘marcam’ a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou com aquela maneira de trabalhar na sala de aula”. (p.34)

A meu ver, são todas peças que se juntam: o fato de a professora Helena ter encontrado as respostas que buscava na hora em que precisou; ter aplicado conhecimentos que recebia e observado resultados que lhe satisfaziam, e ainda, ter se deparado com uma situação ainda mais complexa, o trabalho com as classes da zona rural, que lhe permitiram testar suas descobertas sobre a necessidade de intervenções diferenciadas a partir da heterogeneidade. Penso que o fato de essas situações haverem ocorrido concomitantemente, e durante sua fase de descoberta e experimentação no início da carreira, conforme nos fala Huberman (1995), sobre o ciclo de vida profissional dos professores, tenham sido determinantes para o seu processo de formação docente.

3.3.3. Fogueira para as cartilhas

Outra marca do trabalho da professora Helena é o fato de não fazer uso das cartilhas. Em seus relatos, aponta experiências que parecem ter contribuído fortemente para que viesse a desacreditar da eficiência da cartilha. Primeiro, com a sua experiência inicial com a classe dos que “não sabiam nada”, que continuaram sem saber durante o período em que trabalhou com a cartilha deixada pela outra professora. Um segundo momento, quando ela nos conta que havia assumido uma classe de segunda série com vinte e oito alunos que acabavam de concluir a primeira série e, dentre os quais, apenas quatro estavam alfabetizados. Apesar de não querer julgar o trabalho da colega que a antecedeu, sabia que ela tinha utilizado a cartilha. E finalmente, um terceiro elemento, que segundo meu entender, diz respeito ao próprio processo de alfabetização da professora com a cartilha e a fatídica lição do passarinho.

Em substituição ao uso da cartilha, a professora Helena construiu, a partir de novos conhecimentos, procedimentos que se mostraram muito mais eficientes no trabalho com a alfabetização dos seus alunos. Passou a utilizar textos de Literatura Infantil para conduzi-los no processo de alfabetização e, partindo da avaliação dos conhecimentos prévios que obtinham sobre

a escrita, intervinha de forma diferenciada para fazê-los avançar em seus conhecimentos, respeitando a heterogeneidade da turma.

A verificação de resultados positivos aliados às experiências negativas que vivenciou a partir das cartilhas, a fizeram sedimentar a idéia de que “a cartilha não funciona”.

Observo que quando lhe pergunto por que é que se obtém resultados positivos com as cartilhas principalmente em escolas particulares, deparo-me com uma resposta de certa forma confusa, porém definitiva: “Eu não posso dizer pra você por que é que a cartilha funciona, porque na verdade eu trabalhei com a cartilha, como eu falei pra você, acho que uns dois meses, lá em 89 e nunca mais eu peguei uma cartilha pra trabalhar, e então eu sei lá. Eu não sei dizer pra você, porque realmente nós temos escolas particulares que usam cartilha, que usam família silábica e dá resultado, né? Não sei te dizer. Eu nunca trabalhei. Trabalhei assim como eu te disse quando eu comecei, uns dois meses e acabou, joguei fora e nunca mais usei e passei a trabalhar com a Literatura Infantil que eu acho muito mais rica. [...] Agora, eu não acredito na cartilha. Eu acredito sim num bom trabalho de um bom professor. Que ele pode até usar cartilha, sei lá, depende dele, né? Mas se ele faz um trabalho à parte também, porque eu não acredito que só a família silábica vai dar resultado. E não vi assim um trabalho de professor com a cartilha, nunca vi”. (Anexo entrevista, p.106)

3.3.4. Vivendo e aprendendo

Quando se viu em desespero por não saber mais o que fazer com a lendária classe dos que “não sabiam nada”, a professora Helena correu pedir socorro à professora Carmem. Esse episódio me parece bem *familiar* e o leitor há de se lembrar que fiz o mesmo ao assumir minha primeira classe de alfabetização correndo às portas da sala da professora Rita Deó, que inclusive também é citada pela professora Helena como influência em sua formação.

Tal fato me permitiu pensar algumas questões, entre elas, o que define nossas escolhas quando buscamos a ajuda de outra profissional? Por que selecionamos esta ou aquela professora em meio a tantas outras? No meu caso havia um grupo de trabalho com cerca de oito a dez professoras. O que me fez correr certamente às portas da professora Rita Deó e o que fez a professora Helena correr para a professora Carmem? Que elementos nos ajudaram, num momento de desespero, a escolher para quem pedir ajuda. Teria sido um processo inconsciente de observação e admiração da prática dessas profissionais? Será que ouvimos falar sobre elas,

sem sequer nos dar conta de quem falava e o que diziam? Ou foi apenas nossa intuição que revelou entre nós um certo ar de afinidade? Enfim, agora não tenho como saber, mas acho interessante pensar sobre isso.

Uma segunda questão é a forte influência de nossas colegas em nossa formação profissional, através de orientações, informações práticas, dicas e conselhos, principalmente no início da carreira. A professora Carmem orientou a professora Helena a pôr de lado as cartilhas e iniciar o trabalho de alfabetização considerando os níveis de escrita dos alunos. A professora Rita Deó me orientou na aplicação de um ditado para diagnosticar os níveis de escrita dos alunos, depois separou as atividades, me mostrando quem estava em que nível e o que eu deveria fazer para que avançassem. Tais informações me foram tão valiosas que passei a incorporá-las à minha prática, tendo as utilizado durante todo o tempo em que alfabetizei crianças, jovens e adultos.

Como relata a professora Helena muitas dúvidas nos foram esclarecidas ao participar do PROFA em 2002, que também tem suas bases nas pesquisas de Emília Ferreiro. Os vídeos, os textos, as discussões, tudo contribuiu para que pudéssemos entender melhor o que havíamos feito até ali, nos ajudando a separar o útil do inútil, o que serve do que não serve, o que funciona e o que não funciona. Entretanto, como ela mesma diz, não iríamos jogar nossa experiência fora, afinal, até ali fizemos o melhor que sabíamos da forma como sabíamos e com isso contribuimos para que muitos pudessem ter se alfabetizado.

Por fim, uma terceira questão é o da própria base teórica. Tendo se formado em 1985, a professora Helena não teve acesso aos estudos de Emília Ferreiro durante o curso de magistério. Conforme apuramos, as idéias da autora começaram a chegar em Bragança Paulista a partir de 1986 através de cursos oferecidos pela Delegacia de Ensino.

Quando se viu em apuros, procurou a professora Carmem e trouxe suas orientações práticas para a sala de aula. Aos poucos, verificando seus resultados e percebendo que aquilo funcionava mesmo, passou a ler sobre e freqüentar os cursos que tratavam o assunto para entender de fato o que estava fazendo.

No meu caso a situação foi diferente. Tendo concluído o magistério em 1988 e a Pedagogia em 1993, lembro-me perfeitamente de ter tido contato com as pesquisas de Emília Ferreiro, entre muitas outras. No entanto, quando precisei aplicá-las em minha primeira experiência com alfabetização em 1995, era como se nunca as tivesse visto, e quem me ensinou o que fazer foi a professora Rita.

Certamente, os cursos de formação e capacitação, bem como as diversas leituras às quais tivemos acesso, nos ajudaram a compreender uma série de questões que envolvem o trabalho em sala de aula. Entretanto não foram, por si só, suficientes para sustentar nossa prática pedagógica. Somado a isso, foram necessárias intervenções e orientações de nossas colegas, digamos, mais experientes, nos auxiliando no momento de transferir os conhecimentos teóricos para as situações práticas da sala de aula. E ainda, as experiências da sala de aula, que nos permitiram trabalhar com esses conhecimentos, testando, descartando ou comprovando sua funcionalidade. E a partir daí, novas leituras, a procura por outros cursos de capacitação, as trocas de experiências com as colegas, os grupos de estudo e novas aplicações, novas comprovações e novos descartes. E tudo isso, aos poucos, se repetindo no dia-a-dia e constituindo a nossa formação, nos fazendo professoras.

3.3.5. Uma formando a outra

A professora Carmem aparece nos depoimentos de Helena com grande destaque, suas orientações a ajudaram traçar suas próprias diretrizes, principalmente quando se sentiu mais perdida, em sua primeira experiência com uma classe de alfabetização. Certamente essas orientações que contribuíram para a sua formação inicial, expressam algo que a professora Carmem estava incorporando à sua prática naquele momento. A narrativa “Cruzando caminhos” conta um pouco da trajetória da professora Carmem e aponta alguns fatores que foram constituindo a sua formação.

A professora Carmem nos conta que sua primeira experiência docente fora na APAE em 1979, quando ela acabara de se formar, atendendo a um convite da professora Egler, e onde permaneceu trabalhando até 1987. Ao se referir a esta professora, Carmem destaca a importância de sua presença em sua formação: “Porque uma boa parte assim do que eu sou, eu devo a ela”. Por ela fora iniciada no construtivismo e com ela aprendeu a estudar, “ir atrás e abrir os olhos para outras coisas”.

Durante o período em que atuou na APAE pôde experienciar e pôr em prática os conhecimentos que adquiriu no contato com o PROEPRE, sobre as teorias de Jean Piaget referentes à construção das estruturas da inteligência, o que a ajudou modificar por completo o trabalho que fazia até então na APAE. Conta, no entanto, que durante os trabalhos com a pré-escola em Atibaia em 1984, não teve a mesma possibilidade e acabou tendo de se ajustar à forma

de trabalho já existente, experienciando portanto, nesta época, concomitantemente, duas práticas pedagógicas distintas.

Durante os anos de APAE aprendeu ainda a trabalhar com textos e organizar atividades ligadas às vivências dos alunos, o que a ajudou bastante ao assumir aulas numa escola estadual na zona rural em 1987, quando se deparou com uma classe de segunda série, onde para sua surpresa, muitos alunos ainda não estavam alfabetizados. E então conta que passou a trabalhar com o que conhecia até então: a silabação.

Apesar de dar o melhor de si, observava que aquilo não funcionava com todos, e alguns alunos iam ficando para trás. Foi nesse momento de angústia, que passou a ter contato com os trabalhos de Emília Ferreiro sobre a psicogênese da língua escrita. O que, segundo Carmem, para todos parecia um grande bicho de sete cabeças, para ela nem tanto, pois acredita que a base construtivista que adquiriu em tempos de APAE e a atitude de “abrir os olhos para outras coisas” a tenham ajudado também naquele momento de mudanças, a digerir toda aquela novidade.

Em fins de 1987 resolve junto com outras colegas organizar um grupo de estudos que se reunia na casa de uma delas, a fim de aprofundar as leituras sobre o material que recebiam nos cursos. Esses grupos que também são citados pela professora Helena, tiveram duração de cerca de quatro anos e parecem ter sido bastante significativos para a formação de ambas.

Em 1988 a professora Carmem assume outra vez uma classe de pré-escola, onde tem a possibilidade de novamente trabalhar com os conceitos do PROEPRE e a proposta de alfabetização baseada nos estudos de Emília Ferreiro. Esse trabalho, aliado ao grupo de estudos, aparentemente, a ajudaram a organizar melhor suas idéias e a definir de forma mais consistente, sua prática como alfabetizadora.

No ano seguinte, assume pela primeira vez uma classe de primeira série, na E.E. Profa. Jacyra Marcondes, onde passou a ter maior contato com a professora Helena, que naquela época havia assumido uma “classe problema” na mesma escola. Como já vimos, a professora Helena pede a ajuda da professora Carmem e suas orientações lhe são fundamentais para o enfrentamento dos problemas que vive naquele momento. No entanto, é interessante ressaltar que, naquela ocasião, a professora Carmem não trazia consigo uma bagagem de conhecimentos, digamos assim, substancial, sobre o assunto alfabetização. O que trazia era uma experiência de *reconhecimento de terreno* em 1987 na zona rural, e uma possibilidade de *sedimentação de idéias*

em 1988 na pré-escola. A relação estabelecida entre as duas professoras mostra, sem dúvida, uma ascendência da professora Carmem sobre a professora Helena. O que se vê porém, não é a imagem de uma *guru* detentora de sabedoria superior, que se dirige a um dos discípulos dizendo: “Venha cá, vou-lhe ensinar”, mas a de alguém que mantém os “olhares abertos”, que segue buscando respostas e convida os mais interessados a lhe acompanhar. A propósito, o primeiro trabalho da professora Carmem com a primeira série foi muito positivo, e ela conta que apenas um dos alunos chegou ao final do ano sem estar alfabético.

Em 1991 o governo oferece cursos específicos sobre a psicogênese da língua escrita e a professora Carmem é convidada a trabalhar como multiplicadora do programa “Teoria e Prática”, sob a supervisão da professora Telma Weiz, o que a ajudou a consolidar ainda mais sua prática como alfabetizadora.

Com a mudança de governo, em 1995, os programas são extintos e a professora Carmem se refere a essa fase como a de um isolamento quase que total, da qual não sobreviveram nem os grupos de estudo em casa. Ainda assim, procurava manter as relações de troca de experiências com as colegas, e seguiu aplicando seus conhecimentos com as turmas de alfabetização, muitas delas compostas por “crianças com algum problema mais específico” que, segundo ela, não se ajustavam às outras classes e lhe eram mandados por diversos setores da cidade.

Em 2001, a professora Carmem é convidada a atuar no PROFA como uma de suas multiplicadoras, pondo fim àquele *marasmo de idéias*. E então, quase dez anos depois, ela como multiplicadora do programa e a professora Helena como “professora cursista”, têm mais uma oportunidade de “descobrir coisas”, novamente juntas.

POR ALÉM DOS MUROS

Tendo chegado ao final do trabalho, creio ter conseguido o que pretendia. Buscava dimensionar a figura de duas professoras: Ana e Helena. E através deste dimensionamento compreender melhor os seus processos de formação e suas práticas como professoras de séries iniciais. Poderiam ser quaisquer outras representantes da categoria docente. Certamente se fossem outras, outras também seriam suas histórias. E é justamente o que pretendia mostrar: que cada professora é única, como aliás se pretende que sejam todos os outros seres. Cada qual com suas histórias, suas marcas, seus conhecimentos e concepções, e conforme Nóvoa (1995a), construindo sua identidade baseando-se no equilíbrio entre as características pessoais e os percursos profissionais.

Saí a buscar indícios que denunciassem quem são Ana e Helena. O que poderiam trazer nos bolsos de seus guarda-pós... Que mistérios haviam decifrado... Em que situações lhes retiravam dos recônditos em que se encontravam... Que elementos participaram de sua formação? O que pode estar por trás de seus gestos e palavras quando estão diante de seus trinta ou quarenta alunos?

A análise das narrativas me forneceram pistas para conhecê-las, aproximar-me de seus valores e sua visão de mundo, compreender como se situam nos contextos sociais e nas relações com o outro, ainda que sem pretensão com a fidedignidade, pois não há como pretendê-la quando se trabalha com valores e outros elementos não mensuráveis. Apesar de fornecerem indícios significativos portanto, as narrativas devem ser interpretadas como resultado das representações criadas por e sobre nós mesmas e nossas histórias, em sendo como a análise de Huberman (1995), mais reinterpretação que relato.

A professora Ana, formada em 1975 num tradicional colégio de freiras, demonstra ter herdado tanto da família, como do próprio colégio, um forte conceito de brilhantismo e auto-superação, e uma supervalorização do que se considera “o melhor”. Conceitos que, sem dúvida, estão presentes na sua atuação como professora. Ao mesmo tempo, deixa transparecer um processo independente e até solitário de busca do conhecimento. Não fala sobre trocas de experiências ou sobre ter aprendido com as colegas, fala sobre modelos e sobre ter aprendido a partir de observações de professores que lhe chamavam à atenção. “Pegava um pouco desse e um pouco daquele professor”.

Não se admira portanto que, por exemplo, seus alunos realizem individualmente as atividades propostas, apesar de estarem sentados em duplas. É possível que manter os alunos organizados em duplas seja uma norma da escola, mas segundo suas concepções, é com ela que eles vão aprender, é prestando atenção às suas falas, seguindo suas instruções, afinal, foi assim que ela sempre aprendeu. E se alguém lhe trouxer argumentos baseados nos conceitos de interação com pares e com o ambiente, talvez não tenham eco. Não que ela não tenha condições para compreender tais conceitos, mas esses entrariam em contradição com suas próprias concepções, construídas ao longo dos anos, de que o processo de aprendizagem é um processo de observação e atenção, e qualquer aluno pode aprender desde que tenha interesse, disponibilidade e comprometimento. E ainda que os que não tem capacidade para aprender são poucos, e quanto a isso não há o que se possa fazer. Em suas concepções, o melhor está dentro de cada um, basta que acreditem que podem ser os melhores e serão. Basta que sigam seus conselhos e orientações e então chegarão onde quiserem. Mas se não se esforçarem, então, infelizmente, por mais que ela torça por eles e pelo seu sucesso, não há mais nada que possa fazer.

Já para a professora Helena não há aluno que não aprenda. O fato de ela própria ter aprendido e se tornado professora, apesar de reprovar a primeira série a ajudou construir uma das concepções que leva todos os dias para a sala de aula: a de que não há aluno que não aprenda. Tanto que, quando não soube o que fazer saiu a procurar ajuda, e foi seguindo as orientações da professora Carmem. Aquilo podia não tê-la levado a lugar algum, mas teve que experimentar porque não tinha outra alternativa. Apenas o que ela tinha como certo, era a concepção de que todos poderiam aprender e, portanto, precisava encontrar uma forma de ajudá-los nesse processo.

Em sua sala de aula os alunos trabalham em duplas, trocando idéias, discutindo, corrigindo-se uns aos outros. Certamente tudo o que a professora Helena tenha lido sobre as teorias que valorizam as interações com o meio e entre pares, contribuiu muito na sua decisão de organizar o trabalho com os alunos em duplas, trios ou grupos maiores. Outro fato, porém certamente também contribuiu, o de ela ter percebido o quanto aprendeu ao longo dos anos nas trocas de experiências com as colegas, o que também aparece no depoimento da professora Carmem. A necessidade de estarem reunidas entre pares para discutir, pensar e estudar, tanto é real, que elas acabam por organizar por conta própria, grupos de estudos, em casa e aos sábados.

A leitura de seus depoimentos nos permite pensar que, paralelo à absorção de idéias e conhecimentos novos, a partir de leituras, cursos de formação e capacitação, as professoras

necessitam experimentá-los no espaço da sala de aula e ainda, ter a oportunidade de discutir entre pares, suas experiências, seus resultados e até suas angústias, preferencialmente com as colegas da própria escola, por estarem mais próximas e por conhecerem o contexto tanto da escola como da comunidade.

A meu ver é uma necessidade de estar pensando junto com alguém que sabe do que é que se está falando. Falo de uma certa cumplicidade existente entre as professoras, principalmente as de séries próximas, que nasce das vivências em sala de aula, dos contextos do dia-a-dia, das relações cotidianas com os seus trinta ou quarenta alunos. Situações que são reais e que só chegam a conhecer e compreender, aqueles que nelas estão inseridos.

Essas observações me ajudaram também a ressignificar a inserção de professoras no espaço da sala de aula, vista por alguns, inclusive por mim, como uma espécie de confinamento, capaz de nos afastar das produções científicas e empobrecer nossos conhecimentos. Ao analisar e valorizar os indícios aparentemente desprezíveis, presentes em nossas histórias de formação, vi ressurgirem elementos valiosos que denunciam a riqueza que trazemos nos bolsos, produzida justamente no espaço escolar, na relação com o outro, com nossos alunos crianças, adolescentes e adultos, que por serem todos tão diferentes, nos permitem fartas possibilidades de relações, de adaptações e de transformações. Relações que nos expõe diariamente a toda sorte de situações e que nos exigem direcionamentos, posicionamentos, decisões, intervenções, análises, críticas, enfim, elementos que nos revelam também como produtoras de conhecimento.

Outro indício encontrado na pesquisa é a referência que cada uma de nós professoras faz a alguma outra professora em especial, como tendo influência marcante em nossa formação. Em meu depoimento, refiro-me à professora Rita Deó, como alguém que me ajudou muito no início de minha trajetória como alfabetizadora. A professora Helena faz referência à professora Carmem, que por sua vez, destaca a importância da professora Egler. A professora Ana deixa transparecer durante toda a sua fala, a forte influência da tia Sofia, também sua professora, que por sua vez, também se remete às orientações das freiras, em especial, madre Luci e madre Diná.

Essas referências apontam para relações que se estabelecem, inclusive entre gerações diferentes, e que ao longo do tempo vão desencadeando tanto processos de transformação, como no caso de Helena e Carmem, como de permanência, como é o caso da relação entre Ana e Sofia, que aparece *recheada* de conceitos cristalizados que se mantêm ao longo de gerações. Paralelo a

essas relações de afinidade, observam-se também relações de conflito que surgem entre professoras com idéias e concepções divergentes e ainda, as dificuldades de aceitação e adaptação aos diferentes direcionamentos constantemente propostos pelos programas oficiais que, na maioria dos casos, estão atrelados aos diferentes programas de governo. Tal observação nos mostra que a continuidade e a descontinuidade nos projetos de formação, passam também, por esferas que estão além das vontades e das determinações pessoais.

Repensar todos esses elementos juntos me faz concluir que é importante valorizar no espaço escolar, as relações e as trocas de conhecimento e experiências entre as professoras, uma vez que a construção da prática pedagógica perpassa por essas relações. E ainda, as concepções que as professoras trazem ao longo de suas experiências como filha, aluna e aquelas que vão sendo construídas ao longo de suas vivências dentro ou fora da sala de aula, são também responsáveis em seu processo de formação, por suas escolhas, pela construção da própria prática pedagógica e enfim, pelo seu modo de se constituir professora, e portanto, precisam ser consideradas por aqueles que desejem ajuda-las a construir ou transformar suas práticas.

O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor. Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. (NÓVOA, 1992, p.25)

A propósito, transpor os *muros* que separam a escola e a academia foi uma experiência muito significativa, que me ajudou construir, entre outras, duas certezas: a de que *professoras* e *acadêmicos* podem desencadear relações bastante interessantes e produtivas, e ainda, que todas as coisas podem dizer muitas outras coisas, basta que se ponha a observar e que se disponha a atentar para certos indícios aparentemente elementares.

REFERÊNCIAS

ANDALÓ, Carmem Silvia de Arruda. Fala, Professora!: repensando o aperfeiçoamento docente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. Magistério primário e cotidiano escolar. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz Ed, 1987.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHENÉ, Adele. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

DOMINICÉ, Pierre. “L’histoire de vie comme processus de formation”. Paris: Éditions L’Harmattan – Apud NÓVOA, Antônio. “Os professores e as histórias da sua vida”. In: NÓVOA, A.(org.) *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. Como nos tornamos professoras? – Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e História. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOODSON, Ivor F. “Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional”. In: NÓVOA, A.(org.) *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

HUBERMAN, Michaël. “O ciclo de vida profissional dos professores”. In: NÓVOA, A.(org.) *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

KRAMER, Sonia. “Da prática de pesquisa à prática de formação” In: Revista Brasileira de Educação, n. 7, p. 19-41, jan-abr., ANPED, São Paulo, 1998.

LARROSA, Jorge

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Testes ABC para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

MELLO, Guiomar Namó de. Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

MOITA, Maria da Conceição. “Percursos de formação e de trans-formação”. In: NÓVOA, A. (org.) *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. “Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente”. In: Pro-posições, v.15, n.2 (44) – maio/ago., Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Os sentidos da alfabetização. São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias (org.). O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

NÓVOA, António (org.). Os professores e a sua formação – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. Profissão professor – Lisboa: Porto Editora. [1994 ?]

NÓVOA(a), António. “Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa”. In: FAZENDA, Ivani(org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento* – Campinas, SP: Papirus, 1995.

NÓVOA(b), António. Vidas de professores – Portugal: Porto Editora, 1995.

PENIN, Sonia T. de S. “A professora e a construção do conhecimento sobre o ensino”. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 92, fev.1995.

PEREIRA, Lúcia Ribeiro. De donzela angelical e esposa dedicada... a profissional da educação – A presença do discurso religioso na formação da professora. Faculdade de Educação. USP, 1996. (Tese de Doutorado em História da Ed.)/ apud FONTANA, Roseli A. Cação. *Como nos tornamos professoras?* – Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

QUEIROZ, M. Isaura P. de. “Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

SARAMAGO, José – O conto da ilha desconhecida. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A vez e voz dos professores. Portugal: Porto Editora, 1994.

SILVA, Anna Christina Bentes da. A arte de narrar: da constituição das histórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos e Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SILVA, Rita de Cássia da. “O professor, seus saberes e suas crenças” In Guarnieri, Maria Regina (org) – *Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência* – Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SOUZA, Aparecida Neri de. Sou professor, sim senhor! Campinas, São Paulo: Papirus, 1996, Apud FONTANA, Roseli Aparecida Cação. Como nos tornamos professoras? – Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

TARDIF, Maurice. “Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério”. In: Revista Brasileira de Educação, n. 13, p. 5-23, jan-abr., ANPED, São Paulo, 2000.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de & ASSIS, Mucio Camargo de. PROEPRE: fundamentos teóricos. Campinas, SP: UNICAMP/FE/LPG, 2000.

BIANCALANA, Kelly Cristina. Problemas enfrentados por professores recém-formados em classes de alfabetização – Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação – UNICAMP: Campinas, SP: 1998.

BRZEZINSKI, Iria (org.). Formação de Professores: um desafio – Goiânia: UCG, 1996.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento (Coleção Praxis) – Campinas, SP: Papirus, 1995

FREINET, Célestin. Para uma escola do povo; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREITAS, Lisandra Cristina Gonçalves. Ser professora: Narrativa de um processo de constituição - Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação - UNICAMP: Campinas, SP: 1999.

GOERGEN, Pedro & SAVIANI, Demerval (orgs.). Formação de professores: a experiência internacional sob o olhar brasileiro – Campinas, SP: Autores Associados: NUPES, 1998.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. Palavras e emoções no cotidiano da sala de aula: surpresas e indagações de uma professora em exercício - Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação - UNICAMP: Campinas, SP: 2001.

MOLINA, Alexandra da Silva. O erro na sala de aula: concepções do professor e qualidade da sua mediação - Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação - UNICAMP: Campinas, SP: 1999.

MONARCHA, Carlos (org.). História da educação brasileira: formação do campo – Ijuí, RS: Unijuí, 1999.

POLIMENO, Maria do Carmo Abib de Moraes. A formação continuada de professores: as ações do PEC em uma escola da rede pública paulista – Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação - UNICAMP: Campinas, SP: 2002.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (tomo 1) – tradução Constança Marcondes Cesar – Campinas; SP: Papirus, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim & FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (orgs.). Formação docente: Rupturas e possibilidades – Campinas, SP: Papirus, 2002.

VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil – São Paulo: Vértice, 1988.

ANEXOS

Entrevista com a professora Ana – 26/07/2003 – Bragança Paulista/ SP

_ E então, você estava me contando como é que começou...

Ana – Eu não queria ser professora, mas como, pra não ficar só com o diploma do colegial, minha mãe pegou e – “Não, não, pelo menos um diploma que tenha uma profissão”. Aí eu fiz o magistério...Aí eu peguei a minha tia como minha professora de Filosofia da Educação, Didática, Sociologia... Ela dava várias matérias. Aí lá a gente é treinada quando eles percebem que você tem o jeito, sei lá porque que eu tinha né, mas você é treinada pra continuar caso você queira

_ Mas como é que você acha que eles percebem “esse jeito” ?

Ana – No estágio, às vezes, porque o estágio, a gente faz um estágio forte, né, participativo e nossa, mesmo bom, antigamente né, hoje eu não sei. É o tempo, é feito lá dentro mesmo, então... Só que daí quando eu estava no quarto ano eu cursei o primeiro de faculdade, então eu iria dar aula, porque lá já pra dar aula no primário já tinha que ter faculdade

_ Ah... Certo.

Ana – Isso em 75 (risos) ... Aí eu me formei em setenta e cinco, em setenta e seis eu não quis trabalhar, apesar de ter sido formada pra isso. E em setenta e sete, daí eu fui... Aí eu fiquei com Matemática e Ciências que era a minha área, que eu adoro e ficou uma professora super tarimbada né, antiga já, nem sei acho que nem trabalha mais há muito tempo. Dona Luísa Faria irmã da dona Helena que dava aula particular de Matemática, há muito tempo... Eu peguei uma coordenadora fantástica também, no colégio que foi a Fani Molina, que já morreu também... E aquela mulher era de uma inteligência, uma sumidade. Então a gente se preparava mesmo no colégio... E começou uma turma enorme nova de professores no colégio... Então tinha aí um ponto... A Graça Comune começou comigo, os professores antigos que estão, a Bete Serqueira... E daí depois disso eu fui pra São Paulo, trabalhei em duas escolas particulares na linha de Montessori... E tinha uma diferença que eram escolas (com ênfase) particulares com um amparo imenso pra você poder trabalhar isso. Dá resultado? Muito, mas se você tiver o material ou o que é necessário.

_ Esse foi o período que você ficou em São Paulo, que foi em que ano?

Ana – Setenta e oito.

_ Setenta e oito. E isso não confundiu você? Porque você vinha de uma outra prática, de uma outra...

Ana – Não, não porque também eu tive um amparo muito bom. No período que eu dava no período da tarde não, mas a que eu dava no período da manhã tinha uma coordenadora e uma psicóloga acompanhando a gente o tempo todo. Eram salas com no máximo dezesseis alunos e uma assistente comigo. Era todinho programado, era, as aulas eram programadas, era feita com essa coordenadora as aulas, então por exemplo, nós vamos toda a rede, não a rede, no caso era essa escola né, que é uma escola tradicional em São Bernardo, é muito forte, é vamos dizer, desde o maternalzinho até a oitava que tinha lá na época se ia trabalhar as crianças de todo o mundo, então nós tínhamos que ensinar pelo menos uma musiquinha ou alguma coisa que fosse em línguas diversas... Alguma coisa em japonês, alguma coisa em espanhol, em inglês, em italiano... E nós trabalhávamos dentro de cada... Então era reunido né, com a coordenadora aquela turma, não era todo mundo junto, por, por turma isso aí. E quando tinha alguma professora que tinha - isso eu achava muito bom – que tinha algum problema, Mariany, com alguma coisa, sabe o que acontecia? Pegava essa professora, ela treinava à parte. A coordenadora ficava com ela e, ficava com ela. O que estava acontecendo, aquele problema, aquela... “Olha, você não está sabendo mexer direito com isso...” Então, assim, com jeitinho, ensinava e então ela pegava segurança naquilo que ela ia fazer porque tinha sido explicado. Muito bom. Muito bom. Só que nisso, eu

tava fazendo o curso junto então, não deu problema pra mim. (o marido vem trazendo o café) Não deu problema nenhum. E a gente tinha todo o material à disposição, tinha os quadros prontos... Eram ah, muito bom, muito bom.

_ Mas depois que você se formou, a primeira experiência que você teve de docência mesmo foi lá, em São Paulo...

Ana – Não, foi aqui em Bragança... Um ano no Colégio. Tradicional. Método, tudo tradicional.

_ E aí você pegou qual série?

Ana – Quarta, quarta. Mas eu peguei área né, só Matemática e Ciências.

_ E o que é... O que você considera tradicional?

Ana – Tradicionalismo didático, lousa, giz e o caderno. Você não tem um material a mais, você não tem... Ah, é o tradicional eu acho que é da forma que eu aprendi, eu considero tradicional.

_ Quando você foi pra sala de aula pela primeira vez, você tinha quantos anos?

Ana – Dezenove... Dezoito pra dezenove.

_ E aí você teve essa experiência em São Paulo, com o método Montessori. O que diferencia o método Montessori do método que você estava utilizando antes?

Ana – É o material né, que é um material diversificado e concreto, não tem nada de abstrato ali. É bem concreto mesmo, né. A apresentação deste material. Não é carteira, não é cadeira, tem o tempo, mas é no chão.

_ Ah, tá eu não conheço...

Ana – É o tapete... É um material caro né, Mariany. São as etapas a serem desenvolvidas que vão sendo vencidas e a gente fica observando e é gozado que não há uma bagunça, um nada dentro da sala.

_ E eram salas com quantos alunos?

Ana – Dezesesseis no máximo.

_ E era que turma?

Ana – Não, eu peguei pequenos. Tinha pequenos, desde os três anos de idade até o ginásio, até a oitava. E depois tinha também – acrescentando, porque não era só Montessori... Eles acrescentavam também um material acho que próprio, porque era montado ali. Tinha aqueles mimeógrafos à tinta, os livros... O material era montado ali dando uma sequência ao que a gente já tinha trabalhado.

_ E você sentia diferença nos dois? O que você gostava mais de trabalhar? Em qual modelo você apostava mais, acreditava mais, via resultados mais eficientes... Da maneira como você trabalhava no Colégio ou quando você foi pra São Paulo?

Ana – As duas na realidade.

_ Mas com qual delas você se identificava, gostava mais...

Ana – Ah, das duas também porque eram turmas diferentes. Eu acho que, aí entra, é o jeito que você vai também... Porque fica diferente, porque de turma pra turma mesmo que o método seja igual já é diferente. Não tem igual de um pro outro, não existe. Nenhum método ou outro com todos são igual, não existe. Então você vai pegando um pouquinho do que você gosta – que quando você vai estudando você vai pegando um pouquinho do jeito desse professor... “Ah esse jeito que ele faz é especial...” Aí dá certo... Então um pouquinho desse, um pouquinho daquele, um pouquinho daquele outro, e vai juntando e de repente chega num...(silêncio)

_ Certo... Quer dizer que não tem uma coisa única... Pelas experiências que você vai tendo, você vai pegando aquilo que te serviu, aquilo que foi bom, e aquilo que não te serviu você vai tirando... É mais ou menos isso...

Ana – Exatamente

_ Ah...E depois dessa experiência em São Paulo, aí você voltou pra cá. Você ficou em São Paulo quanto tempo?

Ana – Acho que, não que eu dei aula lá um ano só. E dei também pro supletivo lá da prefeitura... Porque era pra formar pra tirar o diploma. A prefeitura de lá fazia diferente. Já na época eles preparavam o pessoal de quinta a oitava pra fazer aquele, aquele provão e daí nossa tinha muita aula de Matemática e Ciências na época e nossa, eu estudava muito à tarde pra dar aula à noite porque eu não dominava ainda o conteúdo né, pra passar, então eu tinha que... Mas foi tudo bem. Daí eu passei na, eu passei na, teve o exame pra efetivar né e eu passei. Aí eu vim pra Bragança... Antes de eu ser chamada, uns seis meses eu fiquei trabalhando com a minha tia. Ela estava de diretora nessa escola, uma professora precisou se afastar...

_ Aqui em Bragança.

Ana – Não, em Atibaia. Ela estava no Padre Eustáquio.

_ Era escola estadual?

Ana – Era. Ela precisou se afastar e daí eu fui. Daí eu fiquei com todas as aulas. Daí no meio do ano, dia três de agosto de oitenta e um eu escolhi. Daí eu fiquei com as duas.

_ Como assim? Ficou lá e aqui?

Ana - Não, não escolhi aqui. Escolhi em Terra Preta, em Mairiporã... Aí eu fui coordenadora de saúde depois num outro ano. Aí que eu larguei a ... Eu fiquei como coordenadora de saúde do Estado durante um ano...

_ O que faz um coordenador de saúde?

Ana – Um apoio né? Ah, conforme a coordenadora é o que trabalha né... Na minha época eu consegui todos os exames de vista para as crianças... Exame de fezes pra todos do bairro... Comprei uma tonelada de latinhas... Porque daí foi o pessoal que eu tinha amizade daqui foi que me ajudou.... Estavam assim, noventa por cento da população contaminada. E eu fiz os encaminhamentos... Porque lá tinha, acho que um postinho. Era um bairro muito grande, mas não tinha nada. Eu consegui perna mecânica... Eu tinha muita amizade com o pessoal.

_ Então não era só pra escola que você trabalhava, era para o bairro...

Ana – É, seria só pra escola, mas no fim acaba envolvendo, porque não tem como... E depois de oito anos... Aí também lá eu tinha uma classe primária, né, de primeira à quarta e o ginásio.

_ Nessa mesma época, então você conciliava este trabalho de coordenadora de saúde e também dava aula...

Ana –Não, não. Quando eu fiquei de coordenadora de saúde, eu dava aula um período... Eu nunca larguei a sala de aula. E no outro período eu ficava como coordenadora. Daí depois, como coordenadora a gente não podia fazer grandes coisas porque eles cortam muito, por causa de verba. Então pra mim, se eu não posso render muito, também não me interessa.

_ Era da prefeitura ou do estado?

Ana – Era do estado. Era umas coisas que, eu nem sei... (risos) E aí eu não quis mais. Porque se você não quiser trabalhar e só fazer relatório tá bom também... É. É bem assim, em tudo né? Aí, quando fiquei lá, aí eu fiquei fascinada. Aí eu acompanhava meus alunos até à oitava, desde que entrava até...

_ Como assim? Você pegava as crianças desde a primeira série e acompanhava até...

Ana – Não, depois não dava segunda, terceira e quarta. Depois pegava no ginásio de novo e acompanhava. Por estar lá eu sempre acompanhei...

_ Ah... Certo eles estavam sempre ali...

Ana – É, ainda tenho contato. Às vezes aparece um ou outro aqui.

_ Ah... é?

Ana – É... Como aqui na Vila, eu já estou dando aula pros filhos dos que foram meus alunos. Eu já tenho um tempinho... Então é uma sequência... Vai acontecendo...

_ E daí, quando você veio pra Bragança...

Ana – Vim pra Vargem, mas eu não fiquei, porque quando eu vim daí pelo artigo 22, sei lá eu... Eu vim aqui para a Maria Regina.. Já fazem treze ou catorze anos que eu estou aqui. Aí o primeiro ano aí e depois no outro ano eu fiquei dando aula num período e como coordenadora no outro. No estado você podia ficar como coordenadora num período só. Aí eu fiquei como coordenadora da Márcia até. É mesmo. Pergunta pra ela o trabalho que nós fizemos aquele ano. Foi algo de maravilhoso, nós temos gravado isso. Nós fizemos uma peça, movemos toda a escola em cima de um livro...

_ Qual livro, você lembra?

Ana – Não, não, não era... O primeiro livro da criança. Seria da primeira série, só que foi montado pela escola toda e todo mundo trabalhou nele. Só que cada um desenvolveu de um jeito. Um fez teatro, outro fez... Cada um desenvolveu de um jeito. Então ficou uma festa muito linda!

_ Eram as chamadas “festas do livro”... O primeiro livro que a criança de primeira série ganhava...

Ana – É... E envolveu tudo, ficou muito lindo, muito, muito, muito, muito... E aí eu já fiquei com dois períodos de novo...

_ E você sempre pegou os menorzinhos, ou sempre pegou terceira e Quarta?

Ana – Mais quarta.. Eu peguei um pouquinho... Quando a gente ingressa, sobra sempre só primeira né...

_ Por que será?

Ana – (risos) Porque ninguém pega... Daí eu peguei um pouquinho de primeira.

_ Por que você acha que ninguém pega primeira?

Ana – Ah, eu não sei. Eu acho que é porque ele é mais... Elas são, não sei

_ Há uma cobrança maior?

Ana – Não, mas o que tem de retorno é maior do que a cobrança.

_ Então porque você acha que ninguém pega?

Ana – Ah, dá mais trabalho, muito mais.

_ Durante aquela nossa conversa, eu ouvi você dizer que antigamente as primeiras vinham melhores...

Ana – Exatamente. Nossa! A primeira série era espetacular. Chegava dominando! Agora... Lógico que o probleminha de um ou outro sempre existe, sempre existiu.

_ De uma criança que tivesse uma dificuldade maior...

Ana – É, é o aprendizado mais rápido outra mais lenta... Mas depois eu peguei quarta e agora é que ninguém quer quarta...

_ Ninguém quer nem a primeira e ninguém quer a quarta...

Ana – Eu acho que agora eles têm mais facilidade em pegar a primeira do que a quarta.

_ Por que será?

Ana – Quem sempre escolheu, escolhia antigamente na minha frente não pegava quarta também. Talvez por causa do conteúdo. Porque o conteúdo da quarta você tem que dominar, senão você não consegue trabalhar. Principalmente (com ênfase) Matemática... Agora eu estou percebendo a diferença... porque a hora que eu escolhi, não tinha mais primeira. E eu fui a última a escolher no Comendador Gutierrez. Quase a última, né... Eu, eu gosto assim: ou primeira ou quarta. Eu não gosto do meio...

_ Por que você não gosta do meio?

Ana – Ah... Porque eu acho que já vem com muito vício (risos).

_ A primeira você pega e faz do seu jeito, e a quarta já está meio que pronta...

Ana – E a segunda, a probabilidade, no meu ponto de vista, é a maior.

_ E como está sendo a sua experiência com segunda esse ano?

Ana –Então... Mas é... Eu acho que a responsabilidade da gente é maior porque a primeira série você procura ensinar o básico... Agora, acertar as dificuldades e tudo mais, é na segunda, ou então tem que reter realmente. A segunda é diferente da quarta porque se chega na quarta com problemas de ortografia, de pontuação, isso e aquilo, com leitura você sana isso. Agora, nós temos que gostar porque senão a criança também não vai gostar... E saber até o que a gente passa pra criança também, porque ela tem que gostar. Se dá qualquer coisa que ela não gosta no começo, nunca mais ela vai querer ler. Então a gente tem que conhecer primeiro, falar com ela sobre o livro... Então você tem que ter um... Agora, na segunda eles têm muita dificuldade ainda pra ler, então é aqueles livrinhos mais...

_ Mais sem graça?

Ana – Mais simples... São bonitinhos também (risos) mas, são mais simples, então é mais difícil, porque eles cansam mais... Você tem que deixar eles brincar...

_ É? Você acha importante?

Ana – Tem que respeitar, né... Na quarta eu não aceito muito a coisa de brincar não...

_ Não?

Ana – Não. Eu acho que é responsabilidade, então tem que ser responsável. Não tem que ter cobrança de mãe, de pai, de professor... Eles têm que começar a ter a sua responsabilidade, trazer as coisas prontas, saber que tem que estudar, saber que tem coisa marcada, fazer trabalhos, fazer pesquisas, ler livros... Eles sabem que o tempo deles pra brincar está acabando, é menor. Eles têm que saber sozinhos. Agora com os da segunda não tem como, né? Eles têm que brincar. Você não pula fase...

_ E você lembra quando foi a primeira vez que você pegou uma primeira pra alfabetizar mesmo... Primeira vez...

Ana – Peguei no meio do ano de oitenta e um, mas aí não conta porque já estava andando né, porque eu peguei no meio do ano e já estava vindo de outra professora.

_ E eles já estavam alfabetizados no meio do ano?

Ana – Mais ou menos...

_ E quando você pegou uma turma para começar...

Ana – Foi em oitenta e dois. Sem pré, sem nada.

_ E daí como foi? Como é que eles chegaram... Como é que você começou o trabalho?

Ana – Nada, nada, nada. Oh, eu comecei diferente do que se começa hoje, né, porque eu dei a parte de psicomotricidade, porque eu acho importante por causa da letra, eu não gosto de letra feia...(silêncio) Pra dar aquele, aquele molejo na mão... Trabalhei um pouquinho só. E depois eu comecei com silabação, eu comecei... Não era do jeito que eu aprendi, que eu aprendi, mas foi do jeito que eu aprendi com outras professoras que eu achei interessante – na época que eu fiquei com a minha tia... Eu fazia estágio...

_ Você disse que não era do jeito que você aprendeu quando era criança?

Ana – Na escola, é. Porque eu não aprendi na escola. Eu aprendi fora da escola.

_ Em casa, com os irmãos... Você tem irmãos?

Ana – A minha irmã estava se formando então...(silêncio)

_ Ela te ensinou... E ela te ensinou com a silabação e usando a psicomotricidade, ou não?

Ana – Não, eu não lembro mais. Eu lembro que já eu lia muito jornal, era uma coisa assim diferente...

_ E você aprendeu a ler como quem aprende a falar...

Ana – É eu li e escrevi, eu tinha o que? Cinco anos, e eu já sabia ler e escrever, porque com seis eu já estava na primeira e já sabia!

_ E não foi com o método da silabação, foi de ver a sua irmã lendo, a sua mãe...

Ana – Eu não lembro como ela fazia, eu lembro que ela sempre trocava alguma coisa comigo. Porque eu não queria, era normal né? Então era esmalte velho, alguma coisa eu recebia em troca. Então eu fazia rápido, porque aí eu ganhava rápido e daí eu ia brincar.

_ Porque você fazia a tarefa, é isso?

Ana – É de fazer alguma coisa, porque ela estava fazendo estágio no colégio, então ela tinha que aplicar em mim...

_ Ah, sei, e daí ela sempre te dava alguma coisa em troca (risos)

Ana – É e daí eu queria rápido, porque daí dava tempo de eu brincar e então eu aprendia rápido também, acho que era isso porque...

_ E daí quando você entrou na escola, você já sabia...

Ana – Eu lembro que eu lia jornal, e que eu tinha muita dificuldade em passar pra letra de mão a letra “a”. Eu não conseguia. (silêncio) Eu fazia tudo mas na letra “a”, era o único problema que eu tive. Aí, daí eu peguei foi com a Isabel Zequim, e com a Aída. A Aída já até morreu... Eram os professores de primeira... Eu sentava lá e ficava assistindo as aulas delas.

_ Então na verdade, você aprendia a dar aula nos estágios...

Ana – Ah aprende mas é diferente porque aí você está trabalhando com gente que já sabe, que tem a mesma idade que você. A criança não, ela apresenta... Ah, cada um tem um jeitinho e nunca viu aquilo. Pra eles é um monte de risquinho, é um monte de... É diferente você estar treinando e você estar na prática ali, na realidade ali, é muito diferente.

_ Mas então você aprendeu a alfabetizar mesmo, observando essas professoras...

Ana – É, fazendo com elas. A Isabel tinha uma forma muito diferente que eu achava assim... Nossa! Em doze dias ela alfabetizava todos.

_ Doze dias...

Ana – Doze dias. Silabação.

_ Como isso acontecia?

Ana – Ela usava a cartilha “Caminho suave”, ela dava todas as famílias...

_ De uma vez?

Ana – Ela ia dando as famílias e depois ela voltava, mas eles já estavam sabendo.

_ Ah! Ela não ficava “martelando” a mesma família até que todos aprendessem, ela ia e voltava.

Ana – É. E o gozado é que ela entrava no livro e venciam o livro também, e a classe dela era... Nossa! Nunca vi coisa igual. E eu não consegui fazer que nem ela, mas era fantástico! Eu nunca vi igual! (silêncio)

_ E eram classes com quantos alunos?

Ana – Eram lotadas... Mais do que hoje. Hoje o máximo é trinta e cinco... Antigamente era quarenta, quarenta e três...

_ E ela pegava todo mundo? Não ficava criancinha de canto, que não aprendia...

Ana – E ninguém, não... E isso que eu acho gozado, não tinha uma bagunça, uma criança andando pela classe... Ao contrário, acho que esqueciam até de ir no banheiro, de tanto que chamava atenção o que estava acontecendo... Com cartaz, com, sabe?

_ As crianças gostavam da aula...

Ana – É, e porque quando não está interessando muito, toda hora eles querem ir ao banheiro, querem isso, querem aquilo... E se está gostando, nem lembra que tem banheiro. (silêncio)

_ Ela te serviu de modelo... E tiveram outras?

Ana – Teve, teve mais gente (silêncio).

_ Você lembra de mais alguma que tenha te chamado atenção?

Ana – Tinha a Isa... A forma como ela fazia também, mas eram salas organizadíssimas! Ela também fazia, preparava muito bem a aula... Ela também trabalhava em cima de silabação. A sala dela também vencida tudo, terminava livro, chegava na segunda a nível de terceira...

_ E aí foi essa prática que você levou com você quando você pegou a sua primeira série... E aí como é que foi a sua primeira experiência?

Ana – Muito boa!

_ Daí você tinha quantos alunos, você se lembra mais ou menos... Era uma sala cheia também?

Ana – Cheia... Muito boa. Peguei essa primeira e, não pensa que ficava só na silabação. Também tinha, sempre teve muita história muita, sabe? Aquela horinha de descanso, aquela horinha disso, aquela horinha daquilo então, e a minha primeira também. Eu lembro, eu tenho a foto deles, eu tenho, sabe? E essa, essa minha primeira turma continua ainda em contato com muitos, porque foi muito...

_ E daí conta um pouco do seu trabalho em sala de aula nesse período.

Ana – Então, eu fui, eu mudei algumas coisinhas só, que elas não faziam e eu comecei a fazer. Eu comecei a trabalhar um pouco com recorte. Recortar palavras que tinha isso, que tinha aquilo, eu já fazia isso.

_ E de onde você tirou isso?

Ana – Da minha cabeça. (risos)

_ Ah, tá! Você nunca viu ninguém fazer isso...

Ana – Não, não. E, histórias, eu punha todo mundo sentado no chão... E a reprodução da história também eu fazia diferente – cada um, quem queria ser qual personagem depois que eu contava, daí já fazia... Eles escreviam e a gente fazia muitas outras coisas... Criava um teatrinho... Então isso era uma coisa que eles adoravam, mas tinha o dia, tinha a hora, e só se fosse bem, se se comportassem direitinho, se fizessem toda a lição, se se interessassem... Daí tinha essa hora aí, que para eles era muito importante. É uma forma de troca também, né? Do jeito que eu sofri, porque na verdade a gente repete aquilo que deu certo sem perceber.

_ Como assim?

Ana – Minha irmã não trocava comigo?

_ O esmalte de unhas em troca da atividade (risos).

Ana – É. Era uma troca também.

_ E isso funcionava bem com eles?

Ana – Funciona, Mariany!

_ Mas, especialmente com essa turma, era sua primeira experiência, fazendo isso, essa troca.

Ana – Funcionava. Eu acho que essa foi uma das minhas melhores salas que eu peguei.

_ E tinha dias que eles ficavam sem essa hora...

Ana – Nunca aconteceu.

_ Nunca aconteceu?

Ana – Nunca aconteceu. Eu nunca tive problema de indisciplina. Nunca. Em vinte e três anos de magistério. Eu peguei sim, me deram as piores turmas já.

_ E você nunca teve na sala esse problema, você sempre soube como...

Ana _ É. São vinte e três anos. Eu peguei a pior turma que podia aí na Vila, eu peguei.

_ O que é que faz a disciplina na sala de aula?

Ana – Eu não sei também. Eu sou brava. As crianças mesmo não falam...

Ana – Eu acho que... Daí o que aconteceu? Ah, mesmo com a pior turma – é que eu estou lembrando um negócio que aconteceu ontem. Aquela minha fofinha lá, que todo mundo gosta. E ontem, eu conversei muito sério com ela porque ela está achando que ela pode, e não é assim.

Tem limite. Ah, ontem ela derramou água no caderno, o que é isso agora. Não é assim. Eu fiquei brava mesmo, e ela sentiu.

_ E o que você falou para ela. Como é que foi essa dura?

Ana – Não. Ela está abusando agora, perai. Ela... É elogiar, eu gosto dela? Gosto, mas não é desse jeito. Faz o que quer? Derruba água, derruba no chão, em cima do caderno, tudo. Não é assim não. Se eu quero ser bom, eu tenho que ser bom em tudo, inclusive na hora de coordenar minhas coisas em cima da minha mesa. Não é fazendo do jeito que quer...

_ Aí você deu uma dura, e ela?

Ana – Ela ficou quietinha até o fim da aula. Daí ela foi a primeira da fila e pegou a minha mão para descer a escada (risos). Só que eu não volto atrás. Se eu ficar brava, eu fico brava e não vou agradecer. Porque não adianta ficar brava e passar a mão na cabeça depois.

_ O que acontece se fizer isso?

Ana – Ela que tem que pensar no que ela fez, porque foi ela que fez pra mim, não fui eu que fiz pra ela. Eu preparo a aula e levo tudo lindinho pra eles, pra eles me sujarem o papel? Não é assim. Não é assim. Eu tive, preparei porque eu gosto deles e eles também tem que colaborar...

Ana – Tem uma coisa que eu faço, que, essa é a parte que eu peguei da minha tia. Cada coisa a gente vai pegando de um. Falar baixinho com eles... Eu estou falando alto por causa do gravador. Falar baixinho com eles eu acho muito importante. Porque o professor que grita dentro da sala de aula, o aluno grita mais alto. O aluno não é surdo e nem eu. Não há necessidade de falar alto. Então eu, honestamente acho errado quem grita, quem fala alto dentro da sala de aula. Se desgasta, se arrebenta, e o aluno também. E incomoda quem está em volta. Incomoda, porque quem fala alto, quem grita do meu lado, me incomoda, e os meus alunos também, porque eles se acostumaram ao silêncio para se concentrar. Eu estou sofrendo este ano nas duas escolas.

_ Por que?

Ana – Porque aqui eu sabia. A Suzana eu falei com ela de combinarmos se ela não se incomoda de eu ficar brava com os alunos dela, porque eu sei que eles me obedecem. Agora lá (Comendador Gutierrez), a Roberta, tem dia que eu com a Joana piramos. A Joana vai na sala dela (risos)

_ Ela grita muito...

Ana – Grita. E os meus alunos também... – Ah, prô, dá um jeito vai, dá um jeito porque não está dando. Ela tirou alguns problemas, pôs um pouco pra mim, um pouco pra Jurema...

_ Então, na sua opinião, essa coisa de gritar, de falar alto, para o professor...

Ana – Acaba que você grita com a classe e a classe grita com você, Mariany... O Ercílio Benedito dava aula de Anatomia pra mim. Ele falava tão baixo numa sala de faculdade, lotada, e todo mundo ficava quieto porque queria ouvir. Eu achava ótimo e dá certo, eu acho, porque eles ficam tudo de orelha em pé que é pra ouvir aquilo que você está falando... E outra coisa, no começo do ano eu falo muito bem, que as minhas salas costumam ser brilhantes. Então e terminar como as melhores salas da escola. Tem que ter ordem, tem que saber se comportar... E ao final da primeira série estava todo mundo alfabetizado.

_ Como é que você caracteriza um bom aluno?

Ana – Eu sou muito exigente. Então às vezes a minha sala é muito boa, e mesmo assim eu acho que só alguns são bons. E eu já tive várias surpresas, que nem aquele ano que nós ganhamos todos os prêmios de redação.

(trecho da fita prejudicado – inaudível)

Ana – A correção é feita sempre na lousa e, do ditado. Eu sempre faço na lousa, eu já tentei de outras formas, mas parece que não foi tão bom. Então eu volto na lousa mesmo. E, sei lá, tem

coisas que a gente aproveita, que são novidades que aparecem, o que eles trazem, então eu já uso aquilo e mudo toda aula que eu planejei, porque está tendo motivação em cima daquilo...

_ Você lembra de uma última coisa que aconteceu?

Ana – A gente voltou faz pouco tempo, né?

_ Mas uma outra experiência então... Um dia alguém trouxe uma notícia, é disso que você está falando?

Ana – É, mais ou menos isso. Que nem aconteceu de uma hora para outra aquela guerra (Iraque). Eu mudei todo o meu esquema, a matéria que eu ia dar naquele mês, em cima disso. Os trabalhos, as pesquisas foram todos em cima disso. Não seria o caso de fazer aquilo naquele tempo. Agora, tem outra coisa que eu faço também, que eu acho que eu sou diferente das outras professoras. Eu dou uma musiquinha em inglês, eu dou uma em francês, que foi o que eu trouxe de lá. Eles adoram, eles acham que eles são o máximo porque eles tão falando. Então, eles também entendem que não é todas as crianças que falam o português, eles falam diferente da gente aqui. O mundo é muito grande, porque a noção deles é muito pequena. Então, é umas coisas... Eles acham que eles estão assim... Eu dava inglês na quarta também Mariany. Eu mesma que implantava no currículo. Então toda sexta, a minha troca com a minha quarta série, se a quarta era muito boa, na sexta-feira tinha inglês. Então saía com o básico, então, e pegam com uma facilidade enorme, porque pra eles é muito bom. E gostavam de falar perto das outras classes (risos). Então a disciplina, o desempenho durante a semana era muito bom pra não perder a aula de inglês da sexta. E geralmente eu faço uma atividade diferente para fechar a semana. Lá também. Sexta sempre é o dia da novidade. É aula, mas é uma aula diferente. Tem que ser.

_ Por que tem que ser?

Ana – Porque eles já estão cansados e eles merecem uma coisa diferente, para fechar a semana e para não enjoar da escola. A escola não é atraente, Mariany. A rua é muito mais... Tem pipa, tem video-game, tem tanta coisa... A escola é difícil.

_ É difícil competir com...

Ana – É difícil a gente competir... A gente tem que ser...

_ Tem que ser de circo...

Ana – Tem que fazer virar um cirquinho lá dentro (risos). Então, a gente tem que criar, eu acho – criticando agora - que falta um pouquinho disso.

_ A escola tem que ser mais gostosa...

Ana – Hum.... E eu acho que depende do professor. O professor tem que aprender a criar um pouquinho mais dentro da sala, ou amar um pouquinho mais os alunos, porque a partir daí ele começa a fazer, porque é pras crianças, não é pra gente. Tem que fazer isso, não sei... É que nem eu falei pra você lá aquele dia também. Ela fala assim: - Ah, a gente tem que fazer estágio com você no começo do ano pra ver o que você faz com a sua classe. Não tem que fazer estágio. Depois daquilo eu comecei a pensar... Não existe fórmula, não existe... Eu também nunca soube o que eu fiz, eu só ponho na cabeça deles que eles precisam ser os melhores, porque eu também acredito nisso.

_ Essa coisa de...

Ana – É da tia Sofia. Ela chegava, ela falava: - Olha, ou vocês vão aprender comigo, ou com mais ninguém. Eu sei, e sei ensinar. Ou vocês aprendem comigo ou esqueçam que vocês vão aprender com alguém. E parece que a gente queria mesmo, que a gente estava forte ali, que a gente era... E a partir dali... E a minha sala foi a melhor do colégio, por um exame, eu fui a melhor da turma. E a gente ganhava prêmio...

_ E essa coisa de estimular a sua sala a ser a melhor... Você realmente achava isso importante para a formação deles?

Ana – Eu acho isso importante, é lógico que acho.

_ Mas será que não tinha também uma certa cobrança da tia Sofia?

Ana – Mas não era só eu. Ela falava pra todas.

_ Mas você era sobrinha dela... Será que não tinha uma cobrança maior de você?

Ana – Sempre teve, até quando depois ela foi minha diretora, ela chegou a ser minha supervisora... O pouco tempo que ela ficou na rede, ela também, de vez em quando me dava umas cobradas, mas, aí antes de ela entrar na rede, ela me chamou para ser coordenadora lá em Mairiporã, onde ela estava. Daí o pessoal mesmo de lá chamou. Mas daí era longe, e ir todo o dia, assim, largar a minha classe daqui, ia ficar meio complicado pra mim. Por isso que eu não quis. Porque daí o trabalho que eles, eles chegaram a propor trabalho pra mim. O trabalho que eles propuseram eu faria, sem problemas. Eu tirava de letra, porque quando eu me envolvo, que eu quero, eu faço. Eu vou até o fim. Coordenadora lá é diferente, Mariany. Eles querem que veja entrada, saída, tantos dias por semana. Você tem que acompanhar algumas coisas diferentes da rede...

_ Bom, mas enfim, você acha que a sua tia teve uma participação muito grande na sua formação...

Ana – Muito grande, foi muito tempo com ela. Ela e a minha irmã. Porque a minha irmã até hoje ela olha, que nem ela olhou essa carta da Paloma... Até do ginásio que ela não entende nada de Matemática, às vezes ela olha e fala: - Nossa, mas é desse jeito essa sua linha... Como tá fraco! Ela sempre acha que está fraco! E, quando eu me aperto, quando eu preciso de um material diferente, que eu sou péssima em Artes, eu sempre fui, eu reconheço, ela me ajuda, ela faz essa parte pra mim, ela deixa pronto...

_ A sua irmã é professora ainda?

Ana – Não, ela já aposentou. Aposentou no SESI... Ela se formou no colégio.

_ Deixa eu te perguntar...

Ana – Teve interferência da minha tia, da minha irmã, porque Mariany, agora eu estava pensando para poder te responder. Porque na verdade, eu gravo muitas coisas e eu uso muito o que aconteceu comigo na hora de fazer com eles. Eu transfiro um pouco as coisas, eu não sei se todo mundo faz isso. Eu transfiro um pouco daquilo que eu já passei, o que foi bom, o que não foi bom...

_ Tanto na sua época de aluna, como na sua experiência de professora...

Ana – E eu não esqueço de nada... Então é como se eu estivesse vivendo de novo, quando eu converso com eles é como se eu tivesse a idade deles...

_ Explica melhor isso.

Ana – Ah, eu vou contar alguma coisa, por exemplo: -Vamos brincar! – eu tenho a mesma idade deles... Eu vou brincar junto, nós vamos correr juntos, nós vamos cantar a mesma musiquinha... Ou eles estão fazendo errado, ou eles vão me ensinar porque eu é que estou fazendo errado. É junto!

_ Na sua época de aluna, além do traçado da letra “a”, que você contou que tinha dificuldade, tinham algumas outras coisas... Você falou de Artes...

Ana – Eu não sou boa nisso. Eu sei que eu não sou, eu não gosto! Eu não gosto de poesia...

_ Não gosta de poesia...

Ana – Não. Eu gosto de ler tudo, mas eu não gosto de poesia... Eu não sei, não me diz nada! É bonito, é bonito, mas é tão... Eu gosto de ler livro mesmo, que tem começo, meio e fim... Aquela coisa, sabe, que desenrola assim, sabe? Não aquela coisinha, mesmo que às vezes me leve a pensar... Eu gosto da poesia assim em música, que não deixa de ser uma poesia. Mas não dela ali, aquela coisinha... Não sei.

_ No geral, como foi a sua experiência como aluna?

Ana – Eu sempre fui boa aluna, Mariany, desde pequena. Eu lembro que a minha professora ficava muito brava com os alunos que não iam bem. E isso me deixava meio acuada, sabe, eu não gostava do que ela fazia. Então eu lembro que a minha primeira professora, eu odiei ela. E eu reclamava muito, não pra minha mãe... Eu chegava pra minha mãe e falava – olha ela fez tal coisa... Mas ninguém ia brigar comigo, eu já sabia, eu não dava problema...

_ Mas você sentia em relação aos outros...

Ana – Eu via!

_ Como era esse “tratar mal” ?

Ana – Ir lá, chacoalhar, dar uns tapas mesmo. Eu via fazer isso, e aquilo, não eu não fiquei assim

– Não vou mais na escola, por causa disso, não fiz isso.

_ Mas era uma coisa que te incomodava...

Ana – Incomodava... Daí eu reclamei pra minha irmã... No fim eu não sei, eu achava, depois de um tempo quando eu cheguei na quinta, sexta série eu comecei a achar que a minha cabeça era muito forte, eu mesma. Porque eu pensava tanto quando eu não queria alguém, que ela, ela morreu (risos) Tem uma escola com o nome dela, ela morreu. Ela maltratava mesmo a menina né, no caso, aquela. E eu não gostava dela, e a gente gosta de professora de primeira série e eu não gostava dela, ela não era boa, ela era ruim. Ela era boa pra mim, mas não era boa pros outros. Porque eu já sabia e eu tava vendo isso... E eu era uma das mais novas também porque eu entrei com seis, todo mundo tinha mais. E nesse decorrer aconteceu muitas vezes isso, né, porque tinha professoras que chegavam e vinham falar perto de mim: “_ Você está vendo aquela ali que não sei o que, não sei o que” E era minha amiga, então eu não podia estar fazendo aquilo, não era legal, eu não gostava disso.

_ O fato de você não gostar de poesia tem alguma coisa a ver com a escola? Ou não, você não gosta porque não gosta.

Ana – Eu não gosto porque não gosto. Eu acho lindo... Pintura, né, olha aí essas coisas aí (apontando para os quadros da parede), minha irmã que fez... Esse aqui, o outro de lá também. Eu não sei pegar no pincel... Eu pego, mas eu derrubo tudo (risos)

_ E como é que você se virava nas aulas de Artes?

Ana – Ah, eu fazia, mas eu mesmo achava que não ficava bonito. Eu fazia.

_ Mas nunca nenhum professor chegou e falou: “_ Olha faz de novo porque não está legal”

Ana – Não, não... Mas, a religião também. Uma vez eu lembro que eu precisava de dez e meio, porque não tinha importância pra mim, entende? Então eu não ligo. Que nem no computador, todo mundo vai fazer curso... Eu aprendi sozinha, tudo. O que você pedir eu faço pra você. Porque isso pra mim é importante, porque eu tenho que chegar e eu sou teimosa. Então vai, não está dando certo, e eu vou de novo até eu conseguir. E isso eu acho que a criança tem que fazer também. Porque não existe o “não consigo”. Eu não sabia fazer um café, cozinhar feijão, morria de medo de panela de pressão, e eu aprendi e eu nunca entrei na cozinha na minha casa. A minha cozinha era do outro lado. Eu nunca chegava até lá. E eu aprendi. Eu casei sem saber fazer nada.

_ Mas você não tinha que ajudar a sua mãe nas tarefas de casa?

Ana – Imagine! Nunca não. Minha mãe sempre falava que nós tínhamos que estudar. E essa era a nossa obrigação. Que o nosso tempo de outras coisas ia chegar. Aí nós faríamos porque isso não tinha muito mistério. Com o nosso diploma, com aquilo que a gente escolhesse nós ganharíamos o suficiente pra pagar alguém pra fazer isso.

_ Sua mãe não queria que vocês fossem pra cozinha...

Ana – Não, não só pra cozinha, nenhum serviço em casa. Nem eu, nem minha irmã, nem meu irmão, porque ela achava que a herança que ela ia deixar pra gente eram os estudos. Que era o mais importante. Minha mãe lia muito.

_ Ela era professora também?

Ana – Não, mas ela sabia mais do que nós porque ela estudou com a gente em tudo. Cada um no que escolheu era ela que tomava tudo... Até quando a gente estava na faculdade. E eu tinha extrema necessidade de falar pra ela aquilo que eu tinha estudado para ver se estava certo. Ela olhava o caderno antes de eu ir, daí eu contava pra ela aquilo que eu tinha estudado e ela falava se estava certo ou não e se eu tinha esquecido algum detalhe. Sempre, e minha irmã também. A gente dependia um pouco dela. E ela me ajudava também um pouco na escola, eu trazia algumas redações das crianças pra ela ver, que eu achava legal. Ela sempre acompanhou. E essas coisas de encapar caderno que eu levava pra casa era ela que fazia pra mim.

_ Ela não era professora, mas estudou até quando?

Ana – a minha mãe acho que só fez até o ginásio.

_ A sua tia é irmã da sua mãe ou do seu pai?

Ana – Não, a minha tia é minha tia porque ela é casada com o meu tio que era irmão da minha mãe, mas como ela era minha querida e eu dela também, ela foi minha madrinha de crisma. Eu fui mudando, era outra pessoa, mas eu queria ela, porque até hoje... O dia que o meu pai morreu, eu só queria ela junto. Foi ela que ficou comigo. A gente é muito unida.

_ Você me falou que é uma pessoa que gosta muito de ler. A sua mãe também gostava... Que tempo você encontra pra ler? Hoje você trabalha em dois períodos...

Ana – Olha, às vezes, é assim. Quando você gosta, você sempre acha tempo. Você não dorme, ou então se você tem que fazer alguma coisa, você faz correndo pra acabar logo, pra você poder ler. Agora eu leio mais assim... Livro mesmo eu não estou tendo tempo, mesmo assim esse dias eu li o outro daquele que fez a palestra aqui, né? O Jairo (Jairo de Paula). Eu li o outro rapidinho.

_ E é bom o livro?

Ana – Esse aqui é muito bom, o outro eu não li, mas eu quero ler de novo pra eu pegar os detalhes que eu não peguei porque eu li muito rápido. Eu não comprei não, eu peguei da Suzana e esse daqui é da outra professora lá da escola. Elas compram e não lêem, no fim eu que leio. E é uma crítica minha em cima do pessoal. O pessoal não lê viu Mariany. Pelo amor de Deus, o que que é aquilo? Não lê, não vê um jornal... Porque eu acho que se você não tem tempo de ler um livro que é uma coisa que você gosta, leia um jornal, se informe, você é um professor, pensa em assinar um jornal. Deve-se achar necessário o professor ler um jornal, ter um computador, assinar uma TV à cabo. Eu acho extremamente necessário, você pega uma quarta série, tem que passar o que está acontecendo.

_ Há pontos que compõem a sua prática que você costuma extrair dos livros, como este que você leu, por exemplo do Jairo... Você disse eu quero ler de novo...

Ana – Não esse livro não é de sala de aula, mas mesmo assim tem coisa sim, por isso que eu quero ler de novo. Tem essa coisa de valorizar e não tem nada a ver com sala de aula, é pra desempregado... Alguma coisa assim, eu não lembro o nome do livro, mas assim de a pessoa se valorizar. Tem sim, a pessoa não tem que achar que é o coitadinho... Ele tem que achar que ele é bom, ele tem que ser bom, ele tem que ter aquela diferença. E eu achei que isso também dentro da sala de aula.

_ Mas então tem “maneiras” que você usa na sala de aula que você aprendeu nos livros... Ou não...

Ana – É, ou aprendeu ou acha que tenha semelhança. Que nem eu tenho um livro que eu já peguei de professor. Chama-se “Adorável professor”... É um lição de vida. Era um maestro que

virou professor. Só que ele estava fazendo tudo errado na sala de aula. Então ele resolveu fazer as coisas de outra forma... Ele não queria, ele não queria, ele estava fazendo por dinheiro. No fim, ele resolveu... Você assistiu?

_ Não.

Ana – No fim ele resolveu trabalhar de uma forma diferente, porque ele tinha que ficar mais, porque era quatro anos só para conseguir, mas só que a mulher dele ficou grávida, mas ele tinha que ficar mais. Ele tava querendo só compor e só ser maestro. Aí ele resolveu mudar a forma dele trabalhar. Aquele aluno que não ia, ele tinha que nem uma bandinha, sei lá como é que chamava aquilo. Aquele aluno que destoava, era aquele que ele trabalhava à parte. Então ele falava assim: “_ Você vai tocar esse sax com amor... Faz de conta que é aquilo que está saindo de dentro de você, o melhor que tem dentro de você... Fecha os olhos... Sabe? Porque ela sempre errava naquela mesma parte. Então o jeito como ele foi falando, ela foi, errou a primeira vez, até que ela foi, no fim tentaram puxar o tapete dele e essa moça que ele ajudou, uma delas, ela era governadora do Estado. Ela ficou sabendo e, porque ele na época deu segurança pra ela e a partir daí ela levou isso pra vida dela. Porque ela era super insegura, ela achava que só o resto da família era bom, ela não era. Ela era a coitadinha que não sabia nada. Então isso eu acho que a gente leva sim... Você falou o negócio de falar que é bom, e eu já percebi que aqueles alunos meus que vão assim, que acreditam que vão, eles são bons depois, eles continuam bons, porque eu não abro, eu continuo seguindo. Uns vão pro Ismael, outros vão pro CEMABA. Então a gente sabe que vai... Eu tenho alunos no Maria Regina que passou em universidade federal, veio aqui me contar, e eu sabia, ela acreditava nela, e basta a gente acreditar que a gente consegue. Não existe “eu não consigo”. A gente é inteligente, não existe quem não seja. Existem os bloqueios de um ou outro, mas é, você conta no dedo, né? Você vê que eu contei quantos eu tenho na minha sala. É muito pouca gente pelo contingente, pelo tamanho que a gente tem. Essa força que eu acho que a gente tem que dar, independente de conteúdo. E é isso que eu tenho dificuldade de passar nessa quarta série. Eles não tem interesse por nada. Então é muito complicado...

_ São alunos mais velhos, ou estão em idade normal de dez, onze anos?

Ana – Não, mas não querem saber de nada... Eu nunca peguei uma classe assim. Nada tá bom. Se tirar nota tá bom, se não tirar tá bom também. Que apatia, que...

_ O que será que causa essa apatia, Ana?

Ana – Não sei porque eu tento motivar de tudo quanto é jeito...

_ Você vê que não está na sala de aula, não tem jeito...

Ana – Se bem que pode ser eu também, né? Eu já cheguei a pensar nisso...

_ Como assim?

Ana – Ou eu estou ficando cada dia pior, cada vez mais exigente, é. Porque vem um outro e fala: “_ A sua sala é boa.” Eu não acho que a minha sala é boa, eu não acho que tá bom, eu não gosto disso que eu estou vendo neles. Sabe eu estou achando pouca produção, pouco empenho nas coisas, parece que a gente cobra menos e eles... Porque não pode, porque não pode, e eles estão dando menos ainda do que... Então, eu não sei, eu acho que a gente tem que cobrar um pouco mais, pra eles darem o mínimo. Porque a gente cobra o mínimo e eles não estão dando nem isso. É isso que eu estou sentindo.

_ E você sente que isso vem acontecendo de quantos anos pra cá? Dois ou três anos...

Ana – Ah mais, mais...

_ As quartas séries de hoje não tem o mesmo nível das quartas séries em anos anteriores...

Ana – Não, a quarta série minha do ano retrasado era fantástica... A do ano passado já não era tão boa, agora a desse ano... Eu nunca peguei igual...

_ Mas então varia de turma pra turma...

Ana – Varia de turma pra turma, mas o que tá vindo, também tá difícil... Eu trabalhei anos seguidos, a gente seguia... Fulana pegava na segunda, fulana na terceira e eu na quarta, então tinha uma sequência tão perfeita, tão maravilhosa... De repente foi quebrando. Então o que está chegando agora, ah, eu não quero quarta série o ano que vem... Ah, tá louco! O que que é aquilo?

_ Você está vendo as terceiras este ano e não quer pegar as quartas no ano que vem...

Ana – Ah, a minha segunda está milhões de vezes melhor que a terceira. Não quero. Eu não vou passar nada de ruim pra outra. Eu não quero também não. Não tem jeito né. Em termos de indisciplina, de tudo, tudo, de tudo. Os valores diferentes, eu acho que perdeu muito, eles não ligam mais... Querer ser alguma coisa, ninguém quer saber...

_ Você acha que o que causa isso é o fato de a escola não cobrar... É por isso que eles estão fazendo “corpo mole”...

Ana – É, um pouco é.

_ E outro pouco é o que será?

Ana – A própria família não cobra mais. Se eles quiserem vir na escola tudo bem, mas se quiser faltar, não precisa. E faz falta, porque um dia que você perde alguma coisa te faz falta, você tá pulando alguma coisa importante, mas tudo é mais importante que a escola! Precisa marcar um médico, se a criança estuda de manhã, marca à tarde. Não, o médico é importante, a escola não.

_ Você acha que a família não valoriza a escola...

Ana – Não valoriza nem a escola nem o professor... Eu acho que mudou muito.

_ Mas antigamente ou mais há um tempo atrás, os alunos não iam mais interessados pra escola... Você me disse que hoje você dá aula pra filhos dos alunos que foram seus no colégio...

Ana – É.

_ Mas aí é que está: os pais dos nossos alunos hoje, não foram nossos alunos há tempos atrás?

Ana – Foram...

_ Mas na época eles valorizavam a escola. O que aconteceu então?

Ana – Alguns valorizavam... O pai valorizava... Agora você veja, existem os mais e os menos. Então como eu falei pra você eu tenho por exemplo o Marcelinho Comune, a Denise, que já são médicos... Os filhos deles obviamente... O Marcelo me chamou no Posto de Monta: “_ Filha, essa é a prô do papai...”, sabe. Em compensação tem uns que são até meus, mas elas... Estudou, acabou aquilo, chegou até à oitava, tá bom. Já engravidou, já teve criança e parou e vai ser piloto de fogão. Não teve aquele interesse de continuar. Nem pra si própria. Que nem isso que você está fazendo agora, eu acho que antes de tudo é pra um crescimento seu... Essa pós que você está fazendo, é pra você, o seu crescimento pessoal, e isso é mais importante do que tudo. É isso que eu acho... Eu vou fazer um curso, eu quero coisas que me acrescentem, eu não quero ouvir aquilo que eu já sei. E eu gosto de cursos práticos, não aquela coisa que você fica horas ouvindo... Uma vez foi no circo lá na faculdade... O cara foi falar assim que era muito antigo, e ficou falando do lápis, e aquilo foi cansando tanto, porque não tinha nada a ver, ele estava fora da sala de aula, ele tava falando uma coisa que não era realidade, virou uma bagunça só, todo mundo conversando, ninguém prestou atenção.

_ Era uma palestra... Oferecida por quem?

Ana – Eu acho que foi da prefeitura também... Era um senhor também... Em compensação esse cara aqui (Jairo de Paula, em palestra no Encontro Intermunicipal de Educadores), todo mundo gostou e ninguém esperava que fosse bom. Porque ele pôs um pouco de humor, não dava pra participar porque era muita gente, mas ele colocou um pouco de humor em cima de uma porção de coisas e acabou ficando uma coisa gostosa... Agora por exemplo essas coisas que a Luísa por exemplo apresenta, são coisas que eu sei também e a Luísa sabe que eu sei. Então nos cursos que eu vou, eu tenho que ficar quieta...

_ Você trabalhou com elas?

Ana – Era a gente mais ou menos que juntas, então eu tenho que ficar quieta porque senão eu acabo atrapalhando.

_ Mas tem coisas que você vê lá que você já trabalha...

Ana – É, tem coisas que eu não concordo com a Luísa, ela sabe disso. Então são coisas assim que...

_ Tem alguns pontos fundamentais que você não concorda?

Ana – É tem umas partinhas lá que a Luísa faz, que eu não faço, ela deixa bem à vontade, a Carmem já é mais do meu jeito, mais ali... Põe, como é que eu falo, ela se impõe mais. A Luísa já deixa, se não segurar vira uma bagunça, e dentro da sala também. Eu adoro as duas... mas não tem assim grandes novidades pra gente, né? Foi o tempo mesmo que fez a gente, e as leituras, essa busca que a gente faz, que vai acrescentando, vai usando, pegando tudo aquilo que a gente acha que resolveu e juntando tudo...

_ Entre cursos, entre palestras, livros, o que dentre tudo isso você considera que contribuiu mais pra sua formação... O curso de magistério que você fez...

Ana – É, o primeiro curso que eu fiz foi muito bom. O colégio deu uma base boa, mas eu acho que o que pesa mais pra mim é a experiência, porque eu uso muito... Eu me ponho muito no lugar das crianças... Então teve professor que foi legal, que marcou e porque marcou, então eu olho muito essas coisas. O que ele fazia que me chamava atenção, que me fazia gostar tanto da aula.

_ Você sempre foi uma aluna que se destacou... Por conta disso, você sofreu algum tipo de discriminação?

Ana – Eu tinha discriminação sim, porque quando você se destaca, você tem sim, mas eu deixava colar, pra mim sempre foi vantajoso, porque eu sabia que se elas colassem de mim eu sabia que eu sabia mais do que elas... E eu tinha uma cobrança velada da minha mãe. Ela, o meu pai não sabia nem em que ano eu estava, e ele mandava sempre a minha mãe falar as coisas pra gente. Quando eu passei no concurso da prefeitura, eu passei em oitavo lugar, eu achei legal eu ter passado em oitavo lugar. Eu liguei pra minha mãe e ela falou: “_ Mas por que que você não passou em primeiro?”

_ Nossa...

Ana – Eu falei – Nossa, mas por que isso, oitavo tá tão bom! E ela falou: “_ É sinal que a outra estudou mais que você, se você tivesse se esforçado, você poderia ter pego o primeiro, né? Porque nunca tava bom! Eu acho que é isso que eu falo pra você: _ Nunca tá bom! Porque, mas é verdade mesmo, Mariany, por que não o primeiro, por que o oitavo?

_ Porque o primeiro tem que ser de alguém...

Ana – É, e por que não o meu? Por que o meu não pode ser primeiro... Eu escutei isso, eu não escutei parabéns.

_ E você concorda com isso?

Ana – Um pouco.

_ Se fosse sua filha...

Ana – Ah, talvez eu cobrasse sim, porque eu tenho uma sobrinha que eu cobro sim...

_ Pra ser o melhor, tem que ser o primeiro. O segundo não é bom.

Ana – Não, é bom também... Eu não aceito que não vá, que não desempenhe, que não seja bom. Tem que ser bom. Isso eu acho que é meio geral na minha casa...

_ Pelo seu pai tinha também essa cobrança?

Ana – Meu pai não falava muito, não sei. Eu sei que, eu fiz junto, eu fazia o colégio, eu fazia inglês, eu fazia francês, eu fazia um monte de coisa junto que acabou bagunçando tudo e chegava

no fim do ano eu tava nos últimos do stress. Teve um ano que eu tomei até remédio de tão estourada que eu tava.

_ E a sua vida fora da escola...

Ana – Ah, normal... E eu tinha umas coisas assim que eram minhas, por exemplo eu nunca estudei sábado e domingo. Sábado e domingo era dia de namorar. Eu namorava muito. Agora durante a semana não, porque eram os meus dias de estudar. Eu dividia. Aí eu nem lembrava que eu tinha namorado.

_ E quando você era criança, a coisa de brincar, também era só no final de semana.

Ana – O que? Não aí era também durante a semana... As vezes eu fugia da aula...

_ Mas tinha horário certo pra fazer as tarefas...

Ana – Tinha. Mas aí já era complicado, porque eu fugia, eu não queria ir pro colégio. Eu ia pro mato, fazia cabana... Brincar é mais gostoso.

_ Você teve uma infância feliz?

Ana – Muito... Eu não me conformo com a infância dessa criançada. Eu queria brincar, então eu tinha uma professora particular, além do colégio. Aí ela ia fazer lição comigo, porque senão eu não fazia. Eu lembro que eu derrubava o copo de água na mesa e ela ficava brava comigo. Todo dia eu derrubava o copo de água.

_ De propósito?

Ana – pra descarregar um pouco, porque era muita lição.

_ Mas você era uma boa aluna...

Ana – Mas eu fazia lição no colégio. Mas era pra fazer lição, senão eu ficava de castigo. Eu fiquei muitas vezes de castigo, porque eu queria brincar, e o colégio era muita lição, fora o que a gente fazia lá, tinha que levar pra casa, eu queria brincar e não dava tempo de eu brincar, então eu ficava de castigo fazendo lição, sentada na escada, na hora do recreio, todo dia. E eu fugia, eu pulava muro...

_ E em relação aos seus alunos...

Ana – Eu não gosto de dar lição de casa. Eu dou pouca lição, e quando dou, porque isso pra mim era, eu já fazia muito na classe, por que eu tinha que fazer mais em casa?

_ E aquele que não faz a lição, você cobra...

Ana – Ah, eu cobro. Inclusive eu falo pros pais na reunião: “- Olha eu acho que eu já não dou tanta lição”... Porque tem aquele aluno que é mais lento, ele não termina em classe, ele tem obrigação de terminar em casa, quer dizer, ele já tem uma lição, e mais a matéria que ele leva, que ele tem que estudar, porque tem que ter as coisas em dia. Então, não vou sobrecarregar, porque a gente também tem que ter a hora de brincar, porque senão aí a gente vai misturar e aí não vai dar certo. É bom brincar. Eu brinquei até os catorze anos.

_ Como é que você seleciona as atividades que você vai dar? Quando é que se diz que uma atividade é boa?

Ana – Como é que eu vou responder isso? Ah, por exemplo, nós fizemos a atividade do folclore juntas. Eu e a Jurema. É difícil trabalhar junto, eu sou independente. Não vou ficar só nisso, eu sei que eu vou trabalhar outras coisas junto, eu me conheço. Só que daí a Jurema passou quinhentos e oitenta máscaras, quinhentos e oitenta desenhinhos, e eu não passei. Eu priorizei o desenho que podia fazer um texto, eu não quis só o desenho. A máscara. Por que fazer um monte de máscaras? Uma só está muito bom. Como eu não gosto de Artes, talvez seja isso. Eu acho que eu estou perdendo tempo.

Entrevista com a professora Sofia – 15/10/2003 – Joanópolis/SP

_ Então, nós íamos começar a falar sobre a sua formação, a trajetória da sua carreira...

Sofia – Eu comecei a dar aula aos dezesseis anos de idade. Eu era interna do colégio das freiras, que a minha formação é bem religiosa, bem católica, era um colégio de gabarito, né? Eu sempre fui primeira aluna da classe, toda vida. Só que isso, não tem uma conotação assim muito estranha porque a minha classe foi a mesma turma da oitava série até o terceiro colegial. E a nossa turma era assim sui generis, nós éramos uma turma de crânios. Então eu era a primeira da classe, mas com uma diferença assim de décimos da segunda, de décimos da terceira e assim conseqüentemente. A minha turma, pra você ter uma idéia, nós éramos trinta e duas alunas, e nós ganhamos todos os prêmios durante a nossa trajetória estudantil em relação à viagens, excursões, porque nós éramos a classe mais adiantada, mais comportada, mais comprometida com o estudo. Nós éramos uma classe que... Professores naquela época, prova não era marcada, não era marcada, então a gente tinha assim cinco aulas diárias e a gente sabia que por exemplo, no período de oito a treze, ou oito a vinte, seria uma época de provas. Então a gente tinha que saber todo o conteúdo das cinco aulas diárias, porque a gente não sabia que prova a gente teria. Então foi uma turma muito comprometida com o estudo, de equipe, um ajudando o outro... E as nossas deficiências eram muito engraçadas porque as meninas, em questão de estudo a gente era boa mesmo, mas a gente tinha assim habilidades diferentes. Então por exemplo, uma chorava porque não sabia bordar, outra chorava porque não sabia desenhar e eu chorava porque não sabia cantar (risos). Tanto é que a minha nota de música é muito baixa no meu diploma. E a gente sempre ajudava uma à outra, a gente sempre teve esse espírito assim muito solidário... Nós fomos formadas em 1960, então há quarenta e três anos, nós nos encontramos até hoje. É uma turma muito sui generis mesmo, é uma turma muito querida do colégio. Só que já virava rotina né? Tinha prêmio por exemplo, a melhor turma, a melhor média, feriado, medalha, a nossa turma ganhava sempre. Então a gente foi mesmo assim uma turma de vencedores. E na vida prática depois, na nossa vida profissional também fomos ótimos profissionais, todos nós. Da nossa turma só faleceram até hoje, três. Mas todas se dedicaram à educação, é uma coisa engraçada, todas as trinta e duas e todas nós fomos excelentes profissionais. Esses excelentes entre aspas, porque cada um com a sua metodologia e com a sua forma de ser, né...

_ E tinha alguém que cobrava isso de você, esse comprometimento, alguém que puxava por esse lado?

Sofia – Não, não. A ponto de quando nós começávamos a ter prova, as freiras nos testaram muito, porque era assim uma turma bem heterogênea de idade, eu era uma das mais novas, mas tinha gente bem mais velha, tinha gente noiva, na época que não era comum, né? E nessa época, elas nos testaram. Porque como nós ganhávamos todos os concursos, então nós éramos testadas pra ver se a gente não colava, sabe? E chegou num ponto em que elas saíam da classe e nós fazíamos prova sem professor. E se alguém cochichava, uma já chamava a atenção: “Você está querendo enganar a quem?” Então foi uma turma muito comprometida. Uma turma assim... Não pensa que foi de beatas não! Foi uma turma de namoradeira, de passear, de dançar, porque nós somos gente normal (risos). Não que seja assim, sabe? Acho que coincidiu, sei lá, ser missão, sei lá, se são espíritos afins que estavam juntos, não sei. Mas era uma coisa que chamava a atenção e até hoje, quando tem festa no colégio, as freiras mais antigas – porque nós temos algumas professoras vivas ainda, elas falam: “Vocês eram diferentes.” Entendeu? O meu pai era uma coisa engraçada, você fala de cobrança, a única pessoa assim que fazia uma cobrança que eu não gostava, porque eu chegava com o boletim – eu era interna – eu chegava com o boletim no final do mês, ele fazia assim pra mim: “Grande coisa! Por que não tirou dez em tudo? Não faz nada além de estudar!

Entendeu? Quer dizer, mas não era isso que levava a gente a, a, a ser bom vai, naquilo que a gente fazia. E a gente era bom em tudo. Naquela época tinha retiro espiritual, a gente assumia o retiro. A gente não falava fora do colégio. Era uma turma muito assumida mesmo. Foi uma turma diferente, não sei porque. Entendeu? E era um pessoal muito amigo, nós somos amigos até hoje e uma outra característica nossa é que nós não envelhecemos muito. Sabe? Todas nós, hoje, eu sou uma das mais novas, eu tenho sessenta e um anos e a gente se encontra, a gente se reconhece, sabe? Ninguém envelheceu! É uma coisa engraçada a nossa turma. E a partir daí, claro, a minha vida, em virtude de eu ter sido boa aluna, daí eu entrei na rede pública por nota. Porque naquele tempo tinha classificação na rede pública por nota para os professores novos. Eu fui a primeira classificada e comecei a trabalhar no ano seguinte da minha, da minha formatura. Lógico, e eu sou honesta a falar pra você: o colégio não nos preparava pra dar aula na rede pública. Porque o colégio naquele tempo era muito elitista, né? Hoje ele já é mais popular, mas na época ele era bem elitista. Então a gente sofreu muito. Porque a gente saía do colégio onde a gente fazia estágio, dava aula, substituía, e foi dar aula em sala multisseriada! Quer dizer, a gente não estava preparada para aquilo. Então, o preparo profissional nosso foi, quem saía, a grande verdade foi essa. A cada final de ano, a gente falava: “Puxa! Quanta bobagem eu fiz” e então... “O ano que vem eu vou melhorar, né” (risos). Porque nessa época, a gente não tinha supervisor, tinha inspetor. E o inspetor era uma pessoa temida. Ele não era amigo da gente, ele era uma pessoa temida, ele vinha no que você errava e não no que você acertava, né? Então a gente era autodidata, a verdade era essa. Então, foi assim uma experiência de vida mesmo, né? A gente teve coisas lindas na vida, alunos maravilhosos na zona rural, porque tem gente que não acredita nisso, mas tem crianças inteligentíssimas na zona rural. E eu não trabalhei muito na zona rural, acho que trabalhei uns oito ou nove anos. Daí eu ingressei em Guarulhos numa escola de periferia, que hoje é central, mas na época era periferia, onde os alunos eram marginais, completamente fora da minha realidade aqui de Bragança, né? Eu me assustei muito, mas fiz um trabalho muito bom, porque toda a vida eu tive muita liderança. Mas é inato também, eu não trabalho pra isso, entendeu? Eu sou, eu sou líder. Eu nasci líder. E eu sempre trabalho com alunos sem castigar. Eu acho que castigo não leva a lugar nenhum. Então eu sempre fui mais formadora, sabe? Mais formadora de opinião, mais, eu conscientizei muitos alunos e, depois fiz faculdade casada, já com filhos, não é? Fiz faculdade mais por, por uma questão de solidariedade a um diretor meu que caiu lá, na instituição do GEG, acho que você nem sabe disso, foi quando começou o Enfim, eu era efetiva em Pinhalzinho. Uma escola única que tinha em Pinhalzinho. E nós tínhamos um diretor fantástico. Ele era músico, nossa escola tinha banda, tinha coral, era uma escola linda, de primeira a quarta série e de repente o estado institui um programa chamado GEG, que era Grupo Escolar Ginásio. E pra nosso desespero, Pinhalzinho foi designado para ser escola piloto da região bragantina.

_ Isso foi em que ano?

Sofia – Foi em 1969, ou 1970, por aí, eu não me lembro bem. E daí pra nosso desespero, o nosso diretor não tinha Pedagogia. O nosso diretor, porque na época não se exigia curso superior pra concurso de diretor. Ele era diretor efetivo da rede estadual e ele era ótimo. E daí ele caiu, ele caiu e entrou um diretor completamente estranho à nossa realidade. E nós tivemos uma experiência terrível que foram dois diretores numa escola. E nós não sabíamos a quem obedecer. E como nós gostávamos muito dele, nós nos envolvemos emocionalmente com isso, e foi uma época muito terrível. E daí ninguém agüentava nada lá. Cada um que chegava ia embora, e ele pediu afastamento e foi embora para a cidade dele que era Pirassununga e diante desse fato, tanto que foi um fato marcante na minha vida e eu falei: “Não, eu vou estudar. Eu vou fazer Pedagogia” porque eu não tinha curso superior nessa época. Eu falei: “não, isso não pode

acontecer, eu não sei o dia de amanhã, eu vou estudar, eu vou partir pra isso” e foi ele, talvez ele nem saiba, mas foi o motivo assim de solidariedade, a gente se revoltou muito nessa época. E como ninguém parava lá, eu já tinha curso de aperfeiçoamento de 2º grau, de administrador de 2º grau. E daí eu completei a faculdade com mais dois anos só, de Pedagogia. Foi um curso muito puxado, e pra meu espanto, eu fui imposta na direção. Ninguém perguntou a minha opinião. E nessa época eu já era professora do colégio, também. Então eu tive que conciliar a direção de uma escola piloto, de um projeto piloto, que em seguida eu já tive uma outra experiência de ensino médio que impuseram também, um tipo técnico nas escolas sem a menor infra-estrutura. Então, eu penei muito na vida! Eu aprendi na marra mesmo!

_ E você dirigia a escola em Pinhalzinho e dava aula em Bragança?

Sofia – É, eu dirigia a escola em Pinhalzinho e dava aula em Bragança... Eu morava em Bragança e eu era professora do colégio e coordenadora do magistério. Então eu dei aula no magistério, que é o que você quer saber, que influência eu tive com essas meninas. Eu dei aula de Didática, de Estrutura, de História da Educação, de Psicologia... E eu sempre fui muito assim, liberal, com controle, entendeu? Eu nunca tive problema de indisciplina, pra você ter uma idéia. Eu nunca tive, nem em fase nenhuma da minha vida. Dei aula até a faculdade e nunca tive problema de disciplina, porque eu falo baixo, quando precisa, e mostro a realidade das coisas. E como eu tive uma experiência de vida muito pesada na minha vida profissional, e eu tive que me virar, tudo isso eu passava pra elas. Então eu fui muito exigente também, entendeu? Então eu ensinava, e essas minhas meninas... É uma das grandes vitórias da minha vida. Você entrevistou a Ana, mas todas as minhas alunas do magistério do colégio Nossa Senhora da Anunciação, são excelentes profissionais, sabe? E isso foi uma grande vitória minha, eu acho, porque eu preparei elas pra vida, sabe? No sentido de ser responsável sem cobrança nenhuma, sem precisar de chefe. Quem é bom não precisa de chefe! Quem é bom, sabe cumprir o seu dever, entendeu? E ensinei tudo o que eu sabia. O que eu pude ensinar, eu ensinei, entendeu? E daí a gente tinha uns... E eu era muito querida também porque eu era supervisora de estágio delas e eu deixava livre, elas faziam teatro, foi famoso o teatro. Elas faziam teatro e depois elas apresentavam na semana da criança e eu contava como estágio. E isso foi fantástico! Nós exploramos Ana Maria Machado... Acho que era Maria Clara, né, Maria Clara Machado, né, de fio a pavio, de todas as peças teatrais, elas faziam coisas maravilhosas. Então havia assim, um vínculo assim emotivo, de amor mesmo entre eu e elas. E eu fui conselheira, eu fui confidente, eu trabalhei com meninas viciadas, eu nunca marginalizei. Eu tenho alunas dessa época do colégio que já faleceram de AIDS, então, e acompanhei mesmo depois, então eu sempre tive uma vida muito bonita, eu acho. Eu computo como bonita, entendeu?

_ E essa turma foi a sua turma especial, ou todas as suas turmas...

Sofia – Todas as minhas turmas foram boas. Eu tive uma turma difícil que também foi uma experiência piloto do colégio das freiras, que foi quando começou o colegial masculino, misto, classe mista no colégio. Eu sou professora da primeira turma mista do colégio. E foi uma experiência muito difícil pra nós também, porque eles eram seminaristas. E eu sempre muito liberal, falava de tudo o que você pudesse imaginar, o que elas perguntavam, eu falava, né? E eu até achei graça, que outro dia eu vi uma palestra do, como é que chamava aquele rapaz, meu Deus? Um de Pinhalzinho aí... Você foi em Pinhalzinho, no Encontro...

_ Não fui...

Sofia – Ele abriu, e ele também é bem humorista, eu sou bem humorista, eu dou aula até brincando, mas eu sou exigente... Quando elas mal percebiam, eu já tinha dado toda a matéria do dia e falava: “Desde página tal, até a página tal...” Nunca tive reclamação, nunca tive nada, sabe? E reprovei muito poucos alunos na vida, entendeu? Porque eu dava a prova assim, muito mais de

pesquisa, de conhecimento, de situação problema. Eu nunca fui muito de decoração. Eu acho que isso não leva a lugar nenhum. E nem sou muito de teste, também, entendeu? Então eu fui uma professora assim, que fiz elas pensarem, né, vamos dizer assim. E é engraçado porque hoje em Bragança, como eu, eu sou psicóloga também – nunca exerci a profissão de psicóloga, mas eu sou – e, muita gente fez psicologia por minha causa, então foi uma coisa assim, eu não sei explicar pra você por que. Pra mim só tem uma palavra: afeto, amor, compreensão, sei lá. E depois, coincidentemente com a Ana, a Ana começou a vida profissional dela, como o diretor regional, Elias Campos... Eles se encontram e falam de mim por que? Eles começaram a trabalhar comigo, em outra situação. Eu era diretora efetiva em Atibaia. E eles começaram a trabalhar, eles brincam muito que eu era assim muito brincalhona, muito light e muito atenta (risos) – são eles que falam, não sou eu, né? Por que isso, porque eu acho assim, se você não estiver presente, você não pode exigir. Então eu sempre fui uma profissional muito presente, muito presente. E todas as pessoas que vem trabalhar comigo, aprendem. É só ter boa vontade, entendeu? E também não faço questão nenhuma de ensinar. Eu acho que o que Deus me deu, eu tenho que repartir, eu acho que não é meu, é nosso, né? Então sempre ensinei, sempre fui muito exigente, se não estava bom eu chamava o professor e falava: “Não está bom, você fez isso, isso e isso. Gostaria que você fizesse assim. Pense, analise, se você precisar de mim, você me chama. Então, ao mesmo tempo que eu cobrava, eu acompanhava e ensinava. O Elias fez diário de classe de uma turma, só cinco vezes no ano (risos) porque eu não aceitava o diário de classe dele, entendeu? E sempre numa boa: “Elias, não gostei, está um horror o seu diário de classe. Você vai fazer de novo, viu meu amigo, porque assim não dá” – “Ahhhhhhh” – “e não adianta você reclamar, porque está errado e eu não vou aceitar, você vai fazer de novo”. Nunca levantei a voz, nunca briguei. Agora não me desrespeite, porque se me desrespeitar, daí também eu parto pra briga, entendeu? Eu acho assim, eu sou companheira até o ponto em que são companheiros, agora, respeito é bom e eu gosto.

_ E teve alguém que marcou a sua formação... Alguma pessoa em quem você tenha se espelhado...

Sofia – Eu como professora, eu tive uma que foi muito... Uma freira – ela já faleceu, acho que até esse ano, ou o ano passado – A madre Diná, no colégio, ela era nossa professora de Religião e nossa professora de Português na época, e a nossa professora de Música era a madre Luci, que era uma demônia...(risos)

_ Por que demônia?

Sofia – Porque ela era nossa professora de Música, e a Música é o meu ponto fraco, né? E era nossa professora de Português também. E ela tinha uma concepção de que quem tirasse dez, se igualava à ela. Então ninguém tirava dez com ela. Eu tirava. Daí ela me ferrava na Música (risos). E eu gostei muito da madre Diná, porque nós tínhamos aula de Religião, mas não essa Religião, que eu acho até que é o objetivo da aula de Religião de hoje da oitava série, sabe? Que é mais formativa do que realmente doutrinária e segmentária, vai, vamos dizer assim. Embora ela fosse freira, ela era moça, tinha praticamente a nossa idade, entendeu? E ela fazia a gente pensar, né? Então ela dava questionamentos tipo assim... “O que você acha, Jesus Cristo foi um fracassado?” “Jesus Cristo foi um vencedor? O que você acha?” Então ela fazia a gente pensar, então ela foi marcante assim na vida. No resto, não, não. Talvez eu tenha puxado alguma coisa dela, não sei, não sei, pode ser.

_ E você chegou a ter experiência com criança pequena, você deu aula para primeira série?

Sofia – Dei, eu dei aula na zona rural, e eu dei aula pra criança pequena. Dei aula na zona rural e dei aula em grupo escolar.

_ Você lembra da sua primeira experiência, da sua primeira turma...

Sofia – a minha primeira turma foi uma classe multisseriada na zona rural, era uma fazenda, 1ª, 2ª e 3ª série e uma das minhas tristezas, porque eu tive um aluno chamado Eliseu Sá Torres, que foi o menino mais inteligente que passou pela minha mão. Na zona rural... Ele era analfabeto, ele entrou comigo no mês de fevereiro e quando foi no mês de abril, ele sabia a lição da 3ª série. E hoje ele está numa penitenciária. Ele é um bandido. E isso me levou assim a uma reflexão – Ele assassinou uma pessoa – e isso me levou a uma reflexão muito grande de perceber que às vezes a escola, o estudo, desestrutura o indivíduo. Porque ele era muito inteligente, dentro de uma realidade muito pobre. A gente deslumbrou pra ele, um mundo que não era dele, né? Então são esses questionamentos que a gente tem... Será que a escola... Aqui em Joanópolis é uma das coisas que me preocupa: toda a zona rural está praticamente na cidade. E é uma coisa que me preocupa, porque eles não se integram aos alunos da cidade e conseqüentemente quando eles voltam, eles não se integram à vida rural. Eu acho que às vezes a escola desestrutura a pessoa. É um ponto de reflexão que serve até pra vocês estudarem, mas é uma coisa muito... Sabe eu fiquei sabendo disso pelo jornal, eu li e levei um susto muito grande, porque ele tinha assassinado várias pessoas, e foi o aluno mais inteligente que eu tive. Foi uma coisa assim, um insight assim, que na minha vida foi uma coisa muito... Ele se alfabetizou assim, acho que em um mês, ele se alfabetizou. E eu percebi que no mês de abril que ele era muito quieto e eu vi que ele fazia problema, sabe? “Como? Eu não estou dando problema pra primeira série! Como isso?” E daí eu comecei a observar: “O que você está fazendo Eliseu?” Daí ele escondia, né? Tinha medo da professora achar ruim – e eu falava: “Não, deixa a professora ver!” Daí eu vi, ele copiou o problema da 3ª série e fez. Alunos da 3ª não sabiam e ele sabia. Então era uma coisa de insight mesmo, né? Era dele, a inteligência dele. Depois eu perdi de vista, eu não vi mais... Eu acompanhei esse menino até os doze anos mais ou menos, depois na vida adulta e não o vi mais. Daí fiquei sabendo dele, porque é um nome que me marca porque foi um menino muito inteligente na minha mão e quando eu vi, eu falei: “Meu Deus, o que é isso? Não estou acreditando!” Eu tive um aluno fantástico também em Guarulhos chamado Brasil, mas esse eu nunca ouvi falar dele. E era também um menino que chamava muito a atenção. Ah, mas tive também assim experiências engraçadinhas de meninas assim que estavam no processo de alfabetização – tinha uma menina que a gente mostrava o “e” – naquele tempo a gente era assim bem tradicional, né? Então a gente usava a cartilha... Como chamava aquela cartilha?

_ A “Caminho suave”?

Sofia – Caminho Suave. E ela começava com a-e-i-o-u, né? Então a gente fazia assim, ela estava na vogal “e”: “Maria, que letra é essa?” “a” - e era “e”. “Olhe bem – aquela estória de professora, né” – Aí a gente cantava, fazia lacinho, aquela coisa toda. “Maria, que letra é essa?” “a” – “a, de que palavrinha?” – “a, de alefante” (risos). Então eu tenho essas estórias da minha vida muito lindas, entendeu? Tenho. E daí a Ana começou a trabalhar comigo e talvez eu também tenha sido uma influência pra Ana, também como pessoa, porque coincidentemente ela foi ser minha sobrinha, né? E eu sou madrinha dela, e os pais já bem de idade, já havia uma diferença de idade, e ela mais próxima de mim, ela sempre teve assim uma interação comigo, mas sempre apoiei, não só ela, mas todas as pessoas que trabalharam comigo.

_ Na sua experiência com crianças, você teve casos de alunos que “não aprendiam”... Como é que você lidava com isso?

Sofia – Olha eu nunca tive esse fracasso de dizer que a criança não aprendeu nada, entendeu? Alguma coisa a criança aprende, né? Eu trabalhava bem com elas, sem problemas. Na verdade eu tive assim mais problemas de disciplina, de sexualidade fora de época, mas eu sempre tive a cabeça muito aberta, entendeu? Então eu sempre conquistei. Eu nunca tive assim problema pra chegar ao ponto de... Oh, pra você ver, na minha vida inteirinha de professora – porque eu fui

mais administrativa do que professora – na minha vida de professora eu expulsei uma aluna da minha sala de aula... e me senti muito mal. Mas, foi assim, no momento foi a melhor opção minha, porque senão eu batia nela.

_ Você se lembra qual foi o motivo?

Sofia – Ela me desacatou mesmo. Me desacatou mesmo e falou palavrão feio pra mim. E era uma menina classe “a”, filha de médico, colégio das freiras, né? Então eu me exaltei e... Porque eu sou da opinião, sabe, Mariany, que professor quando bota aluno pra fora de sala de aula, ele dá atestado pro aluno de que ele não pode com ele, entendeu? E então eu dei um atestado pra ela de que ela ganhou, aquele dia, mas, se ela, se ela – depois ela pediu desculpas – e também acho que sei lá, vai ver eu peguei a menina de mal humor – acho até que você conhece ela, a Isidora, você conhece? Então a Isidora é uma menina boa, entendeu? Depois ela pediu desculpas, chorando, mas na época foi a única aluna que eu pus fora de sala de aula na minha vida, entendeu? Mas se ela continuasse na sala, ela ia apanhar, porque eu ia perder a estribeira (risos). Então acho que foi a melhor solução na época, mas me senti muito mal, não dormi aquela noite, foi um horror, mas... Me senti fracassada mesmo. Honestamente me senti fracassada, frágil mesmo, mas eu nunca tive problema assim... Já tive aluno bandido, já tive aluna prostituta, já dei aula na faculdade, que é um horror, né? Eu acho que da minha vida inteira a pior experiência foi dar aula no curso de Pedagogia.

_ Por que?

Sofia – Primeiro porque a classe não tem personalidade, ela é impessoal. Numa classe de duzentos alunos, você não é capaz de conhecer todo mundo, né? E outra que, como eu estou acostumada a trabalhar assim mesmo.... preparando pra vida prática, pra profissão, eu acho que a gente tem que levantar algumas bandeiras, né? Ninguém dá o que não tem, né? E quando eu entrei na faculdade, foi assim uma decepção muito grande, porque eu entrei, e era como se eu fosse nada, nem ninguém, né? Eu entrei na sala de aula, ninguém me viu, salvo uns dois ou três da frente, e depois iam embora, levantavam, não pedem licença, abre porta e vai embora... Nesse nível! E eu achei um horror, pra falar bem a verdade pra você. Então eu falei: “Não adianta eu brigar, eles são adultos e eu vou começar a trabalhar com eles” Então o primeiro ponto que eu comecei foi esse: “Gente, como vocês serão professores? Que tipo de professores vocês vão ser, se vocês não tem a menor estrutura profissional... Vocês não tem perfil de profissional... Ninguém dá o que não tem... Vocês são indisciplinados...” – “Imagine!!!” – “Vocês são indisciplinados... Veja bem, vocês não são capazes de permanecer em sala de aula! Como é que vocês vão entrar dentro de uma escola onde tenha horário? Porque aqui vocês não tem... Onde vocês vão ter que cumprir horário... Onde vocês vão ter que fazer formas de respeito... Ninguém dá o que não tem, meu bem...” E assim, nesse tom de voz, eu fui paraninfa da turma. Então eu falo pra você, eu nunca tive... Então eu brincava, eu falava assim “Olha eu aprendi com o meu pai e com a minha mãe, não foi em escola – que a gente pra entrar em algum lugar, tem que pedir licença... E quando a gente chega, a gente cumprimenta e quando a gente vai embora, a gente pede licença, fala ‘até logo’, ‘tchau’, ‘oi!’... Não precisa falar ‘bom dia’, não precisa ser formal” E nesse tom de voz, brincando, eu sempre consegui... não tive problema.

_ Em que época você deu aula na faculdade?

Sofia – Eu parei de dar aula na faculdade em 1989. E foi uma experiência ruim, porque faculdade é assim, não se trabalha em equipe. Você não sabe o que o seu colega está fazendo, te cobra muito e não te dá nada, entendeu, então é uma coisa frustrante. Agora de todas as minhas profissões, a pior foi a de supervisor de ensino...

_ É? Por que?

Sofia – Porque o supervisor de ensino trabalha muito e ninguém reconhece. Porque aparentemente você não faz nada, né? E é um serviço de muita responsabilidade. Eu fui supervisora na rede pública por dez anos, efetiva. E era um trabalho assim... O pessoal falava... “Ah, eu queria ser que nem você, não faz nada! Ai, que coisa boa ser supervisora!” – Mas não é bem assim não. Então é assim como... Dentro do magistério, o melhor cargo é ser professor. Apesar de tudo, apesar de hoje a juventude estar do que jeito que está, porque eu acho, professor tem que ser um líder, se ele não for, ele não consegue. E tem que ser espiritualizado, eu acho que ele tem que ter valor, senão, porque na verdade, aluno te testa, né? Não é verdade? Aluno te testa, ele sabe até onde ele pode ir. Só que essa professora de Música que eu falei pra você que foi uma demônia, ela dizia assim pra nós quando nós éramos normalistas: “Não sejam professoras boazinhas. Boazinha na boca de aluno é sinônimo de tontinha.” (risos) E é verdade. É uma coisa que eu constatei e é verdade. Eu como diretora de escola... O aluno detesta professor exigente, mas na verdade ele respeita, né? Ele sabe com quem ele... Aluno é muito inteligente, né? A verdade é essa, ele é muito inteligente, então, ele sabe com quem ele mexe, ele sabe até onde ele pode ir. E um cuidado que a gente tem que ter é que aluno problema, tem problema. Se você não atentar pra isso, você não vai...E eu sempre tive comigo isso, né, que o que será que Deus vai cobrar de mim? Não é? Porque se ele me deixou nessa vida para ser formadora – porque na verdade a gente é uma formadora de opinião, de tratamento, desse monte de coisa. Até que ponto – eu me questiono mesmo – até que ponto eu formei, até que ponto eu deformei alguém. E isso foi sempre um cuidado que eu tive comigo e sempre passei isso pros meus alunos também. Sobretudo para os alunos do magistério. “Cuidado com o que você faz para uma criança... Cuidado com o que você faz com um adolescente”, porque você pode ter uma marca positiva ou negativa, tomara Deus que sempre seja positiva.

Entrevista com a professora Helena – 28/07/2003 – Bragança Paulista/SP

_ E então, você estava me contando sobre a sua formação...

Helena – Eu costumo me considerar uma pessoa de bastante sorte, né. Nessa trajetória como profissional. Eu comecei em 86, na Comunidade Vitória. Trabalhei três anos com educação infantil. Eu tinha acabado de sair do magistério, eu já fui pra lá. Na verdade, eu não tinha experiência nenhuma, e lá eu conheci a Carmem, em 86. Quando eu saí da Comunidade em 89, eu peguei uma sala de primeira série no Estado, na escola que a Carmem estava dando aula. Até então eu não sabia que ela estava nessa escola, porque ela estava de licença gestante. E eu não tinha prática nenhuma em relação à alfabetização. Não sabia nem como trabalhar, se trabalhava com cartilha, o que trabalhar...

_ Você já tinha se formado no magistério...

Helena – Já, eu me formei em oitenta e cinco.

_ E você estudou aqui em Bragança mesmo.

Helena – Aqui em Bragança, no Cásper Líbero.

_ Quando você fala que não sabia como trabalhar, é assim mesmo que se sai dos cursos de formação...

Helena – Realmente, na verdade sem saber. Na verdade a prática de sala de aula a gente não tem, o que fazer. E eu trabalhei acho que uns dois ou três meses nessa sala. Era uma sala muito difícil, uma sala que foi montada da seguinte forma: a professora ia tirar licença, todo mundo sabia, né, então, vamos pegar todos os alunos que não sabem nada, que foi feito um tipo de avaliação e colocados todos na mesma sala. E lá fui eu, sem saber nada também, muito pouco.

_ E, ao mesmo tempo que formaram esta sala com estas crianças, ninguém teve a preocupação de “a quem seria atribuída esta classe”? Afinal você estava acabando de chegar.

Helena – Não, preocupação nenhuma. Eu sei que eu trabalhei uns dois ou três meses com estas crianças e eu não via progresso nenhum. Eu trabalhava com uma tal de uma cartilha, que eu nem me lembro o nome. Daí, quando a Carmem voltou da licença...

_ Deixa eu te cortar. Você se lembra por que você pegou esta cartilha? Se alguém te indicou...

Helena – Porque essa cartilha já estava sendo usada na sala.

_ Ah, já era da escola.

Helena – Já era da sala de aula. A professora já estava usando ela. E não aconteceu nada. As crianças, eles eram simplesmente copistas. Eles sabiam copiar da lousa muito bem tudo o que você colocava. Nisso, a Carmem voltou da licença gestante e me orientou, eu fui pedir socorro pra ela, né. Porque quando você vê que não está acontecendo, que não está surtindo efeito nenhum, você está tentando trabalhar e não está acontecendo nada, você tem que pedir socorro pra alguém. E eu conversando com ela, e ela já trabalhava dentro da proposta da Emília Ferreiro, ela já trabalhava com o construtivismo, ela já fazia um trabalho há alguns anos na escola, um trabalho muito bom, sabe? Aí ela me orientou em como eu deveria começar o meu trabalho, e foi aí que eu comecei. Além do auxílio da Carmem, tinha a Luísa também que me auxiliou muito, eu comecei a participar de todos os cursos que tinha. Naquela época tinha a oficina pedagógica, que tinha a Maria do Carmo Polimeno, que era coordenadora, então eu fiz todos os cursos que você pensar sobre alfabetização. Então todos os cursos que tinham, que eram oferecidos. Eu sentia necessidade de aprender. Eu precisava aprender. Eu achava que, se era a profissão que eu havia escolhido, não adiantava só eu gostar muito de ser professora, né, eu tinha que fazer alguma coisa. Eu tinha que, realmente como diz o Chalita, né, você tem que render alguma coisa, você tem que mostrar o seu trabalho, ter um resultado. E eu não estava tendo. Então foi aí que eu comecei a ler, né, muita leitura, livros indicados pelos amigos, indicados nos cursos.

_ E a idéia de ler para os alunos, foi também a Carmem que te orientou, ou você percebeu a necessidade de...

Helena – Não, a Carmem também orientou. A leitura, e aí como os cursos que a gente fazia na época, o objetivo qual era? Trabalhar a alfabetização dentro da Literatura Infantil. Então foi aí que eu fui realmente trabalhar com a Literatura Infantil. Isso já em 91, 92.

_ Então, essa idéia de ler para os alunos foi algo que você tirou dos cursos que você fez.

Helena – Dos cursos, e da orientação também da Carmem e da Luísa, porque elas já haviam feito os cursos em 86, quando eu estava começando, elas já haviam feito os cursos em 86, 87, os primeiros cursos que teve em Bragança, elas já haviam feito, entendeu? Então foi quando começou mesmo a proposta da Emília Ferreiro em Bragança, quando tava começando o Moraes Salles a funcionar, que aquele pessoal tava indo pra lá, né, dos cursos mesmo, foi essa época. Daí, como elas me passaram, foi muito bom, tive muitas orientações, muitas tardes na casa da Carmem. Nossa, quanto socorro eu pedi. Porque eu falava – “Meu Deus por que isso não está dando certo?” “O que eu faço agora?” daí eu cheguei à conclusão de que realmente a psicogênese da língua escrita, você precisa ver ela acontecer pra você acreditar nela. Quando você pega um professor, que não tem experiência nenhuma dentro da proposta construtivista e você fala pra ele da psicogênese da língua escrita, das fases que a criança vai passando. Se você chegar pra ele e falar _ “Olha, o seu aluno escreveu o “B” e o “L” e ele leu “Bola” pra você, ele está construindo, esse professor não vai acreditar. Por que que ele não vai acreditar? Porque ele não tem a teoria e a prática do que é. Eu fui acreditar quando eu vi a prática, quando eu vi acontecer com os meus alunos. Por exemplo: eu passei a ler, a estudar, sobre a proposta. E quando eu comecei a trabalhar com os meus alunos dentro da sala de aula e ver que realmente a psicogênese da língua escrita acontecia eu fui me firmar, né? Ter certeza do que eu estava fazendo, o como trabalhar com a criança dentro da sala de aula, quais as atividades que a gente poderia estar trabalhando com eles, pra que eles realmente fossem passando as fases que eles precisam passar, até se tornarem alfabéticos. Além de todo esse trabalho, o que me ajudou muito foi como eu falei pra você, a troca de experiências. A troca de experiências para o professor é fundamental. Olha, quanto a isto eu não tenho a menor dúvida hoje. Porque a gente ta sempre achando que a gente sabe, mas na verdade, quando você vê um amigo falando e passando a experiência dele, o trabalho dele pra você – “Olha, isso deu certo!”, por que você não pode tentar e ver que também pode dar certo dentro do seu trabalho. E quando eu trabalhei com a Rita, em... Nós trabalhamos juntas desde 96, 97 e 98. Nós tínhamos no “Sílvia de Carvalho”, eram classes de alunos que estavam na terceira série e não haviam sido alfabetizados. Eu fiquei com uma classe dessas e a Rita foi trabalhar com a classe de “aceleração”. Então houve uma grande troca de experiências entre a gente. Além da nossa amizade, o profissional sempre contou muito, porque a gente tinha momentos em que a gente sentava pra discutir determinadas coisas que estavam acontecendo e uma auxiliar a outra a tirar as dúvidas, entendeu? Então isso foi muito rico na minha vida. Isso ajudou muito e sem contar agora com o PROFA que veio eliminar algumas dúvidas que a gente tinha. É lógico que a gente não sabe tudo, ainda. Eu acho que tem muita coisa ainda pra gente aprender. Porque a gente não pode pegar uma experiência que a gente tem de dez, dezessete, quinze anos, jogar pela janela e falar – “Olha, tudo isso que você estava fazendo, está errado. Nós vamos começar do zero, agora. Agora você vai começar a acertar. Eu acho que isso não é verdade. Porque a gente, através dos erros da gente, eu acho que a gente acertou muito. As ansiedades que a gente sempre tem, porque eu sou uma pessoa ansiosa, eu vejo por mim – “Mas será que isto está certo? Até aonde eu concordo com isso? Por que que eu acho que não é assim? Qual é a minha opinião, né? Vamos trabalhar, vamos ver na sala de aula, se realmente acontece”, e o que a gente vê, tem visto que realmente o nosso progresso como profissional depois de muitos cursos que a gente teve, como

os que a rede tem proporcionado à gente, só tem auxiliado. Eu, a meu ver, falando por mim, tem me ajudado muito, porque eu vejo que muita coisa que eu achava que eu não entendia o porque, eu passei a ter claro na minha cabeça... – “Por que que isso não dava certo e agora está dando certo, né.” Quando a gente fala por exemplo de alunos que a gente tem com uma defasagem de aprendizagem. Eu tenho alunos, por exemplo que vieram para a primeira série já alfabéticos, já lendo, já tendo uma boa leitura, já escrevendo sem muitos erros de ortografia. E por que que você tem aqueles que vem pra primeira série e não sabe nem escrever o nome dele?

_ Boa pergunta, por que você tem aquele que... Na sua opinião, o que acontece?

Helena – Então veja bem: a gente tem dois lados. Você vai ter sempre aquela criança que veio pra primeira série e não fez o ensino infantil, concorda? Nós sempre vamos ter esse tipo de aluno que não fez pré-escola, nada. E vamos ter também o aluno que o ambiente familiar dele não favorece. O que que nós temos hoje? O pai e a mãe sai de casa às sete da manhã e volta às sete da noite. Muitos ficam com a babá. Bom se ficar numa creche, numa escola, no infantil, que ele vai estar realmente usando o tempo dele pra aprender, né? Mas nem sempre você vai ter aquela criança onde o ambiente familiar dele é rico e favorece isso, concorda? Você, nem sempre a gente vai ter. A gente gostaria que realmente a criança tivesse tudo isso em casa, né. Mas nós temos famílias que a gente sabe que mal tem um gibí, uma revistinha velha na casa.

_ E qual seria o ambiente que favorece essa...

Helena – Ah, eu acho que seria aquele ambiente onde o pai está sempre preocupado com a leitura, com a informação, com jornal, com o que está acontecendo no mundo hoje. Ele pode, por exemplo ler um jornal pro filho, ler uma reportagem... – “Olha aconteceu isso, o que você acha?” “Oh, pai, mas o que é que você acha disso?” Por exemplo, nós trabalhamos no semestre passado, o vazamento de óleo no mar. Daí uma criança trouxe o jornal que o pai estava lendo, trouxe pra sala. Então você veja bem o interesse dessa criança. Ele trouxe a reportagem! Quer dizer, ele sabe o que está acontecendo. O pai dele leu pra ele que até o boi que tomava água do rio, morria, porque a água estava contaminada. Então veja bem a informação que essa criança teve, não é? Então eu acho que é mundo, o agora, o momento. No entanto nós vamos ter alunos que tem dentro da casa um computador. Que ele tem muito mais informação, né? E vamos ter aquele que a gente sabe que realmente a situação de vida dele, o social dele é muito, muito pobre. Nós vamos ter pais analfabetos. Nós temos pais analfabetos.

_ Até que ponto essa condição social reflete no trabalho do professor em sala de aula?

Helena – Do professor? Eu acho que ele até pode refletir sim, como ele reflete, como eu falei pra você que a gente vai ter pai analfabeto e nós vamos ter o aluno que chega sem saber nem escrever o nome dele. Mas ao mesmo tempo qual é a minha obrigação como profissional? Se o meu aluno não tem, a minha obrigação é proporcionar, não é? O que que eu tenho que fazer? Bom, nós vamos trabalhar diversos tipos de textos. Nós não vamos trabalhar só Literatura Infantil. Nós vamos trabalhar também o jornal. Eu vou trabalhar uma reportagem. A coisa, porque por mais carente que ele seja, ele tem uma televisão em casa. A maioria, mesmo na zona rural. Lugares mais pobres que você esteja, como lugares que eu já dei aula, por mais pobre que seja, que ele tem uma televisão na casa dele, né. E se eu dentro da sala de aula estiver auxiliando, tiver proporcionando a ele o contato, né? Fazendo a minha parte de alfabetizadora que é, né? Todo o processo de alfabetização sendo trabalhado e proporcionando a ele todo esse contato com a língua escrita, né. Que seja um jornal, que seja uma revista, que seja um gibí, trabalhando com os projetos que a gente conhece hoje, eu acho que a gente vai estar auxiliando, e muito.

_ E você já teve algum caso de aluno em quem você investiu tudo o que podia e ele não aprendeu, e você chegou à conclusão de que “Olha esse aqui realmente não tem jeito...”

Helena – Olha, isso eu acho difícil de acontecer, porque veja bem, eu sou uma pessoa que eu sou muito a favor do ciclo. Por que? Porque eu acho que se a criança não teve o progresso que eu esperava no primeiro ano, eu acho que ela tem a chance no segundo ano de escola dela de ela conseguir ter um progresso grande. Então veja só, nós tivemos casos como essa primeira sala que eu peguei, que eu contei pra você, eu esqueço o nome da escola. Eram alunos que eles passaram um ano comigo. Eu trabalhando todo aquele processo do alfabeto, a parte de alfabetização, eles terminaram o ano, eles não terminaram alfabéticos. No próximo ano, a Carmem foi professora deles. Eram alunos de aprendizagem difícil. Realmente tinha assim uns quatro alunos ali que eram até irmãos. Dois ou três eram irmãos. De aprendizagem difícil mesmo, de você falar – “Puxa vida, eu estou investindo nessa criança e ela não aprende, o que acontece?” e essa criança aprendeu. Sabe ele ter a chance de ter mais dois anos e ele aprender a ler e escrever. Então eu acho que a gente tem que acreditar. Porque veja bem, quando a gente fala da classe de apoio, por exemplo, né? Eu acredito na classe de apoio, eu já falei pra você, mas como? Até onde eu acredito na classe de apoio? Como uma medida de urgência, de emergência. Você concorda comigo? Porque veja bem desde que vocês estão fazendo o trabalho que vocês estão fazendo no infantil, eu acredito e tenho certeza e vocês também, que daqui há alguns anos nós não teremos mais classes de apoio. Porque eu vejo por mim na Vila Buarque, que é um bairro bom, onde as crianças tem um nível bom, social, tá? O primeiro ano que eu dei aula lá, os alunos tinham muita dificuldade de aprendizagem. O ano passado já estava melhor, esse ano foi melhor ainda. Então, veja bem: se nós temos as armas que nós temos hoje, todo o trabalho que é feito, todo o estudo, todos os cursos. Na verdade nós não tínhamos isso há alguns anos atrás, né? E eu sempre questioneei muito isso, porque veja só, se nós temos uma escola particular onde o aluno termina a pré-escola alfabetizado, por que isso não pode acontecer na escola municipal, qual a diferença? Então veja só, essa defasagem está acontecendo por que? Porque nós não tínhamos essas armas que nós temos hoje. Esse trabalho que vocês estão desenvolvendo hoje no infantil, está excelente! Nós temos hoje alunos de pré-escola que já estão alfabéticos no meio do ano. Ele vai terminar o ano muito bem. Então à medida que isso for acontecendo, que o Infantil for trabalhado da maneira como está sendo, daqui há dois anos nós não teremos mais classes de apoio. Eu quero acreditar nisso. Porque veja bem a classe de apoio como medida de emergência eu acho necessária, por que? Porque são alunos que realmente... Uma criança que ficou cinco anos na segunda série e o professor chega pra você e fala: - Olha, esse aluno não teve desenvolvimento nenhum, vamos tentar a classe de apoio. Por que não?

_ Por que uma criança fica cinco anos na segunda série, na sua opinião?

Helena – Eu acho complicado, até complicado de falar da criança, não é? Do profissional, por exemplo, veja bem: a gente não está vendo que no infantil estamos tendo resultados muito bons? Eu to vendo isso na minha escola. Eu vou substituir no infantil de vez em quando, e dá pra ter uma noção na minha escola. Se isso está acontecendo na minha escola, está acontecendo nas outras, concorda? Agora veja bem, por que essa criança ficou cinco anos na segunda série e não teve progresso nenhum? Temos que ver também a parte biológica, tem que passar pela análise de um especialista. Nós temos todos os problemas aí que a gente precisa, são as variáveis, né? E agora eu acho que o trabalho do professor conta muito. Hoje veja bem, você tem uma sala com trinta e cinco alunos e você terminar dezembro com trinta alunos alfabéticos, veja que maravilha! E eu acredito nisso. Se o professor fizer um bom trabalho, se ele tiver a disposição pra fazer os cursos, estar sempre se capacitando, sempre melhorando eu tenho certeza que esse aluno, daqui um tempo nós não teremos mais esse aluno. Porque o que são na verdade esses alunos, quatro, cinco anos? São remanescentes que ficaram. São alunos que ficaram de uma proposta de trabalho diferente, que o que é que esse aluno tinha, cartilha, silabação, família silábica...

_ Por que a cartilha funciona com alguns alunos e com outros não?

Helena – Eu não posso dizer pra você por que é que a cartilha funciona, porque na verdade eu trabalhei com a cartilha, como eu falei pra você, acho que uns dois meses, lá em 89 e nunca mais eu peguei uma cartilha pra trabalhar, e então eu sei lá. Eu não sei dizer pra você, porque realmente nós temos escolas particulares que usam cartilha, que usam família silábica e dá resultado, né... Não sei te dizer. Eu nunca trabalhei. Trabalhei assim como eu te disse quando eu comecei, uns dois meses e acabou, joguei fora e nunca mais usei e passei a trabalhar com a Literatura Infantil que eu acho muito mais rica, a meu ver. É muito mais interessante para a criança, tem um contexto, tem um conteúdo. Eu acho que pra mim foi o ideal. Eu não sei dizer pra você e nem sei como é que eu vou trabalhar “BA, BE, BI, BO, BU” com a criança, eu acho que a Literatura, a parte dos textos e da leitura, eu acho que a criança tem muito mais pra devolver pra você, porque você vai cobrar dela, mas ela tem que ter o que devolver. Agora, eu não acredito na cartilha. Eu acredito sim num bom trabalho de um bom professor. Que ele pode até usar cartilha, sei lá, depende dele, né? Mas se ele faz um trabalho à parte também, porque eu não acredito que só a família silábica vai dar resultado. E não vi assim um trabalho de professor com a cartilha, nunca vi. Sim já peguei de segunda série, por exemplo no sítio quando eu fui lá pra zona rural, era uma segunda série e tinha sido trabalhada com cartilha. Eu tinha vinte e oito alunos, eu tinha vinte e quatro que não sabia ler e escrever. Eu só tinha quatro que sabiam ler e escrever. Então eu acho complicado você julgar o trabalho do professor... Por que os vinte e quatro não aprenderam e os quatro aprenderam, como? O que é que interferiu aí? Será que eles estavam mais abertos para a aprendizagem, será que ele tinha mais capacidade? Não sei te dizer. Mas que a gente tem pego assim... Eu acho que agora não, eu acho que isso já passou, né. Eu acho que a proposta veio auxiliar muito, apesar que ainda exista professores que são muito resistentes ao trabalho. A gente encontra profissionais que... Eles não concordam.

_ Há colegas suas, no seu trabalho, que você tenta ajudar, dar algumas dicas. Você sente alguma resistência, como é?

Helena – Olha, não é nem no meu próprio trabalho. Eu acho que a gente conversa muito, com muitos professores, a gente tem contato com muitos, reuniões, cursos, e a gente encontra assim, determinadas pessoas que ainda falam pra você: “Eu não vou fazer curso nenhum, porque eu não estou interessada. Eu acho que do jeito que eu estou fazendo tá bom, então vou continuar assim.”. Entendeu? Eu acho que é uma resistência da pessoa.

_ Será que é uma resistência, ou é que realmente a pessoa acredita naquilo que ela está fazendo?

Helena – Eu não sei. Mas ao mesmo tempo, eu vejo assim: Tem pessoas que, por exemplo, eu conversei com uma pessoa há dois, três meses atrás. E essa pessoa assim, muito resistente: “Não eu não quero fazer PROFA! Eu não quero... Pra mim tá tudo muito bom”. De repente, você conversa depois no tempo e a pessoa fala assim pra você: “Acho que eu preciso realmente fazer o PROFA, porque eu preciso melhorar”. Sabe, então você veja só. A partir do momento que nós estamos vivendo na “rede”, todo um trabalho diferente, uma proposta de trabalho diferente, onde nós tivemos no ano passado, com o auxílio de vocês, com as apostilas, o trabalho com o infantil, com as professoras, o trabalho com o pessoal do fundamental, todo o planejamento, todo montado dentro do PCN, onde o objetivo é: o melhor para auxiliar o aluno. Não é, o objetivo é esse, então, eu acho que quando o professor começa a ver tudo isso, ele começa a se questionar: Por que eu... Mas eu não fiz assim... Por que será que assim é melhor, por que que elas dizem que tal curso é muito bom. Porque realmente a gente tem isso de bom na rede, um professor passando pro outro, semeando mesmo, que as coisas estão mudando, está melhorando muito. A gente vê o trabalho do professor. Eu estou na rede há muitos anos, cinco anos na rede municipal e há mais tempo no estado. Então a gente vê o trabalho do professor mudando, e graças a Deus, pra melhor.

Eu sinto isso, mesmo na escola que estou trabalhando. A gente sente interesse das meninas, sabe? Interesse delas em fazer o curso, das diretoras em fazerem o curso também, poder participar mais do trabalho em sala de aula, do apoio pedagógico. Então isso eu acho fundamental, mas o professor tem que estar sempre se capacitando o tempo todo, porque se ele não tiver, ele vai ficar para trás. Como diz Shakespeare: a mente está pronta. E tudo vai estar pronto, se a sua mente estiver pronta.

– Você estava falando da cartilha que você usou durante alguns meses, e depois disse que não surtiu efeito. Você foi alfabetizada com cartilha?

Helena – Eu fui alfabetizada com cartilha, e sofri muito. Eu me lembro, eu até contei pra Luísa, e ela deu muita risada, ela deu muita risada estes dias no curso, porque eu me lembro que eu não aprendia de jeito nenhum, eu tinha uma dificu... Foi uma época que eu tive sarampo, na primeira série, e tudo que é doença na primeira série. Então eu estava sempre em defasagem aos outros alunos da sala, porque eu sempre estava faltando, né? E eu não conseguia passar da lição do passarinho. Eu me lembro que isso me marcou para o resto da vida Mariany, eu não consegui sair da lição do passarinho. Eu lembro até hoje. Os dois “ss” ficaram marcados na minha mente porque olha, eu não saía daquele lugar. Todos os alunos já tinham ganho o segundo livro “Caminho Suave”, e eu ainda estava lá no passarinho. E eu não conseguia sair, sabe. Então foi muito sofrido.

– Qual é a sensação de um aluno que não aprende?

Helena – Olha é uma sensação, eu me sinto assim, me lembrando disso, eu sinto uma sensação de incapacidade, porque os outros foram e eu não. Quando você trabalha com o alfabeto móvel com a criança, e você vê que ela está silábica com vogais. Por exemplo, eu tenho um aluno que tem muita dificuldade, é o Giovani. Ele era aluno da Joana no ano passado e foi retido por falta, e ele ficava embaixo da mesa. A Joana contava, você fica boba de ver a história da Joana, ele ficava o tempo inteiro embaixo da mesa. Ele vinha na aula quando ele queria, foi encaminhado pro Conselho Tutelar. Esse ano eu conversei, chegou na aula... Nós vamos ter uma conversa muito séria: Eu quero você trabalhando. Nada debaixo da mesa. Ele não ficou debaixo da mesa nenhum dia. Matemática, ele faz todas as contas possíveis que você pensar que ele já aprendeu, adição, subtração, multiplicação, ele faz tudo Mariany. Precisa ver que graça que ele está. A parte escrita, ele tem muita dificuldade, o primeiro e segundo bimestre ele não conhecia nem o alfabeto, e eu trabalhando com ele, trabalhando com ele. Você é capaz, acredite em você que você é capaz. Se todo mundo é capaz, você também é, com o alfabeto móvel ele está silábico com vogais. Você precisa ver que belezinha, Giovani, pensa, o que que você tem que escrever aí? Hoje eu passei pra ele, naquela folha “A Casa” do Elias José, essa casa de caco quem mora nela é o: macaco. E ele está silábico com vogais. Então veja você, o progresso dessa criança, e é uma criança que faltou muito já esse ano, já foi encaminhado pro Conselho Tutelar, sabe, a situação assim econômica da família assim, zero, uma criança sofrida, eles são muito carentes de tudo, e o Giovani está progredindo, então você veja bem. Eu acredito muito na proposta.

– Mas e aí, você lembra depois da lição do passarinho, como você conseguiu avançar?

Helena – Não me lembro. Eu acho que... Oh, eu não me lembro de mais nada. Eu lembro disso, que me marcou muito. Que a professora falava: “Você não sai dessa lição do passarinho!”. Isso ficou assim, gravado na mente, no espírito. E eu não me lembro de mais nada, eu bloqueei a minha mente, sabe?

– Mas até o final do ano você conseguiu se alfabetizar? Você passou para a segunda?

Helena – Ah, eu acho que passei para a segunda sem estar alfabetizada.

– Mas naquela época passava?

Helena – Não, não passava. Eu repeti a primeira série. Uma que as faltas, né, como eu falei pra você, eu faltava muito. Eu tive caxumba, eu tive sarampo. Eu tive tudo na primeira série. Eu repeti a primeira série, eu fiz de novo a primeira série.

_ Você gostava de ir para a escola, quando fez a primeira série? Porque a primeira série é uma das primeiras experiências da criança e...

Helena – Na verdade, eu gostava sim de ir pra escola, porque eu sou filha única. Então a escola pra mim, é um local onde eu ia ter amigos pra brincar, né? A gente ficava contando com a hora do recreio e, foi sofrido sim, mas depois da segunda série em diante foi mais suave. Minha mãe me ajudava em casa um pouco, acho que deu pra levar. Mas o primeiro ano foi muito sofrido, foi uma experiência assim ingrata.

_ Você não tem nenhuma professora na família?

Helena – Não, nenhuma professora.

_ Como surgiu a idéia de ser professora?

Helena – Eu tinha uma amiga que era professora já há vários anos e quando eu terminei, quando eu fiz o primeiro colegial, ela me falou: “Por que você não faz o magistério, pra você dar aula?”. Eu falei: Mas será que eu vou gostar? Porque... Tá bom, eu não sabia bem o que fazer né?

_ E nisso você tinha quantos anos?

Helena – Eu tinha uns dezoito anos. Eu falei: Acho que vou tentar. Se não der certo, eu largo e começo outra coisa. E eu gostei, eu costumo dizer sempre que eu fui iluminada por Deus, porque eu faço o que faço com muito amor, porque eu gosto do que eu faço. E eu acho que o professor precisa ter isso no coração. A nossa profissão é desgastante.

_ Você acha então, que pra você, a profissão de professora é uma coisa resolvida, que nunca tinha pensado em outra coisa.

Helena – Não tenho dúvida nenhuma, não tenho a menor dúvida quanto a isso, não tenho.

_ Se você tivesse que começar você começaria tudo de novo...

Helena – Eu começaria tudo de novo, sem pensar, sem titubear. Eu gosto do que eu faço, eu acho que tudo que você faz com amor, né? Às vezes a gente encontra pessoas pela vida muito infelizes e elas ganham rios de dinheiro. E eu tenho isso na minha cabeça. Ela ganha rios de dinheiro mas ela é infeliz. “Ai eu odeio o que eu faço, eu vou pro meu serviço, ai, mas eu podia não ir...” Eu não penso assim. Eu penso, graças a Deus que eu estou indo para minha escola para os meus alunos. E eu gosto do que eu faço, eu gosto de sentar, eu gosto de preparar minha aula, eu gosto de fazer um curso de capacitação, eu gosto de uma leitura, eu gosto de ler, sabe? Pra melhorar mesmo, não só como profissional, acho que como ser humano. Eu acho que a partir do momento que você escolhe o que você quer fazer, você tem obrigações. Se o seu salário não é aquilo que você queria, os seus alunos não têm culpa disso. Você não tem que descontar isso nos seus alunos. Não é verdade? É que eu já ouvi muito “Eu faço isso e acabou. E pronto, eu não ganho mais do que isso...” Eu não concordo com isso, eu já cheguei a comprar brigas homéricas e quase apanhar por causa disso, entendeu? Eu acho que a partir do momento que eu entrei dentro da minha sala de aula eu tenho que deixar minha vida particular e o resto tudo de fora. Não é com os meus alunos que eu vou discutir essa questão. E como profissional eu devo muito a eles. Se eles estão ali, se eles não estivessem eu também não estaria. Eu preciso do meu emprego é lógico, eu não tenho a menor dúvida disso. Eles precisam de mim como professora, né? Mas e o profissional onde é que fica? O professor. O orientador que está ali para participar, para compartilhar com os alunos, o saber, o aprender. Eu acho que não tem coisa melhor no mundo do que você ver um Giovanni da vida conseguindo aprender. Puxa vida! Essa criança está aprendendo. Então, isso é uma vitória profissional e como ser humano. Porque a gente não é só profissional o tempo inteiro, você é gente, você tem coração, você tem sentimento, você tem

carisma pelas crianças, você tem carinho por elas, você sabe que elas também têm por você. Então é uma responsabilidade muito grande, né? E eu acho que isso, a gente vê na Telma Weiz. A gente viu que ela deixou isso muito claro. Quando você vê o trabalho que ela faz e que... É um trabalho feito dentro de uma escola onde tudo é gravado para passar para gente, e onde ela mostra pra você o resultado das coisas que aconteceram. E por que aconteceram? Porque o profissional estava ali disposto a aprender, a melhorar. Então acho que é isso que a gente pede pros nossos alunos, estar disposto a aprender, a melhorar, sempre. Eu acho que aquela coisa de que “Ah, eu sei muito, viu? Ah, eu sou ótima, eu sei tudo.” Eu acho que isso não existe. Eu acho que a gente está aqui para aprender sempre. Porque sempre nós vamos ter coisas novas. Nós passamos por Emília Ferreiro, a psicogênese da língua escrita, nós estamos vendo Telma Weiz, nós estamos vendo o PROFA, não é? Toda uma proposta nova de trabalho, e daqui há dez anos? Nós vamos pegar e... largar mão de tudo? Só isso foi suficiente. Eu acho que não. Eu acho que o profissional tem que estar... O médico não pode parar de estudar nunca, o professor menos ainda, porque o médico tem um paciente, muitas vezes, né? O professor não. O professor tem gerações e gerações de alunos e tem aquele papel para cumprir junto deles e isso não é à toa e não é por acaso.

_ Depois do PROFA você acha que vem mais coisa ou o PROFA chegou no ponto que era pra chegar, o que você acha?

Helena – Olha, sem dúvida nenhuma o PROFA é espetacular. Não tem o que questionar. Eu como professora falando, né? Eu acho que só veio me acrescentar e me trazer muitos esclarecimentos a respeito de muitas dúvidas que eu tinha. Apesar de ainda ter algumas coisas, como eu disse pra você. Eu acho que não vai pegar nossa experiência e jogar pela janela, fechar e começar do zero. Eu acho que não. A gente vai se aperfeiçoando e melhorando, sempre procurando direcionar o trabalho sempre da melhor forma possível, com as orientações do PROFA, que são excelentes. Mas eu acredito na evolução. A coisa está assim tão rápida, as coisas estão evoluindo tão rápido, como diz a Carmem... Pode ser que daqui há alguns anos nós tenhamos que melhorar isso, determinadas coisas. Porque os estudos estão aí, nós temos grandes especialistas estudando, né? Como a gente estava discutindo outro dia com a Rita, a questão de comportamento, a questão de idéias de aprendizagem, mesmo a questão da demora do aprender. Por que que um aluno aprende tudo de Matemática e quando chega na hora da escrita ele tem muita dificuldade? Por que que ele aprende tudo na escrita e chega uma hora que ele tem muita dificuldade na parte da Matemática. O raciocínio lógico matemático... Então Mariany eu acredito na evolução. Eu acredito sempre. Tanto a gente vê que nós temos grandes profissionais trabalhando na área da educação. Nós temos Telma Weiz, nós temos Isami Thiba, nós temos Jussara Hoffmam, quando ela coloca a parte de avaliação que é maravilhosa. Então eu acho que eles não estão parados ali.

_ Deixa eu te perguntar, você tem dezessete anos de docência...

Helena – Eu comecei em 86.

_ A maioria do tempo você trabalhou com séries iniciais, 1ª e 2ª...

Helena – A maioria, a maioria do tempo.

_ Você tem experiência com 3ª e 4ª?

Helena – Não. Eu trabalhei assim, eu trabalhei em 86, 87, 88 até o segundo semestre de 89 eu trabalhei com o infantil. Mas eram crianças bem pititicas, né? Dois, três anos, na Comunidade Vitória.

_ Certo.

Helena – Final de 89 eu sai da creche e comecei a trabalhar no estado e assim eu fui fazendo a minha carreira. Os pontos para se conseguir uma atribuição, pegar aula... E eu fui pra zona rural. E sempre fui e sempre peguei 1ª e 2ª série. E por isso que eu gosto da alfabetização. Porque eu

sempre trabalhei com os pequenos, né? Com a parte de você chegar na zona rural, você pegar a crianças, aquela criança mais carente, que bate tijolo, que tem a mãozinha dura, para você ensinar como se pega no lápis, todo esse trabalho.

_ E tem diferença de 1ª e 2ª?

Helena – Como assim?

_ O que você acha melhor trabalhar, 1ª ou 2ª?

Helena – Faz muito tempo que eu não trabalho com 2ª, e eu estou há três anos na Vila Buarque e esses três anos eu estou com a 1ª série. O ano que eu fiquei na zona rural e também pela rede municipal eu fiquei dois anos com 1ª série, então, eu gosto, eu acho que é da gente já, né? Eu gosto muito da 1ª série, mas estou pensando em mudar, porque chega uma hora que você fala –“Nossa! Acho que eu vou mudar um pouquinho e ver o que acontece. Como é que eu direciono o meu trabalho para esse outro lado”.

_ Ah, tá...

Helena – Daí eu não sei, chega na hora e eu não mudo nada, aquela coisa, eu gosto de trabalhar com a parte de alfabetização. É uma coisa que me atrai muito. Eu acho que a 1ª série você tem um retorno grande. Você tem um retorno grande e imediato. Muita gente vai falar assim “- Não, eu não concordo com você. Você não tem retorno imediato nenhum”. Tem. Você tem um retorno imediato. Você trabalhou dois meses com a criança, três meses a parte de por exemplo: escrita. Você vê ele progredindo dia a dia na sua frente. É muito gostoso. Então, esse retorno que me encanta, sabe? É isso que me atrai muito.

_ E com 2ª a experiência é semelhante, ou as crianças são diferentes, estão em níveis diferentes... Como é que é?

Helena – Eu acho que em uma 2ª série, por exemplo: quando eu trabalhei no sítio em 98, não, 98 eu estava no Sílvia de Almeida. É na 3ª série Mariany, mas eles não eram alfabetizados. Tinha assim, por exemplo, vinte e oito alunos, tinha dois ou três que liam e escreviam, então eu fiquei com essa sala para alfabetizar, foi um opção. Trabalhava com um conteúdo mais direcionado para a parte de alfabetização, entendeu? E eu acho que não tem tanta, assim, a diferença do trabalho é como eu acho que você vai tá podendo por exemplo: até agora a 1ª série, o 1º semestre inteiro, eu foquei muito o meu trabalho direcionando para a escrita, realmente pegando firme com eles, pra que se tornassem alfabéticos. Porque por exemplo, hoje eu tenho vinte alunos que estão, digamos que quinze alunos escrevendo muito bem, tenho cinco que são alfabéticos e tenho mais dez alunos que estão caminhando, então, no 2º semestre a coisa já se torna mais, dá pra se trabalhar mais. Então, acho que na 2ª série você vá ter alunos que estão muito bem, não é? Alfabetizados mesmo, já lendo e escrevendo bem, sem erros de ortografia, muito bem. E você vai ter o aluno sim que terminou a primeira série e não está alfabetizado, você vai ter.

_ Daí é mais difícil trabalhar com a 2ª do que com a 1ª...

Helena – Eu acho, eu não vejo como difícil, Mariany, porque veja bem, como eu trabalhei no sítio com duas turmas...

_ Ah, tá! Então você já tem essa experiência.

Helena – Né? Então eu tenho essa experiência de trabalhar com 1ª e 2ª, por exemplo: se eu pegar o ano que vem uma 2ª série e se eu tiver cinco, dez alunos que não estejam alfabéticos eu vou direcionar para trabalhar com eles, não é? Eu não posso deixar eles a Deus dar, eu tenho que trabalhar. Então eu acho que isso fica difícil um pouco pro professor que não trabalhou com classe multi-seriada. E ao mesmo tempo pode ser que não seja difícil nada. Se ele desenvolver um trabalho com aqueles alunos ele pode trabalhar legal. Eu vejo isso na minha escola com a Rosana e com a Cristiane, né? Por exemplo: a Cristiane teve alunos que não estavam alfabéticos e agora estão escrevendo. Estão uma belezinha. Então veja bem, trabalhou com aqueles alunos. A

2ª série, é lógico, se você pegar uma 2ª série que você tem trinta alunos, quinze estão alfabetizados e quinze não estão, o que que você deve fazer? Ai meu Deus, vou enlouquecer? A gente realmente fica, a dificuldade é grande, porque você vai ter que se desdobrar, você vai ter que preparar a matéria, material para trabalhar com aquela turma que não está alfabetizada e material para trabalhar com aquela turma que está alfabetizada. Concorde? Quando você tem três, quatro alunos o número é menor, eu acho que o trabalho rende mais. Agora, se você tem um número grande você vai ter que fazer um trabalho de uma sala multi-seriada. Não é isso que os professores fazem na zona rural?

_ É...

Helena – É o trabalho que o professor faz na zona rural. Então veja só, eu acho que dá pra você trabalhar. É difícil? Eu não vou dizer pra você que é fácil não.

_ Que tipo de trabalho você faz quando você tem cinco crianças que ainda estão com muita dificuldade... Como é o trabalho que você faz com eles?

Helena – Ah, veja bem, dentro da nossa proposta do PROFA, eu estou trabalhando leitura de textos, revisão de texto, tudo coletivo. Porque ao mesmo tempo que eu tenho que atender esse, eu tenho que atender os outros, concorda? Então eu faço um trabalho individual com eles. Enquanto os outros estão desenvolvendo a tarefa que eu propus, eu estou questionando este daqui, junto deles, questionando. Eu tenho o Anderson que ele teve longas férias, voltou para a escola hoje. Até briguei com ele, né, falei: “_Como você fica de férias uma semana a mais que os outros, que direito é esse? (risos) “_ Ah prô, eu tava no sítio.” Daí ele foi escrever CABRITA. Ele colocou o CA, o I e o TA = CABRITA. Então veja bem, ele está melhor do que eu pensei, porque ele estava silábico só com consoantes. Ele não estava usando consoante e vogal quando terminamos o semestre passado. Então veja só: alguma coisa aconteceu e ele progrediu. E eu ali questionando “_Anderson... CABRITA. Daí ele: “_O TA... Ah, é o T e o A, quer dizer, você questionando. O professor tem que estar questionando o tempo todo. Principalmente os que tem mais dificuldade. Tanto a parte de escrita como a parte de Matemática.

_ Fala um pouquinho mais da sua experiência com a zona rural.

Helena – Aaii... Maravilhosa, apaixonante. Porque a zona rural além de você ter, tem o verde, você tem a paisagem que é maravilhosa, você tem olaria que você pode ir, né? Dentro do seu conteúdo você pode trabalhar um monte de coisa legal. Você pode ver o ninho do passarinho que botou os ovos, que vai picar o filhote, você vê os filhotes crescendo, eu tive essa chance lá no Agudo, né. Então foi uma coisa assim, a zona rural foi maravilhosa na minha vida. Sempre foi. É aquilo que eu falei pra você, a gente sente que as crianças precisam realmente da gente. A gente precisa delas, sem dúvida, mas elas precisam muito mais da gente. Em questão de carinho, de atenção, de tudo. Porque o trabalho vai se desenvolver, que acho que mais lento. Pra mim foi, porque eu sempre estive em lugares assim, carentes mesmo né, onde as crianças eram assim muito carentes, de chegar sábado e domingo muitos não terem comida na casa, ficar desesperado esperando a merenda na segunda feira. Às vezes eu achava assim: “_Nossa! Mas essas crianças não vão aprender! Não sabem fazer nem o nome até agora com sete anos. E a gente terminava dezembro com eles lendo e escrevendo. Então é uma coisa assim que eu trago uma lembrança no coração maravilhosa. Então isso pra mim foi fundamental! Aquela coisa assim, a gente chega bate o olho no aluno e já taxa o aluno: “_Ah, não, mas esse aqui não vai aprender, esse não vai ter jeito mesmo. Ele já tem uma carinha de quem não entende nada, de quem tem muita dificuldade, e na verdade você se surpreende muito, porque você consegue muita coisa com as crianças. Você termina o ano com a maioria delas alfabetizada. E olha que eu trabalhei na zona rural bem uns dez anos da minha vida.

_ Os alunos da rural são diferentes da urbana?

Helena – Eu vejo assim: Os alunos da rural, eles são mais acomodados, eles são mais concentrados, sabe? Eles prestam mais atenção nas coisas. Enquanto que os da cidade, a gente percebe que eles são mais hiperativos, sabe? Você precisa chamar a atenção o tempo todo, você precisa trabalhar muito com a indisciplina, muito a interação entre eles, né. Você chega no começo do ano e pega uma sala e de repente você vê que eles são assim, agitados e além disso um está sempre querendo bater no outro. Qualquer coisinha é motivo pra briga. Então você tem que fazer todo um trabalho durante o ano, no dia a dia, o tempo todo. Se você quer realmente ter um pouco de proveito, um pouco de sucesso, você realmente tem que estar cobrando deles o tempo todo. Ao mesmo tempo a gente sente assim... “- Mas puxa vida, por que será essa diferença da zona rural com a zona urbana?” Daí eu vejo a paz mesmo da zona rural, o fato de eles terem mais liberdade, ah, vai andar à cavalo a hora que quer. Geralmente eles têm mais liberdade. Já os nossos alunos são criados dentro de casa. A maioria deles. Eu acho que os pais não soltam assim na rua em qualquer lugar. Então esse fato de eles estarem mais presos, eu acho que prejudica muito. Colabora para que eles sejam mais hiperativos e tenham mais energia pra gastar.

_ Me fala um pouco da experiência desse ano. Você estava me falando que estava tendo alguns problemas de indisciplina...

Helena – Bom não seria bem acho que disciplina. No caso de eles terem assim, bater um no outro, eu consegui que eles tivessem maior consciência de que não é batendo que a gente resolve os problemas, né. Eu consegui isso de bom.

_ Como você conseguiu isso?

Helena – Muita conversa. Como eu falei pra você, o primeiro semestre, nós tivemos assim o primeiro semestre de conversa, muita bronca também, porque a gente não deixa de dar, né. Eu também sou agitada e isso pode ser também que deixe eles agitados. E muita conversa, cobrando deles mesmo. “_ Olha você bateu, você perdeu. Você não tem direito. A partir do momento que você bate. Você fez seu amigo sofrer, então nós vamos ter que lhe tirar alguma coisa”. É a punição mesmo. E a disciplina é complicada, porque veja bem: Eles são hiperativos o tempo todo da hora que chegam até a hora de ir embora. Então é uma coisa realmente cansativa, porque você faz um trabalho de conversa, você explica, você pára a aula, você pede licença pra gente não estar extrapolando, né. Se bem que muitas vezes tem o aluno que não está nem aí com nada, ele não quer nem saber de nada, ele não está nem aí com você.

_ O que faz um aluno não querer saber de nada?

Helena – Eu vejo assim, eu acho que o interesse, quando você consegue fisgar o interesse dele você conseguiu atenção, você conseguiu tudo. Então aquilo que eu tava falando, a gente tenta de tudo no trabalho, música, jogos, educação física com jogos também, quem quer jogar vai jogar, vamos montar os jogos pedagógicos, vamos trabalhar também um pouco de música que eles amam música, estar fazendo eles gastar a energia que eles têm, pra ver se a gente consegue dentro da sala, ter um rendimento melhor.

_ Nós estávamos falando das leituras, dos cursos, das experiências dos colegas... Dentre esses fatores, qual deles você acredita que contribui mais para a sua formação?

Helena – Eu acho a meu ver, como eu disse pra você que eu tive muita sorte de ter grandes profissionais do meu lado. Não é todo mundo que tem a sorte de ter uma Carmem do lado, e nem uma Rita Deó, você concorda comigo? São profissionais assim excelentes, um trabalho maravilhoso, indiscutível. Eu acho que isso foi o que mais me auxiliou. Quando eu fui trabalhar com a Rita no Silvio de Almeida... Nós tínhamos uma equipe muito unida. Então a gente montava um projeto pra trabalhar: “_ Olha vamos pesquisar, o que que a gente vai trabalhar, o que é que vai ficar legal, o que vamos trabalhar em Matemática, História, Geografia...” Então

essa interação profissional, essa troca. A Rita trazendo os conhecimentos dela: “_ Olha eu aprendi isso, eu li num livro isso e isso”, e a troca com os outros professores também... A gente tinha a Joelma que era professora de Matemática. Ela trazia a parte dela de Matemática, a Rita trazia a parte dela, a parte teórica da alfabetização e eu juntando com a minha parte que eu já estava trabalhando também. Então eu acho que o que mais contribuiu pra minha formação profissional foi a troca de experiências. Sem dúvida, foi realmente o auxílio, sabe, de um professor estar mesmo orientando ali. Mas não assim aquela coisa corrida que é dentro da escola. Vamos sentar pra discutir isso, por exemplo quantas vezes eu pedi socorro pra Carmem? Quantas vezes ela falou assim: “- Lena venha na minha casa à tarde, tal hora que nós vamos discutir esse assunto”, entendeu. Então a gente sentava eu passava pra ela as minhas dúvidas... “A minha ansiedade é essa, a minha dúvida é essa, esse aluno não aprende, por que que ele não aprende? O que você acha que eu posso fazer pra auxiliar essa criança?” Então, o maior auxílio que eu tive, Mariany, foi a troca de experiência com os grandes profissionais que eu sempre tive do meu lado. Nós tínhamos antigamente um grupo que estudava aos sábados... A gente pensa assim: “_ Olha a loucura que a gente fazia!” mas era uma coisa tão boa, porque a gente marcava assim, buscava a Luísa, a Carmem, tinha um pessoal que trabalhava na escola do São Lourenço. Então a gente se reunia aos sábados pra discutir teoria junto com a prática pedagógica. A gente fazia os grupos de estudo e a gente levava as dúvidas da gente. Porque elas já tinham a teoria, elas já tinham feito vários cursos. Então elas estavam na verdade nos auxiliando. A gente se juntava, tomava café, um bate-papo, e a gente trabalhava. E essa troca foi muito rica e foi muito importante na minha formação. Uma das melhores coisas da nossa vida, assim da época foram os grupos de estudo. A troca profissional assim, é dez. Por isso que eu digo que a gente precisa ter um tempo na escola pra sentar realmente pra estar um professor auxiliando o outro, porque isso é muito rico. É aquilo que eu disse pra você: a gente nunca sabe tudo. Você pode ter dificuldade em alguma coisa, mas tem outro que não tem, ele pode te auxiliar nisso. Eu acho que essa troca, esse entrosamento dentro da escola, os HTPs, eu acho que tudo isso é muito rico. Nós temos na escola uma experiência muito boa, porque nós temos um grupo muito coerente, sabe, é um grupo assim que todo mundo se auxilia: “_ Olha fulana eu não estou entendendo isso, você me dá uma ajuda? Como é que eu faço isso? Olha eu preciso fazer um relatório, você não quer me dar uma ajuda?” Mas isso eu acho que é a riqueza do nosso trabalho, eu acho que está aí, porque a gente está se auxiliando o tempo todo e a gente sabe que se a gente bater na porta de alguém, ele vai te auxiliar, ou então ele vai ter a liberdade de falar: “_ Olha eu não sei, mas a fulana sabe, ela pode te ajudar.” Então isso, esse entrosamento do profissional dentro da escola, sabe, os profissionais trabalhando junto, porque na verdade a gente tem um ideal. Qual é o nosso ideal dentro da escola? É os nossos alunos. Que os nossos alunos tenham sucesso na aprendizagem deles. Não importa se a minha sala é primeira, a dela é segunda, a dela é quarta, o nosso objetivo é o mesmo. Nós às vezes não temos aquele aluno que não aprende com a gente, mas se um outro ensinar ele aprende... Eu acho que isso a gente não pode perder nunca, mas para que isso aconteça a gente tem que ter um ambiente legal. É o que nós temos lá na Vila Buarque. Nós temos um ambiente de trabalho lá que, olha, eu espero não sair de lá nunca mais, porque é muito bom. Porque a gente tem uma coisa, a parte humana é muito boa. A gente trabalha tranquilo, a gente trabalha leve, sabe? Mesmo você tendo professores que sejam mais resistentes, que sejam mais antigos, que têm uma outra visão, você consegue um pouquinho puxar ele pra você. E como você consegue? Por que? Porque a parte humana é muito boa. O entrosamento, a amizade, o carinho entre a gente, sabe? É uma coisa assim que no meu ambiente de trabalho eu tenho prazer em ir para aquela escola trabalhar. Eu sinto prazer em levantar às seis da manhã, tomar meu banho e ir pra minha escola. Eu me sinto muito bem. E já me senti muito mal em trabalhar em determinada escola e

falar assim: “_ Meu Deus, me ajude para que este ano passe rápido pra eu poder sair de lá”. Então a gente esbarra na questão do ser humano mesmo, porque ninguém é igual a ninguém. Cada um é um. Uma pessoa é mais difícil que a outra, tem as reservas dela, tem o jeito dela, a gente tem que respeitar, é lógico, mas na verdade, você conseguir fazer um trabalho legal na escola com os professores, onde todo mundo te respeita, gosta de você, olha não existe coisa melhor no mundo e eu estou muito feliz com a minha escola e tenho certeza que o pessoal de lá também, porque é um ambiente bom. A gente vai fazer HTPC, é uma delícia, a gente senta, a gente conversa, a gente fala bobagem, porque você tem que falar, você não tem que ser professor vinte e quatro horas por dia...

Entrevista com a Professora Carmem – 17/10/2003 – Bragança Paulista / SP

_ E então você ia começar a contar sobre a sua formação...

Carmem – Bom, eu fiz quatro anos de magistério. Foi um período que se tentou modificar a lei, e a minha turma, nós saímos da 8ª., e tivemos que optar pelo magistério, né? Inclusive a turma junto com a Luísa. Nós fomos uma turma assim, diferente, né?

_ E era uma alternativa que você realmente escolheu ou como todo mundo ia fazer mesmo...

Carmem – Não, não. Era assim, porque quando a gente saía da 8ª. série, a gente ainda iria fazer o 1º colegial e a partir do 1º colegial que você faria a opção, né? Se você queria continuar no colegial ou se queria ir para o normal. E aquele ano eles iniciaram, assim, e colocaram essa lei para gente, e a gente saindo da 8ª. série, chegando para fazer o 1º. colegial, jogaram essa idéia, que quem quisesse fazer o magistério, seria então, já a escolha naquele momento. Naquele momento eu não estava pronta para isso. Na verdade eu nunca levei muito essa idéia assim, eu estar me formando como professora. Eu gostava muito de ler, então eu achava que eu queria ser bibliotecária. Mas, quando eles chegaram naquele momento e falaram isso, a gente tinha uma política, uma filosofia assim, que se você já tivesse uma profissão era melhor. E eles puseram a gente contra a parede e eu escolhi ir para o 1º. normal, ou 1º. magistério. Então foi uma turma de quatro anos, houve a especialização em pré, a primeira turma que eu fiz especialização no estado, então nós tivemos um tempo bastante para refletir um monte de coisa. Só que se eu pensasse no meu magistério, eu não me lembro de ter levado muita coisa quando eu comecei a trabalhar realmente. É, porque, quando, no 4º. magistério eu fiz um curso aqui na APAE em Bragança de especialização para trabalhar com crianças especiais. Hoje a gente diz especiais, e quando eu saí do magistério, logo em seguida eu fui chamada pela diretora da APAE, a Maria Teresa Egler, para trabalhar na parte de alfabetização, porque a APAE naquela época, ela dividia assim, o trabalho pedagógico em monitorias, né? Então, por exemplo, tinha alfabetização, pensamento lógico, linguagem oral, orientação temporal e inclusive a APAE de Bragança era considerada modelo no Brasil, porque a Egler tinha feito um estágio na França, então tinha todo um trabalho muito fundamentado e dentro do Behaviorismo. Então ela me convidou para trabalhar com alfabetização e eu fui e a gente trabalhava utilizando a “casinha feliz”, que era aquela por fonemas, né? “pan – pan – pan”, onde a gente fazia todo um trabalho assim, e a criança tinha que: “pan – pan – pan – pá”.

_ Então era uma cartilha essa “Casinha Feliz”...

Carmem – Não, não é. A gente não utilizava cartilha. O colégio das freiras tinha uma seqüência assim, mas a gente utilizava só a parte, assim, as histórias, né? Que tinha a história, que tinha uma família, e a gente fazia um trabalho mais sistemático em cima realmente da junção das letras, a gente utilizava um alfabeto móvel, mas na verdade tudo baseado em treino, né?

_ Só com crianças especiais?

Carmem – Só com crianças especiais. E nesse momento, então era baseado realmente na repetição, na memória, no treino, e isso foi em 79 ou 80? Foi 79. Eu me formei em 78, então em 79 eu já estava trabalhando. E aí eu fiquei, então, dentro da área da alfabetização. Nessa monitoria, um bom tempo e os meus alunos eram os melhores da APAE, aqueles que tinham mais condição. Mas a Egler era sempre uma pessoa muito estudiosa e ela já, a gente já percebia que o que a gente fazia não estava muito certo, porque era baseado, realmente, num treinamento, né? E a gente via que as crianças, quando as crianças, digamos assim, tinham condição de sair da escola, para ir para uma 1ª. série, e a gente tinha uma idade que tinha que soltar, parece que era até treze anos, porque se não eles não podiam entrar no ensino regular, essas crianças não estavam realmente preparadas, né? Elas tinham aprendido a fazer, por exemplo: pia, ipê, pua...

Eram umas coisas assim, logo em seguida vinha o “r”, aí ficava ripa, rei, e a Egler, logo em seguida ela começou a ir para a Unicamp também, fazer cursos, né? Mas dentro da alfabetização, a gente não tinha nada novo. Não tinha idéias para nada, e eu me lembro que nós começamos a estudar um pouco o Freire pra ver se a gente modificava algumas coisas, isso já em 81, 82. Então nós já passamos a não utilizar tanto esse treino com as crianças, mas ver mais, realmente a parte que eles contavam o que eles faziam no fim de semana, ou algum passeio, ou eles contavam algumas coisas, assim, escreviam, fazendo uma espécie de um jornal. E, seria, digamos assim, mais uma questão envolvendo mais um, eu nem posso dizer que é um letramento, mas vai se usando um texto, só que a gente não tinha muito claro como trabalhar realmente a alfabetização em si, o se tornar alfabético, digamos assim. E nós fizemos um curso uma vez com uma moça do Rio de Janeiro, mas a gente nessa época realmente não tinha nada claro, a gente procurava caminhos, a gente via que o treinamento não era muito correto porque a Egler começou a trazer pra gente as idéias do construtivismo e só que, a formulação dentro da alfabetização demorou um pouco mais. Então nós fizemos o Proepre, uma formação básica minha dentro da APAE foi o Proepre, que inclusive a Egler aplicou tudo isso dentro da, com as crianças especiais, fez todo o trabalho dela de mestrado na época com isso. E exatamente isso, fez com que a estrutura da APAE mudasse completamente. E eu, como uma pessoa que acreditava no Behaviorismo, que utilizava, digamos assim, fichinhas pra dar reforço pras crianças, que tinha um barzinho onde as crianças trocavam as fichas que elas conseguiam durante o dia, chegava no final do dia eles iam trocar e eu era responsável pelo barzinho. Então o barzinho tinha que ficar lindo para as crianças trocarem os prêmios e a gente então, que tinha toda essa base, que tinha todo um trabalho multidisciplinar, inclusive com muita reflexão, sabe? Era uma coisa muito bem feita pelas profissionais que estavam ali. A Egler trouxe pra gente as idéias do construtivismo e nós fizemos o curso... Então foi tirando o nosso chão, porque o que a gente acreditava foi sendo tirado mesmo. Então a alfabetização que também o Proepre não dava resposta mas a gente via que a alfabetização não estava certa. Aí a estrutura da APAE se modificou completamente, né? E eu saí de uma área de alfabetização em si e fui pra uma classe que era uma classe assim, digamos assim, onde a gente misturava todas as crianças e a professora se tornava responsável por todo esse desenvolvimento, a gente tinha uma rotina dentro do Proepre mesmo, de cantinho, de atividades coletivas que você já conhece. Nessa época, então eu fui pra uma sala dessa também, trabalhei um tempo na APAE...

_ Quantos anos você ficou na APAE?

Carmem – Olha, faz seis pra sete anos. Eu saí da APAE foi em 87. Saí por que? Eu em 86 passei, fiquei muito mal de saúde, eu tirei licença e a APAE ela própria foi se reestruturando com essa nova proposta, né? E digamos ali, que chegou o momento então que eu mesmo vi que eu sobrei naquele grupo, naquela equipe. Por que? Como eu saí em 86, eu fiquei de licença mais de seis meses eles foram se ajustando, entende? E aí então quando começou em 87 não tinha uma sala para mim, porque já estava com as pessoas corretas, já estavam trabalhando, mas isso, não, de forma alguma assim, me chateava, entende? Porque a minha ligação com eles era muito boa. Eu sempre gostei muito de trabalhar lá, gostei muito da idéia, gostava, né? Admiro até hoje, então o fato de sair de lá não me deprimiu, não achei que fosse ruim, e logo em seguida eu entrei pro, e concomitante à APAE, uns dois anos aí, 84 e 85 eu trabalhei com pré escola em Atibaia, quando Atibaia fez os concursos e o pessoal de Bragança passava direto, eu fiquei acho que um ano e meio, dois anos em Atibaia, com o prezinho.

_ E como foi essa experiência no pré?

Carmem – Com o pré, na verdade, naquela época a gente já estava com algumas idéias do Proepre mas a gente não podia estar aplicando lá, né? Então é uma aprendizagem nova, a gente

tentava, mas dentro da alfabetização mesmo a gente não mexia, porque naquela época, por exemplo, a pré escola não tinha que alfabetizar. E eu fiquei, acho que realmente, com uma sala um ano né? Então foi uma nova aprendizagem, porque na verdade as meninas tinham todas as seqüências delas, tinha o modo delas trabalhar, e a gente foi, na verdade, toda vez que eu cheguei num lugar novo assim, eu nunca cheguei impondo, entende? Como eu fui pra uma escola já, um pré, Atibaia, então eu fui me adaptando e entendendo o que acontecia ali. E dentro da alfabetização, e mesmo dentro do Proepre, que era uma proposta diferenciada, tudo, e que a gente estava começando a aprender nessa época. As coisas eram muito novas, mas a gente já tinha então algum entendimento com relação, à construção das estruturas da inteligência, aplicava algumas atividades, mas na área da alfabetização. Mas foi uma época boa porque eu tive contato com crianças que eu não tinha tido antes. Crianças menores, crianças com outras características, mas eu continuei na APAE, e teve uma época que eu aí, eu saí de Atibaia e voltei a dobrar período na APAE novamente, então eu sempre na APAE. Aí em 87 eu saí da APAE mesmo e fui, logo em seguida eu entrei pro estado, né? E o estado, quando a gente pegava aula, a gente pegava muito longe. E eu fui pegar lá em Nazaré Paulista. E de Nazaré eu consegui uma escolinha mais perto daqui de Bragança, uma Fazenda, a Fazenda Sta. Esmeralda, mas olha, ali era uma judiação, porque em alfabetização a gente não entendia. Eu me lembro até hoje os meus aluninhos que tinham o segundo ano, eu tinha criança que não sabia ler e escrever. Isso já era em 87. E justamente quando eu entrei pra lá, pro estado e peguei essa classe no meio do ano, uma classe do 2º. ano que a gente não entendia o que estava acontecendo...

_ Como assim, não entendiam o que estava acontecendo?

Carmem – Não entendia porque a criança, por exemplo, não aprendia a ler e a escrever de jeito nenhum no 2º. ano. E eu queria o que? A gente achava, qual o modo de ensinar? Silabação. E com isso eles não aprendiam, mas nesse momento começou a chegar alguns materiais diferentes pra gente, né? Porque só aí chegou Emília Ferreiro, porque a Emília Ferreiro, ela editou, o livro foi editado no Brasil em 86. E aí, em 87 nós começamos a ter acesso a esse material diferente, algumas propostas, inclusive a primeira proposta vinha do Rio Grande do Sul, do grupo do GENPA, pra gente era uma coisa tudo louca, nova. Mas como a gente já tinha uma base do construtivismo, da APAE, né? Que a gente já acreditava que as coisas podiam acontecer diferentes, foi mais fácil a gente tá elaborando tudo aquilo.

_ Quando você pegou essa classe na... Zona rural?

Carmem – Zona rural.

_ Na verdade era sua primeira experiência com alfabetização no ensino regular, e você foi usar a silabação, que era o que se conhecia naquela época, é isso?

Carmem – É porque mesmo na APAE a gente não tinha redefinido a alfabetização. A gente já sabia, por exemplo, que a gente tinha que utilizar alguns textos, fazer algumas coisas assim, da vivência da criança, ainda, a gente usava algumas questões assim, digamos que tivesse mais contexto, mas sempre ligada a APAE, ligada à silabação. Eu até fiz um curso na Unicamp, eu acho que era com a Gilda Riso, eu até tenho o meu caderninho. Então ela tinha umas propostas, mas que na verdade não saía da silabação, e eu fui com essa experiência pro ensino regular, estadual, peguei essa classe...

_ E como foi essa experiência?

Carmem – Olha, logo naquele momento começou a chegar essas informações diferentes pra gente, mas eu não conseguia, eu me lembro muito pouco, mas eu me lembro que tem uma criança que eu ainda repeti de ano porque ele não aprendia, e essa criança me marcou, porque eu não entendia exatamente o que acontecia com ele, ele não aprendia, e hoje eu sei, ele era uma criança silábica, que precisava ser questionado diferente.

_ Certo, mas só ele que não foi, os outros foram...

Carmem – Olha, agora eu não posso afirmar pra você, porque faz muito tempo, eu não lembro. Mas essa criança me marcou. É uma criança que eu não consegui ajudar, não consegui resolver... E logo em seguida, no final de 87, 88, com essas informações novas, nós formamos um grupo de estudos aqui em Bragança. A Delegacia também já estava com um grupo de estudos, eu não me lembro exatamente o nome da coordenadora agora, mas nós formamos um grupo particular, entendeu? Era eu, a Luísa, a Telma, que hoje é supervisora na Diretoria... Então a gente começou a se reunir pra pensar nisso. E como estar trabalhando com as crianças realmente.

_ Mas então nessa época, essa proposta de silabação não era uma coisa que estava tão concreta na sua cabeça, ela já estava começando a se desintegrar, vamos dizer assim...

Carmem – Já, porque na verdade eu já tinha isso da APAE. Só que não tinha caminho, na verdade não tinha caminho. E nessa época eu ainda estava muito longe de Bragança. Porque quando você pega o cargo você vai embora, e eu vim ao mesmo tempo em que a Luísa, a Telma já estavam com classe regular, e eu me afastei na Comunidade Vitória, no pré, e eu, no pré, na Comunidade Vitória, aí sim eu coloquei em prática o que? O Proepre e a proposta envolvendo todas as questões que a Emilia Ferreiro colocava. Então eu já fazia um trabalho na minha pré escola dentro desse trabalho diferenciado, da silabação, respeitando, à medida que eu aprendia alguma coisa naquela época com isso, as fases, entendendo como que as crianças escreviam. Porque na Comunidade Vitória eu fazia assim, as crianças eram crianças internas, então de manhã eu trabalhava com essas crianças, na sala, assim, onde a gente fazia um trabalho coletivo, todo dia de manhã, e o trabalho de alfabetização, ou em grupo ou individual, mas uma estrutura mais assim profissional, né? E à tarde eles iam para uma outra sala onde a gente fazia mais o Proepre, que eram os cantinhos, e aí já era uma outra professora, a gente fazia um trabalho junto. Essa classe então, nós conseguimos levar um ano, em um trabalho bem diferenciado, de manhã uma coisa, à tarde outra, uma dinâmica muito boa, eu tinha uma época, uma colega minha que tinha feito também o Proepre na APAE, então ela entendia, e as crianças na Comunidade Vitória saíram silábicas, elas eram, saíram pro 1º. ano silábicas, algumas se tornaram alfabéticas, mas não eram muitas, e a gente fazia as coisas, mas hoje eu vejo quantos erros a gente cometia, mas então eu apliquei já em 88 na Comunidade Vitória essa proposta de alfabetização, e aí em 89 eu vim para Bragança, foi feito a remoção e eu vim aqui pra Bragança na escola Jacyrá Marcondes onde eu fiquei bastante tempo, aí eu saí da Comunidade Vitória e vim trabalhar na escola estadual onde eu fiquei por dez anos. E na Jacyrá então, eu tinha a minha classe de 1º. ano pra alfabetizar, e aí então nós começamos a alfabetizar já dentro dessa proposta. A gente trabalhava com Literatura Infantil, com letras móveis, né? Com palavrinhas... E por vários anos eu utilizei essa proposta para alfabetizar ali na Jacyrá. Só que naquela época, como era um ciclo, a gente ficava dois anos com uma sala só, então, e eu me propunha a ficar, por que? Eu alfabetizava diferente, era diferente isso, e se eu ficasse um ano só, nada garantia que a professora que viesse no 2º. pudesse estar dando continuidade, como era possível isso, eu ficava dois anos com a classe, né? Eu fiz vários ciclos em que eu ficava dois anos com a mesma sala. E aí a gente também continuava com os nossos grupos de estudo, a Luísa, a Telma, a gente sempre recebendo algumas informações e fizemos... Aí o estado proporcionou pra gente alguns cursos dentro dessa nova proposta de alfabetização, que quem deu aqui em Bragança foi a Maria do Carmo Polimeno. E aí então, esses cursos eu fui fazer com a Maria do Carmo. Então a gente já discutia mais realmente toda essa proposta, paralelamente a gente continuava conversando outras coisas, então mesmo em Matemática, a gente tinha algumas idéias já, discutia, né? A gente não era aquela questão do tradicional sempre, a gente tentava algumas coisas, não que fosse o ideal, e a Maria do Carmo trabalhava a alfabetização. Mas eu não fui uma professora de freqüentar a oficina pedagógica na

Diretoria de Ensino. Uma série de circunstâncias, eu me dediquei mais a esse curso, mais ou menos nessa época de 90. E eu tinha contato com a Telma, com a Luísa, e logo em seguida foi elaborado pelo estado, todo um programa para ser aplicado isso, que era aquele programa “Teoria e Prática”, já com a supervisão da Telma Weiz e algumas pessoas de Bragança que, digamos que se sobressaíam, dentro dessa proposta, foram convidadas pra dar, para serem formadoras. E nessa época então, eu fui ser formadora de um grupo de professores aqui em Bragança. Todos os sábados. E a gente tinha então, vários cursos na LD...

_ E foi em que ano?

Carmem – Foi por volta de 90, 91, agora eu não me lembro, 91, 91, a Marília nasceu em 90, eu acho que já foi depois, 91. E esse curso da “Teoria e Prática” ele era um curso que a gente se empenhava muito. A gente estudava muito juntos, a gente ia para São Paulo, nos cursos oferecidos pela Telma, a gente preparava todos os cursos juntos... Tinha eu, a Luísa e uma outra professora chamada Úrsula, algumas professoras de Pinhalzinho, então nasceu um grupo aqui da região. E nossa região, realmente era a que se sobressaía naquele momento, como tendo muitas professoras dentro dessa prática. Tanto que na época, nós ganhamos um prêmio na, num congresso internacional que teve no Uruguai, então foi uma região que tinha professores mais à frente, mas não que por exemplo assim, os pais quase morriam do coração... Eu tinha uma mãe que chegou muito legal, hoje ela é muito minha amiga, mas o menino dela era muito inteligente, só que ele chegou em outubro e ele não lia e não escrevia, e ela então “- Ai Carmem, ele não vai aprender, não vai aprender!” Mas eu me lembro que a minha 1ª sala de 1º ano em 89, ela chegou ao final do ano com uma criança que não era alfabética. Então, assim, na época a gente obtinha sucesso mesmo. E olha que a gente fazia um monte de coisa que hoje, né? Que a gente entende diferente... Então, foi mais ou menos assim, essa formação, aí depois o estado, com a mudança política, toda essa questão desse curso de “Teoria e Prática” que a gente tinha muita chance de estar conversando, de estar aplicando, foi desmontado tudo, né? Acabou a FDE, acabou os cursos do jeito que estavam sendo levados pela Diretoria de Ensino e a gente acabou cada um dentro de sua sala por vários anos sozinhas.

_ E aí nessa época, como é que era?

Carmem – Nessa época eu não fazia mais cursos. Fiquei vários anos assim, até mesmo sem muito contato com a Luísa, de vez em quando conversava só com a Luísa assim, a Telma também já não tinha mais tanto contato assim de estudo, e eu fiquei mais fechada ali na escola mesmo fazendo o que eu sabia. Então o nosso grande problema foi que nós não continuamos a pensar. O grupo de estudo se dissolveu, porque com o impacto que teve com a mudança política, a gente... Na verdade ainda conseguiram, né, porque o nosso grupo de estudos se dissolveu, e outra, a nossa proposta era uma proposta muito difícil de ser, era muito contestada. Na verdade quem era mais contra eram as próprias professoras. A Maria do Carmo Polimeno, por exemplo, ela chegou a sair do estado, a pedir exoneração, porque ela era uma coordenadora e o grupo era muito contra a nossa proposta. Então a gente era considerada mesmo uma espécie de bruxa. Alfabetizava desse jeito, mas ao mesmo tempo, por exemplo assim, alguns setores da cidade, você tinha por exemplo, uma criança que não aprendia, ou uma criança com algum problema mais específico, e eram mandados para a nossa sala. Então eu tive durante alguns anos sempre uma ou outra criança com alguma questão a mais para ser trabalhada dentro das minhas salas de alfabetização, porque elas não se ajustavam às outras salas, e essas crianças que os pais cobravam mais, eles tinham a Diretoria, o que eu vou fazer com o meu filho... Então, durante um certo tempo eu tive sempre alguma criança assim, que precisava de um cuidado mais especial dentro da minha sala de crianças consideradas normais. E sempre com sucesso, eu não posso dizer que eu, que a gente não conseguiu, mas claro que alguns limites sempre tinham. Mas a nossa grande questão era

quando saía, por exemplo, de uma sala de alfabetização, saía dos meus dois ciclos, o que fazer com a criança? A continuidade, a continuidade era muito dura. Então teve criança que até o momento, por exemplo, que tava ali dentro daquela estrutura tava indo muito bem. E quando eu já não conseguia mais ficar comigo, né? Ela foi para outras escolas, nossa, com histórias assim, muito triste, a criança, né? Então, a gente percebeu que houve uma quebra nessa questão... Agora, a Helena nessa história, ela já entra mais ou menos em, agora eu não me lembro o ano, mais ou menos 92...

_ Foi na época em que você saiu de “licença gestante”...

Carmem – Foi. Então foi em 90. Porque o que aconteceu com a Helena? O estado começou a fazer a reorganização da escola, já iniciando todo esse processo de municipalização. Eles começaram a reorganização, então o Mauro Albuquerque (EE) que tinha de 1^a a 8^a queria concentrar só de 5^a a 8^a. Só que eles começaram a fazer devagar, então eles mandaram para a Jacyra o 1^o e 2^o ano, e naquela época, naquele ano, acho que ainda se repetia, depois que foi implantado o Ciclo Básico... Eu sei que nós recebemos uma carta na Jacyra, que crianças com um histórico de fracasso escolar terrível. Eles fizeram uma limpeza no Luiz Alegreti. Pegaram todas as crianças que tinham dificuldade, que não aprendiam e mandaram pra gente. Foi uma coisa assim, de morte, eu fiquei tão revoltada na época... E a Helena pegou a substituição de uma professora do estado ali nessa sala, e ela tentou, começou tentando o que ela sabia fazer, que era silabação. Ela já me conhecia da Comunidade Vitória, mas essa minha proposta da Comunidade Vitória, não era uma proposta assim... O pessoal achava muito diferente. De repente as crianças escreverem daquele jeito, elas eram contra, mas elas também não conheciam... E a Helena também nessa época não tinha contato, mas quando ela veio para a Jacyra, ela pegou essa sala e não dava jeito. E logo no início do ano, março mais ou menos, ela já estava desesperada. Foi quando eu coloquei para ela... “- Olha, se você quiser mudar da água para o vinho, eu te ajudo, eu faço, nós vamos fazer junto, só que você vai ter que fazer assim, assim, assim...” E ela topou. Então é uma sala assim, com muitas questões de aprendizado, muitas crianças com histórico de fracasso, crianças que já não acreditavam mais nelas. Tanto que na verdade demorou três anos para a gente cuidar dessas crianças ali na escola, três anos, eu mesmo fiquei acho que, a Helena ficou um ano aí eu acho que eu fiquei mais um ano com essa turma que em dois anos, acho que uma boa parte foi, mas ainda no 3^o ano eu ainda tive algumas crianças comigo num 2^o ano, porque eram crianças realmente com muitas dificuldades, mas ela conseguiu... Então a Helena começou aí a nossa história junto, e ela sempre uma pessoa assim, com muito afinco, com muita responsabilidade, e com uma diferença, né? Sempre procurando, e sempre colocando as dúvidas dela para a gente ir conversando junto. E mesmo quando ela se afastou de mim, que ela foi para outras escolas. Ficou mais distante, mesmo ela estando, por exemplo, numa escola lá no Nosso Teto, ela vinha até aqui em casa nos finais de semana, ela trazia o que ela estava fazendo para a gente discutir junto, ou telefonava, então, ela sempre assim, querendo acertar. Sempre querendo acertar, e até que agora nós voltamos. Porque eu também sou da Vila Buarque, a mesma escola que ela, né? Voltamos a trabalhar juntas. E eu acho que uma coisa muito importante nela foi exatamente tudo isso. E essa busca, de estar estudando, de estar fazendo o curso, e o mais importante de ela questionar o tempo inteiro o modo como ela estava trabalhando pra ver se estava certo, se não estava. Claro que na medida em que eu sabia, com as minhas limitações, a gente sempre estava conversando e vendo, e ela teve muito sucesso nas salas, e sempre pegou sala com outras questões. Lá no Nosso Teto a escola era muito difícil. Agora, depois de um certo tempo, com toda essa ruptura aí, e com toda essa mudança na educação, a Jacyra ficou só de 3^a e 4^a, e a minha sede era ali. Então eu passei a dar aula para 3^a e 4^a e me afastei um pouco da alfabetização. E eu fiquei um pouco afastada um tempo também de cursos, e porque você ia no

curso e parece que tudo o que você, parece que não acrescentava mais, sabe? Teve um período assim, em que eu ficava muito insatisfeita nas palestras aqui em Bragança, e teve uma época então que eu parei, eu falei, “- Eu não vou”. E daí eu fiquei um pouco isolada. Mas as idéias sobre alfabetização a gente sempre mantinha. As meninas também no Alberto (EM), depois de um certo tempo começaram a perceber a necessidade de estar alfabetizando, e me procuravam, apesar de, digamos assim, na época do Proepre não se falava de alfabetização. Parece que era uma coisa meio nebulosa, você tinha que fazer meio escondido, mas elas faziam algumas coisas, e tinha uma das meninas que era professora aqui, mas isso já tinha passado bastante tempo, o Proepre foi se desmontando, na rede, né? Ele foi se desmontando, e aí ela já estava com essa preocupação, então por exemplo, a professora do pré da Marília, a Marília fez o pré em 96, a professora do pré da Marília ali do Alberto já tinha essa preocupação em 96 em estar trabalhando a alfabetização na pré escola, e a gente sempre continuou trocando idéia, trabalhando em atividades que seria melhor ou não fazer. Mas eu me, assim de grupos de estudo nesse momento mesmo eu tinha me afastado, não tinha. O estado não oferecia mais nada, nós ficamos isolados aqui em Bragança, até agora no ano dois mil e, que foi em 2002 que nós começamos com o PROFA, né? No ano 2001 é que surgiu o PROFA.

_ Fala um pouco da experiência com o PROFA.

Carmem – Olha o PROFA veio trazer assim pra gente respostas para dez mil questões. E quando falaram para a gente assim – “Nossa, vocês querem trabalhar com isso?”. Na verdade a Vasty (Secretária Municipal de Educação), me conhecia muito pouco, mais pela Mary, porque a Mary foi minha diretora e quando eles colocaram isso, claro que a gente já tinha uma história de alfabetização aqui em Bragança, né? Porque as nossas salas por muito tempo eram salas diferentes. Mas a gente tava digamos que parada nesse pensamento, então eu e a Luísa fomos retomar algumas coisas assim, e a gente não tinha idéia de que o curso seria um curso tão bem feito, e tão bem estruturado. Tanto que a gente ficou morrendo de medo e não sabia o que a gente ia fazer. E o mais interessante é que como o PROFA foi um curso que veio para a gente cheio de módulos, nós também fomos descobrindo coisas à medida que a gente dava o curso. Sabe, tinha muitas coisas que para a gente também não era muito claro, inclusive agora, nós estamos descobrindo coisas ainda. Porque à medida que você retoma um texto, você questiona o texto mais afundo. Mas assim como prática de alfabetização, realmente o PROFA trouxe pra gente os direcionamentos, toda aquela dificuldade que a gente tinha que a gente não sabia muitas vezes o que fazer, algumas coisas a gente fazia meio que pela intuição, ele trouxe pra gente essa clareza. Claro que a base a gente entendia, que era o que a criança construía, as hipóteses, alguns questionamentos, mas sem dúvida, pra mim ele veio renovar profissionalmente. Renovou até assim no ponto de vista realmente assim intelectual. Ele veio trazer pra gente momentos pra gente pensar o que a gente não estava vendo.

_ Que veio suprir aquela fase dos cursos que você ia e que não acrescentavam mais nada...

Carmem – É, porque teve uma época que você podia ir, mas não tinha mais mesmo, eram coisas muito abertas. A gente não conseguia respostas para o que a gente procurava. E eu sempre fui meio geniosa, então eu já não ia, entende? E a Luísa já não, a Luísa já frequentou muito a Diretoria de Ensino, os grupos, questionava muito, mesmo a parte de Matemática e eu ia meio assim fazendo as coisas porque eu tinha contato com ela... Mas eu sempre fui muito brava em relação a essas coisas, porque eu sempre fui muito brava.

_ Fala um pouco do seu relacionamento no PROFA.

Carmem – Eu me coloco muito com elas como colegas e que a gente está aprendendo junto mesmo, sabe? Eu me coloco muito junto assim, porque eu sei que eu aprendi muito, e que eu

estou aprendendo muito, entende? Então eu posso ter algumas coisas claras, mas essa troca é muito importante.

– Quando vocês oferecem o PROFA, na verdade é um investimento de vocês... Como é que elas te devolvem isso?

Carmem – Eu acho assim que a melhor devolução pra gente é quando realmente a gente vê assim o que algumas professoras – a gente não pode dizer que é totalidade – mas o que elas estão fazendo em sala? E eu acho também assim, veio assim, está vindo em termos de Secretaria de Educação, porque os professores realmente com o PROFA, foi como uma pólvora, né? E o pessoal viu que tinha que se mexer, e que tem que fazer alguma coisa, e que alguma coisa está errada, mesmo que eu não saiba o que fazer. Então eu acho assim, eu tenho grandes esperanças, não, claro que cada um dentro do seu limite, né? Porque por exemplo, tem professores, que você pode dar o PROFA inteiro e ele continua acreditando que a memorização que é importante, que é repetir. Você vê que a concepção, que ele não conseguiu sair da concepção dele, mas mesmo esse profissional, ele precisa de um tempo. Eu me questiono muito, eu me cobro muito “olha o que está acontecendo com essa sala”, porque a gente troca muito com a Luísa, né? Agora, a Luísa é uma pessoa mais pausada, então, sempre retoma essas coisas e realmente ela tem razão. De repente você tem uma classe de pré-escola, que você tá vendo que o resultado não está saindo como poderia, mas tem as variáveis: que cada pessoa é uma pessoa e que aprende de um jeito. Mas que sem dúvida nenhuma, a gente vê por exemplo as salas de pré com um monte de alunos alfabéticos, um Jardim I com crianças conhecendo letras, se tornando silábicas, sabe? Eu acho que o número de professoras que se interessaram, eu acho que tudo isso é muito positivo, traz pra gente mesmo. Isso dá uma esperança, mesmo que a gente saiba que essa mudança vai demorar mais tempo pra gente ter isso mais concreto. Mas também tem que ter mais reflexão. Você fez o PROFA, o PROFA tem muita teoria, é um curso muito pesado. Dado assim, porque toda unidade tem uma informação, um questionamento. Então nós vamos ter que ter um tempo para ter mais reflexão com as professoras, fazer elas retomarem as coisas. Aquela que fez o PROFA, tem que retomar. Porque não adianta falar que só fazer o PROFA resolve, tem que acompanhar. E não que eu não tenha feito coisas muito erradas não, porque por exemplo em 3^a e 4^a, algumas questões sempre foram difíceis pra gente. Por exemplo, como estar tratando a ortografia, as questões da gramática. Porque eu nunca tinha trabalhado com 3^a e 4^a e quando você tem uma proposta assim, eu alfabetizei durante muito tempo os dois ciclos, e pra mim realmente o importante era as crianças estar se tornando alfabéticas e trabalhar com textos e correção com textos e leitura. E eu mesmo fui para o outro lado da vara, vamos dizer assim e para mim a ortografia naquele momento não era visto de jeito nenhum. Era só a leitura. Então chegou um tempo que eu não sabia mais o que era dígrafo, entendeu? Porque pra mim eu não dava importância pra isso. Então quando eu fui para a 3^a e 4^a, eu tive que retomar e repensar algumas coisas. Então eu acho que a minha prática de Língua Portuguesa foi até que bem tradicional mesmo em relação a essas coisas. Quando eu vejo agora o que o PROFA propõe, e algumas coisas a gente nem entendia direito. A questão da gramática, só que eu nunca me aprofundi nisso. Eu sempre dava mais importância pras questões de produção de textos, mas também fiz, entendeu, de por lá o ponto no quadro, os substantivos. Porque também não tinha o que fazer com isso, sabe? E eu vejo assim que faltava nesse momento a gente realmente para estudar, porque, por exemplo, o PCN, eu já tinha lido o PCN. O porque eu não entendia o PCN tão bem, entende? Eu já tinha lido. O PCN de Língua Portuguesa é muito bom, mas a forma como foi dado, nós não entendíamos. Eu acho que o que faltou pra gente foi uma proposta assim, da gente sentar e pensar aquilo. Sabe, como uma espécie de uma bola de neve, parecia que a gente estava sendo levado assim. De repente você entra numa rotina e você não sai daquilo. Então o que ficou pra gente é que a gente tinha compreendido

muita coisa em relação ao construtivismo e acima de tudo a gente acreditava nas pessoas. E o compromisso, porque eu saí de uma APAE, onde eu tinha toda uma estrutura de profissionais, uma coisa maravilhosa e eu vim pra um estado. Então, no estado de repente agora acabou, eu vou voltar, vou usar cartilha como todas as professoras usavam, só que como realmente eu tinha mudado a minha concepção, eu não acreditava mais que as crianças podiam aprender daquele jeito. Eu acho que isso que se tornou forte pra mim, e era a minha fala para as professoras. Só que teve uma época que eu realmente parei de falar um pouco, parece que cansava um pouco. Porque não tinha um eco mesmo. Não adiantava falar. Os professores parecem que não estavam muito interessados.

— E hoje, é melhor do que antes?

Carmem — Ah, sem dúvida, pelo menos assim, eu acho que agora os professores estão despertos para o aprender, entendeu? Eu sei que tem gente muito tradicional, que não quer nem saber de pensar nisso na rede, mas os nossos professores são muito jovens também, né? E eu sinto que existe uma preocupação da parte deles em estarem entendendo, aprendendo. Porque essa questão de estar pensando é importante. Os professores vão nos cursos, então, a gente sente que já existe esse eco na rede. Todo o momento de transição é muito difícil. E nós estamos num momento de transição. E quem passa e vive a transição, sofre mais. Porque a gente, quando lá em 88, quando nós nos propusemos a fazer um trabalho assim, era como se fosse bruxa mesmo, bruxa na fogueira, porque onde já se viu deixar a cartilha que é tão boa, né? E naquela época a gente teve que ser muito forte para permanecer no que a gente acreditava e hoje a gente tem que ser também, porque tem a ala contra...

—...

Carmem — ... E o que mais eu posso falar para complementar... Eu acho que essa questão de você tomar o gosto pela profissão, como você colocou daquela vez, eu queria ser bibliotecária, enredei pelo magistério, eu acho que realmente a gente toma, é uma questão de uma responsabilidade, né? Você vai aprendendo, você vai assumindo aquilo, então, dentro da sala de aula assim, quando você vê a Helena dar uma aula, a Helena se joga na aula, ela dá o sangue. E essa é uma grande diferença também, sabe? Para aquele que fica meio na retaguarda, eu acho que a gente ainda faz parte de um grupo de professores que dá o sangue ali dentro, quando tá ali dentro, tanto que quando eu saio de uma aula por exemplo, eu sempre saio muito cansada, muito exausta fisicamente e aí é um problema grave quando você dobra período. Quando eu comecei a dobrar período, pra mim foi uma coisa terrível, porque eu trabalhava só meio período e isso era muito bom. Eu podia estar na minha casa, mas eu estava na minha casa pensando o que eu ia fazer, o que eu não ia. Então você tinha um tempo para amadurecer as coisas. A Egler que falava assim para a gente — “Primeiro, quando você vai propor fazer alguma coisa, a coisa embola, depois você tem que estar pensando, pra você ir espalhando essas coisas”, né? e eu acho que falta um pouco isso agora para o professor. Eu acho que quando você dá dez horas de aula por dia, é sobre humano. Eu senti muito ter que dar dez horas de aula por dia. Quando veio a questão da municipalização, e as próprias condições sociais do país, leva você a ter que fazer tudo isso. Então o professor fica desgastado fisicamente, espiritualmente, não dá tempo de você pensar. Eu acho que eles são heróis, porque trabalham dez horas por dia e à noite ainda vão no PROFA (risos).

—...

Carmem — Então, uma coisa que eu não falei muito, que foi a influência da Egler. A Egler foi assim uma pessoa que fez com que desde o primeiro momento que eu entrei na APAE, a gente sentava, a gente fazia um planejamento, uma proposta. Era uma pedagogia feita assim, com muita seriedade, sabe? Quase que cientificamente, porque você pensava muito sobre as coisas, o que eu

acho que falta muitas vezes quando você entra numa escola e você se deixa levar. E ela me influenciou muito, quando ela trouxe pra gente toda a questão do construtivismo e essa questão de você estar presente na sala, você ter essa responsabilidade. Sem dúvida nenhuma, a Egler, na minha vida profissional ela é um marco assim, entende? Porque uma boa parte assim do que eu sou, eu devo a ela. Dessa visão, dessa formação, de ir atrás, de estudar, de abrir os olhos pra outras coisas. Então é uma pessoa assim que eu considero muito.